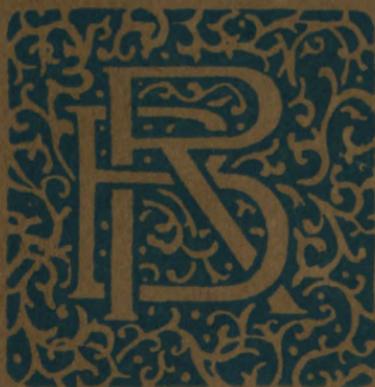


J. C. Monteiro

Monteiro Lobato



Idéas
de
Géca Tatú



EDIÇÃO DA REVISTA DO BRASIL

869.84 M1775:8

4 00



FORD·UNIVERSITY·LIBRARY
BRANNER BRAZILIAN COLLECTION

M. D. J. C. Arantes
Instituto de
M. L. de

IDÉAS
DE
GÉCA TATÚ

MONTEIRO LOBATO

IDÉAS
DE
GÉCA TATU



Edição da "Revista do Brasil"

S. PAULO

1919

Correcak

869.84

M7754g

330781

YVA98L1 0807MAT2

DEDICATORIA

**A MARTIM FRANCISCO, a personalidade feita homem,
este grito de guerra contra o macaco.**

S

PREFACIO

Uma idéa central unifica a maioria destes artigos, dados á estampa n'«O Estado de S. Paulo», na «Revista do Brasil» e em outros periodicos. Essa idéa é um grito de guerra em prol da nossa personalidade. A corrente contraria propugna a victoria do macaco. Quer, no vestuario, a cinturinha de Paris; na arte, *Aveugles-nés*; na lingua, o patuá senegalesco. Combate a originalidade como um crime e outorga-nos de antemão o mais cruel dos attestados: és congenialmente incapaz duma attitude propria na vida e na arte; cópia, pois, ó imbecil!

Convenhamos: a imitação é, de facto, a maior das forças criadoras. Mas imita quem assimila processos. Quem decalca, não imita, furta. Quem plagia, não imita, macaqueia. E o que os paredros do «dernier cri» fazem não passa de caretas, guinchos pinotes de monos glabros em face dos homens e das coisas de Paris.

— Macaquitos, então?

— Upa! Macacões!

Geca Tatú, coitado, tem poucas idéas nos miolos. Mas, filho da terra que é, integrado como vive no meio ambiente, se pensasse pensaria assim. Justifica-se, pois, o titulo.





A CARICATURA NO BRASIL

ANGELO AGOSTINI

Anda para cinco mezes que abrir um jornal vale tanto como estripar um porco de ceva, tal o bafio de sangue escapo dos telegrammas, das chronicas e até desse tanque de lavar roupa que é a secção livre.

Isso, afinal, engulha. E convida a passeios por veredas afastadas do matadouro, onde os pés não chapinhem em poças de sangue nem se repastem os olhos na rez humana carneada a estilhaços de obuz.

Diga-se, como aqui, da caricatura, maldade velha que nasceu quando o animal que ri farejou no repuxo dos musculos faciaes os elementos duma nova arte de matar ás claras — matar moralmente, já se vê. E que nasceu na Grecia, para vehiculo d'um alcaloide quint'essenciado de engenhosas perversidades, a «eironeia», do qual foi Socrates manipulador emerito quando apprehendeu confundir a turba empavonada dos sophistas.

Nada mais, desd'ahi, se forrou nunca ao arduo dos venenosos ferrões, nem homens, nem deuses, nem... cavallos.

O que succedeu ao escoicinhativo Pégaso deve ser dicto a todas as alimarias, aladas ou não, de quatro pés ou de dois, para memento da inanidade das prosapias cavallinas. Não lhe prestou ser elle um Moysés hippico, abridor de fontes a coices; nem o honral-o Appollo com os divinos fundilhos no dia em que, de visita a Baccho, o encalvagou em pêllo, com as nove musas arrumadas á garupa. Nem lhe valeu ainda a honraria insigne de tirar o carro da Aurora. Caricaturaram-no irreverentes athenienses de asno enfeitado com azas de ganso, a tropicar pelo cabresto d'um Bellerophonte manco, amarrotado de tombo recente.

Não gostou Jove da brincadeira, e, de sobr'olhos refranzidos, esbrugou o magnifico poldro em mil pedaços, estrellejando com elles o ceu na zona comprehendida entre a constellação de Hercules e a dos Peixes.

Mas o seu, delle Pégaso, avatar asinino cá ficou na terra, murcho d'orelhas, atido á prebenda de levar ao Parnaso, no trote, a meia humanidade que ahí pelas cercanias dos 18 annos quebra pés a versos e corre a choramingar sonetos no collo da boa e santa Polymnia todas as vezes que lhe embezerra o namoro.

Depois de Pégaso, Jupiter.

Um discipulo de Appelles encafuou o Tonante em tela humoristica de gorda vóga : «Jove parindo Baccho.» De mitra á cabeça o deus dos deuses esquece a serenidade olympica, e berra como descompassada ilóta da Laconia, pondo em dobadura as deusas alli reunidas com panninhos, bacias e mais farragem obstetrica.

De Jove para cá ninguem nem coisa nenhuma se saboreou de imunidades.

Descerre quem fôr curioso uma porta qualquer da Historia, e espie para dentro das epochas — das oxygenadas como a Renascença, ás pestiferas como a tumba saniosa do anno mil — e lá lhe ouvirá o riso escarnicador num eterno latir contra as prepotencias do pharisaismo de mil e dez caras.

Lá verá, na Allemanha, acurvado na prancha, Holbein, saracoteando os esqueletos da Dansa Macabra.

Mais adiante, na Flandres, Ostade, Dow, Teniers e tantos bonachões flamengos, a pintar mazelas sociaes com um chiste mais dosado em untos do que em fel.

Em França a caricatura se publicava na pedra das cathedraes. Houve um Saldanha Marinho da epoca, Pedro Cugnières, que, por incorrer no odio theologico, se viu desfigurado em pedra e mettido em mau canto. duma cathedral; os coroinhas apagavam os cirios de encontro á sua bochecha, a

qual, no correr do tempo, se transformou em informe pelota de cera pigmentada de morrões.

Além Mancha, Hogarth satirisava as coisas inglezas em agua-sfortes embrechadas de confusas tenções, intenções e sub-intenções reveladoras de um talento de marcheteiro charadista.

Os lerdos vehiculos da época, folhas volantes, quadros, pedras de cathedral é que tolhiam o folego à sua ancia de rir e ferrotear pelo desenho. Faltavam-lhe azas, á motuca verde dos subtis venenos.

Deu-lh'as, um dia, em Strasburgo, certo sujeito emigrado de Mayença, homem muito mettido consigo e sempre occupado em escarvar pausinhos. Pelas artes de tal mago se viu a caricatura sagrada como a quarta arma de guerra do pensamento humano. E desde então nunca mais correu calmo o somno dos reis, dos ministros, dos Falstaffs, dos Gerontes, dos Lovelaces, dos Ferrabrazes, dos Bertoldos, dos Brummeis e dos Acacios.

E a arvore cresceu, esgalhou-se pelo mundo inundando-o de folhas periodicas.

Entre estas primou, em França, o «Charivari» onde os ferrões eram Daumier, Phillipon, Grandville e Graviès, servidos no texto por um cozinheiro de polpa, Balzac. Gavarni tambem pousou nelle, na phase mais vibratil do seu genio amigo de perambular pelos bastidores da alma humana para

escorçar num relampago o pensamento que a palavra esconde.

Occupava o throno ainda quente de Napoleão, apesar das nadegas frias do Carlos que o esfrolou, um rei eclectico sobre cuja corôa o parlamento enterrára uma cartola de feltro.

O formato da cara gordanchuda de Luiz Philippe matou-o, e á sua dynastia, e ao seu eclectismo. Semelhava uma pera. A pericultura franceza contava em seus pomares cento e quarenta variedades dessa fructa; com a do rei ennumerou cento e quarenta e uma.

Quem deu pela semelhança foi Phillipon, e logo o «Charivari» abriu campanha. De mil artes ageitava no desenho as bochechas reaes como o bojo da fructa, o resto da cara como o pescoço e o topete como o engaço. A semelhança era estupenda. Era o rei e era pera.

Abespinhou-se o rei, e os tribunaes chamaram a contas o pericultor do «Charivari», instruindo o libello com quanta pera sediciosa foi possivel colher com estylo ou assignatura de Phillipon.

Defendeu-se este com socratica ironia, apresentando aos juizes uma demonstração graphica de como, partindo do retrato do rei, por meio de uma série de desenhos intermediarios, cada qual muito semelhante ao precedente, se chegava a uma rica pera «belle-angevine» — do que a natureza, não elle tinha culpa.

A carranca do tribunal demudou-se em risos. Prodigio! Se ria Themis salvo estava Philipon e condemnado «Philip-poire». Não obstante, para consolo do rei, arrumaram com uma penasinha ás costas do caricaturista.

Foi peor. Recresceu de viço a caricatura piriforme. O «Charivari», publicando a sentença condemnatoria, dispol-a typographicamente em forma de pera, a geito da propria sentença virar caricatura real.

E o publico babou de risos.

Daumier, por seu lado, proseguiu na «scie». E' delle, cremos, uma paisagem de vaccas em pastorejo, todas de costas voltadas para o espectador; o trazeiro dellas, «escudo» em anatomia bovina, simulava uma pera de engenhosa pareçença com a «belle-angevine» de Luiz Philippe.

Da polpa de tal pera grelou a revolução de 48, agigantando-se a [caricatura pela consciencia da força collossal que a ponta de um lapis polarisa quando o enristam os Gavarni, os Daumier, os Graviés.

Na Inglaterra, o «Punch». O «Punch» é um «whig» de inalteravel bom humor cujos trajes de polichinello escondem a farda de um policia de costumes. No texto Thackeray empalhou a fauna inteira dos «snobs» de modo a constituir o «British Museum» da mentira social, não só ingleza, mas humana.

Desses precusores enxameou a legião actual.

Não ha paiz hoje onde a caricatura, canalizada em periodicos, não vice, feita um genero de necessidade tão premente á bilis da civilisação como o jornal de ataque ao governo.

Como a ironia, mais o chiste, não são plantas vulgares, e porque rir-nos uns dos outros é necessidade diaria, para desobriga do figado, custeia cada povo suas motucas, os caricaturistas, como nas côrtes medievaes, por fome de lyrismo, se cultivavam trovadores e poetas officiaes, de pé-gaso arreado á porta para pulinhos ao parnaso em dias de anniversario regio ou nascimento de principesinhos.

E em nada como na obra do caricaturista transluz mais diaphana a alma de cada nação. O seu modo de pensar colectivo reflecte-se em tiques no rir dos seus humoristas.

A Allemanha, pelo «Lustige Blatter» e «Fliegend-Blatter», os mais typicos, ri o grosso riso germanico onde estúa a muita mocidade e o crepitante «Worwaerts» do esplendido barbaro moderno; a graça é sadia mas sempre denunciadora de um «bock» preliminar. No «Simplicissimus» de Munich, porém, não ri, «ricane» com impaciencias coiceiras dum Mephistopheles peado na acção. Os anhelos informes duma Allemanha nova, que ouviu e ponderou as falas de Zarathustra, bosquejam andaimes alli.

Tudo muda, transpostos os Vosges. A França ri como os arthriticos grisalhos em uso das doses maximas de iodureto. Não mais com a ferocia canibalesca de 89, nem com o riso resoante a clarins do primeiro imperio. Sorri — de si, dos alemães, do mundo inteiro, vincando o sorriso dum scepticismo cançado de rez gorda trazida d'olho por truculento magarefe. Compulse-se o «Le Rire», palco onde sorriu toda a geração oriunda na desova do «Charivari». De Hermann Paul, o Mau-pessant da expressão fugidia, — ao rabelesiano Léandre; de Willette, cuja philosophia acida transpira sob a roupagem dos «pierrots» — a Forain, varejeira cruel do «amor pariziense», em parenne esvoejar pelas alcovas suspeitas no afan de espetar alfinetes no «mâle» que entra e sae, e na «femelle» que fica; de Guillaume, senhor de um lapis amaciado a Crême Simon e só á vontade nos salões elegantes aos borboleteios sobre as espaduas femininas — a Huard, o paisagista da alma provinciana, — todos riem sem alegria intima, delidos de saude animal, presas que são do cansaço ambiente duma cultura a emmurchecer e derrubar as primeiras petalas, como rosas de tres dias. E' o riso verde.

A Inglaterra, pelas gaifonas do sempiterno «Punch» e filhos, ri entre dentes, sem tirar o cachimbo da bocca; laiva-lhe o imperceptivel jogo dos musculos faciaes um rictus muito de carnívoro entaliscado no triplice açamo da casaca, do

«cant» e da Bíblia. Não ha outro riso possível num povo que cultiva o orgulho como os velhos hollandezes tulipas, que possui a India e morre de fome sob as pontes, e que sabe extrahir da Bíblia um suppedaneo moral a cada appetite — do que o levou a aperrar um bacamarte ao peito dos «boers», ao recente, que o fez apanhar a lança do manchego para sacudir dos hombros da Dulcinea belga as unhas grifanhas dum appetite maior que o seu.

A alma italiana entremostra-se na caricatura a arquejar entre os escombros irremoviveis do passado e as ancias insoffridas duma era nova, fulgurada ante os olhos da plebe pelo eterno reflorir dos Gracchos.

Em face do Vaticano móra o «Asino», especializado em morder nas frascarices da batina tanto quanto nas da corôa. Pelo «Fischietto», «Pasquino» e os mais, não ri para rir, cultivando arte pela arte, como em França, nem desfere as vermelhas cascalhadas do tedesco; ri com intenções constructoras, por negocio, fitando em mente uma Italia prefulgida no futuro em amplo desabrolhar-se de colonias e mercados novos — com o Trentino já a tilintar nas algibeiras.

Da Russia diz-nos sua caricatura de como se extremam uma civilização quasi franceza e uma barbarie quasi laponia.

Já na America resalta a feição negocista da caricatura yankee. «Judge», «World» e cem mais

parecem grelos da mesma empreza, alguma «Caricatural Works Manufacturing Co. Ltd. de Springfield, Ill.» aporfiada em manter no humorismo o tom nacional do «greatest of the world». Não afina a ironia pelos moldes gregos restaurados em França; caldea-a nas fornalhas do «business» para commento das grandes luctas dos «trusts» entre si e o Estado.

Tio Sam, de cartola felpuda bandeada de estrellas, grandes bicos no collarinho, calça apresilhada aos pés, disputa de mãos no bolso com o atarracado John Bull, ou arenga e puxa orelhas a mexicanos de chapeirão. Para tio Sam é mexicano tudo quanto vegeta do Panamá á terra do Fogo.

Esquecia-nos Portugal. Este paiz viveu largo tempo vida de antiquario, sopesando a ruma formidavel de glorias que se lhe empilharam no lombo. Não descerrava o sobreceño no receio de, ao desfechar alguma casquinada, quebrar-se o aprumo e virem abaixo as glorias. Só Camões o deslombava. E o Gama? O condestabre? Pombal? O Lidador? A historia de um cento de Albuquerquees terriveis de saber de cór... A India, o Adamastor...

As cariatides não riem quando o peso supportado é de vulto, e Portugal immobilisára-se á beira da Europa feita a cariatide sopesadora de formidaveis glorias.

Se algum irreverente arriscava, de quando em longe, algum frouxo de riso, o «pssiu» ambi-

ente gelava-lh'o em careta. E quando não bastava o «psiu», vinha lá a dose de estadulho, panacéa de uso externo de que se abusou em Portugal mais que permite o coefficiente de resistencia do lombo humano. Além disto havia ainda o Limoeiro.

Esta sisudez de conselheiro chegou até ao «Primo Basilio».

Por estas alturas cerrou fileiras a famosa pleiade de cujos risos procede o Portugal moderno. Ramalho e os mais espadaúdos cobriam a frente brandindo páus ferrados. Á retaguarda, Oliveira Martins e o corpo de pontoneiros prepostos a reconstruir nos escombros. Formados, sacudiram no ar espesso de teias de aranha a Ideia Nova, qual cobertor vermelho á cara de um touro de péga.

O que houve de idolos esmoucados, tradições deslombadas, velhas idéas derruidas, escarpelamentos, sarjaduras ao vivo, cans venerabilissimas tosquizadas a escovinha!

A maior victima foi o conselheiro Legião, Acacio de nome. Não lhe valeram sete seculos de sabias digestões de vitella, nem o trazer a India no ventre e enceleirar no cerebro bom senso aos almudes. O conselheiro era meio Portugal. Arrear-lhe as calças em publico foi terremoto de maiores consequencias que o de Lisboa. Depois da «Morte de D. João» ninguem morreu com maior solennidade.

Mas deixou muitos filhos naturaes.

Desbravado o terreno, a caricatura floriu, rica de viços, culminando em Bordallo no «Antonio Maria» e «Pontos nos i i», os periodicos humoristas que melhor forneceram riso a varejo, no tom, timbre e estylo mais ao paladar do publico renovado.

Depois que Bordallo trocou o lapis pelo barro de Caldas, onde modelou os maravilhosos potes creadores da moderna ceramica portugueza, o intercambio do riso entre o humorista e o publico desmedrou. Hoje renasce.

E entre nós ?

Occupará meia pagina, se tanto, na historia mundial da caricatura o relato da nossa.

Explica-se a mingoa.

Enquanto colonia, funcionou o Brasil como a ilha da Sapucaia de Portugal. Vinha a varredura. Despejavam-nos cá quanto criminoso, farru-pilha ou malandrim azoinava os ouvidos austeros das Ordenações do Reino. Depois, canalisou-se de Angola para o eito, onde o selvajem emperrára, a pretalhada inextinguivel.

Muito espaçados entre si os nucleos urbanos *in fieri* e muito rarefeitos de fogos, inda os rondava o jaguar aos mios, d'olho nos bacorinhos encheirados pelos quintaes, e não raro ricocheteavam flexas no gallo de lata das egrejas. Assim, scelerados, meirinhos e pretos d'Angola *intra-muros; extra-muros* sertão, papagaios, on-

ças e aymorés sanhudos — o Brasil não dava ensanchas para a mais flebil bruxoleio de arte.

Durou isso até á petecada napoleonica que botou um rei cá. D. João trazia nas malas, entrouxadas um tanto ás pressas, toda a farragem necessaria a uma civilização incipiente: fidalgos de polpuda prosapia, nobres matronas, almotacés, estribeiros-móres, açafatas da rainha, vicios de bom tom, pitadas de arte e sciencias, modas e mais ingredientes basicos de uma monarchia preposta a pegar de alporque numa terra já atravessada de Angola.

A acompanhar tanta caricatura não vir nenhum caricaturista!

Que themas! Uma côrte das mais arrebicadas do velho mundo armando tenda no pateo duma colonia carrecional, entre rumas de pau brasil e caixas de assucar; a turba das pretas minas a rodeal-a, com grandes beijos cahidos e maiores olhos arregalados; um tucano na estipite da jissára a saudar os futuros costureiros do seu papo... Preluz-nos a visão que de taes scenas teria um Heat Robinson...

O vendavel Napoleão; a rajada que sacode a peninsula; a côrte enfardelando o throno; o alvoroço do embarque; a viagem apressada...

O Estado, esse monstro de truculenta omnipotencia, pyramide com esbirros e meirinhos ao pé e um deus acavallado no apice, desmanchado em peças, desparafusado, a enjoar como qualquer

embarcadiço de primeira viagem, dentro de brigues e fragatas comboiadas d'olho por uma esquadra ingleza... Ah! J. Carlos...

Lançam ancoras as náus, começa o desembarque, guincham alcatruzes. Descem por elles engradados, caixas, caixotes. Carroções pegam da carga e arremettem em disparada. Leva um as peças do poder moderador; outro, a ministrança; aquelle, os tribunaes estrouvinhados, de pyjama, barbas de mez e chinellas do ourelo.

A Casa da Supplicação vem desmontada; as partes de vulto passam em carretas; as mais delicadas, vidraças e espelhos, em lombo de pretos do ganho.

A Soberania Nacional geme numa padiola; vem muito pallida com ares de ethica em usos de fígados de bacalhau; açafatas consoladoras ladeiam-na dando-lhe a bebericar agua de melissa, para o nervoso. Que a poria assim? Enjôo do mar, talvez...

Atraz, uma megéra desnalgada, desdando o nó de uma venda de olhos e a mancar dos quartos. Segue-a um molecote sopesando uma balança com o fiel entortado pelo tranco de um carrejão. Será a Justiça?

A traquitana de Elias Lopes conduz a passo uma mumia velha e relha, a dormir: Instituto Historico pela certa! Aquelle somno...

Dez juntas de bois tiram em zorra o megaterio empalhado das Ordenações do Reino.

Num grande cofre de segredo dormem as razões de estado, lubrificante sem o qual os governos vão á garra.

Pelo caes pilhas de bagagem aguardam transporte; ha latas recheiadas das fitinhas, rodellas e estrellas com que de um chapelleiro enriquecido se constróe um solido barão; ha vasos de barro com plantas exoticas e num delles viça o aulicismo que na nova patria se acclimará melhor ainda que o café.

O beija-mão, a rainha e o protocollo já lá estão em palacio, a compôr-se.

Passa o rei. Como as ratazanas destroçaram no porão do navio o pallio, substituem-n'o tres guarda-sóes de seda de tres ouvidores recepcionarios. Vein abatido, a suar em bicas, com as mãos gordanchudas procurando compôr as amolgaduras da corôa; traz na testa o vinco azedo das más digestões. Um fidalgo cruza com elle, de cigarro á bocca; a magestade, offendida, argúe, acrimoniosa:

— Sr. barão, onde pára a etiqueta?

O de cincoenta avoengos toma o lembrete muito ao pé da letra.

— Saberá V. M. que ainda está a bordo, engradada — e segue saltitante.

O rei enxuga o suor e suspira. Mas ao quebrar certa esquina recebe o primeiro presente, das mãos de Elias Lopes: uma quinta. Desannuvia-se-lhe o rosto.

-- Já tenho onde dormir, ora graças!

O desembarque do Estado prosegue até noite alta; suas entranhas entremostam-se crúas pelo caes, seus scenarios de papelão, os sarrafos dos bastidores, bacias e vassouras, as caçarolas e caldeirões onde se cosem os angús políticos, o Fisco — canzarrão de dentuça arreganhada e de muito máus figados, conduzido no açaimo pelos meirinhos.

Na lufa-lufa do desembarque, em Lisboa, muita peça se quebrou, cahiu no mar ou se esqueceu pelos cantos do palacio. Porcas e parafusos, sobretudo — donde, ao armar o Estado novo, ficarse elle bambo, frouxo de mancaes e perro. Entre as coisas avariadas vinha a urna eleitoral; remendaram-n'a como lá puderam mas nunca houve funcionar a contento: a peça perdida devia ser alguma mola real...

Dois frasquinhos de homeopathia ninguem descobriu onde paravam: continham noção do dever e responsabilidade, em granulos.

Gavarni! Gavarni!

Após o desembarque, a accommodação provisoria, o primeiro contacto entre o povo e o alporque. Distribuein-se-lhe as peças pela cidade; o conde dos Arcos para a rua do Sabão, o das Aduelas arrumam com elle para cima de um negreiro que tem casa de azulejos para o largo do Rocio. A cidade pintalga-se de brazões reluzentes

Na quinta de Elias Lopes vae grosso tumulto de arrumações emquanto a realenza gravemente

come o jantar. O rei trava relações com o tutú de feijão preto com torresmo, e gosta; já a rainha sarapanta-se, deante da travessa de bananas de S. Thomé assadas ao forno. Dois mordomos, ao pé, confabulam apprehensivos.

— E o throno? onde se metterá a tipoia?

Ha vacillações, mas o rei acóde logo, mastigando um naco de vitella.

— Aqui mesmo, alli ao pé do guarda-comida.

Finda a collação, o primeiro borborigma governamental ecôa. D. João, contente, de estomago alegre, pés já mettidos no chinellão e o corpo num chambre de seda com quinas bordadas a matiz, sorve goles de café e... assigna a declaração de guerra á França.

Gavarni! Gavarni!...

Nós é porque somos o povo mais sorna do continente, e o que menos ri, e o que, quando por necessidade hygienica de arejar o figado, nos prescreve o medico umas sacudidelas intestinaes por meio da gargalhada, vamos buscar em França «Pericholes» esquecidos de que as temos em casa rabelaisianas. As doenças do figado matam-nos de tristeza.

O remedio é rir e não nos rimos porque não sabemos rir, porque somos o animal que não ri.

O riso nosso é uma careta muscular sem genese n'alma. Pelos casinos, diante de cançonetistas francezas de «tutu» na cintura e duas rodela de

zarcão na cara, o brasileiro come-lhes as pernas com os olhos e careteia nas frascarices mais accentuadas, sem entendel-as.

E sae assobiando arias, muito ancho, na convicção de que riu e de que se divertiu.

Nos «garden-party» do Velodromo: parece que se reúnem alli os paulistanos para o saímento funebre da Alegria. Taes festas teriam melhor scenario no cemiterio do Araçá, onde ao menos ririam as caveiras dentro das tumbas.

Os rapazes, recém-sahidos do alfaiate, só tem olhos para o vinco das calças; em vez de elegantes saem-nos bezerros bem enfarpelados, mas com visiveis symptomas de tenia.

As moças entrexaminam-se de esguelha; lembram terneiras de raças recobertas de gazes e sedas, mal acclinadas e corroidas do mesmo mal dos rapazes. Circulam, bocejam, e lá se vão, nos autos reluzentes, como somnambulas.

O mal do paiz ou antes, o mal paulista é esse, a bezerrice. Se algum chimico decompuzer o ar que se respira nos salões da Paulicèa talvez encontre algumas moleculas dum novo gaz ambiente, o bezerrogenio.

Materia de riso ha ás toneladas, para todos os paladares, para a chalaça offenbachiana, para o sorriso de Eça, para o rinchavelho adiposo de Rabelais. Não obstante, os nossos revisteiros e comediographos importam da velha Grecia os Tele-

macos e Ulysses com que hão de divertir o público. Os nossos poetas são um chorar lagrimas como punhos sobre illusões perdidas — no fundo das quaes toda a gente percebe um amanuensado que fallhou, quando não a taboia da menina enfermiça de figados em cujos olhos de vitellinha chlorotica se afogou o coração do tolo. Não se dá tento do comico indigena, nem surge lapis que o ironise.

Onde melhor opereta que no “intermezzo” de D. João VI, ou neste, vivido durante quatro annos, que, em desenvolvimento a um *thema* bosquejado por Caligula, realisou o consulado de Incitatus?

Pois apesar de tal riqueza a caricatura só em meados ou fins de Pedro II entrou a germinar com sementes trazidas de Italia por Angelo Agostini.

Desembarcou esse artista com muita coragem no animo e uma pedra lithographica sob o braço.

Olhou em torno e viu pouco mais que um vasto “haras” onde se caldeavam raças: havia a mucama, a mulatinha, o negro do eito, o feitor, o fazendeiro escravocrata, o “Jornal do Commercio”, dois partidos politicos, o Instituto Historico e um neto de Marco Aurelio pelas cumeadas, a estudar o planeta Venus por uma luneta astronomica.

O feitor em baixo deslombava negros; a mucama no meio educava as meninas brancas; no al-

to uma boa intenção de chambre lia os Vedas no original.

Seduzindo-lhe o paladar esta curiosa ilha da Baratária, alugou casa e fundou a “Revista Illustrada”, primeira manifestação seria de desenho humorístico entre nós. A sua voga foi larga a ponto de permittir ao desenhista viver do producto das assignaturas durante longos annos, sem arrimar-se ás muletas da “cavação”, desconhecida na época. Penetrava sua revista em todas as casas. Deliciava as cidades tanto quanto as fazendas.

Scena muito typica em côr local era a do fazendeiro chegado da roça, encalmado, sentar-se á rede, pedir café á mulatinha e abrir a revista. Os desenhos bem acabados, muito ao sabor do seu paladar e cultura, desfilavam ante seus olhos criticando com bastante chiste os acontecimentos da quinzena, quasi sempre politicos, que de velha data outra coisa não ha que nos interesse. Sua physionomia illuminava-se de risos saudaveis.

Via Pedro II de chambre a espiar o céu pelo telescópio; um ministro arrepanhava a cortina mettendo a cara para falar de negocio; o imperador sem desfitar a estrella resmoneava enfadado — Já sei, já sei!

O fazendeiro gosava-se.

Depois, troça ao ministerio. Cotegipe, de grosso nariz recurvo e ventudo, era figurado de mil maneiras, todas relembrativas de sua ha-

bilidade politica. A's vezes era leão da fabula açambarcando o melhor bocado; outras, surgia como macaco velho fugindo a mão a combucas insidiosas que lhe apresentavam os liberaes

Zacharias, Martinho, Lafayette com a vesguice exagerada n'um grande bogalho de olho, Dantas, Sinimbú, os paredros de galões dourados e os de galões vermelhos, typos de rua, do Castro Urso ao principe Natureza, os artistas que aportavam ao Rio, as polemicas pela secção-livre do "Jornal" — toda a historia da Côrte se desenhava alli, rezando as allegorias e os sub-entendidos por teor e forma muito entradiços por olhos a dentro. Um ministerio abolicionista, em certo lance: é a barca do Estado, tripulada pelos ministros, singrando em mau passo; um ferra as velas, o presidente do conselho firma o leme; á prôa emerge ameaçadoramente Scylla e Carybdes transfigurados em recifes que careteiam as feições duras de Andrade Figueira e do Conselheiro Paulino, os proceres do escravagismo.

O paiz comprehendia sem esforço, e gostava.

Pelo entrudo, treguas á politica; a "Revista" dava-se inteira ao carnaval, e eram prestitos interminaveis a collear-lhe d'alto a baixo das paginas, combates a laranjinhas de cheiro, familias de pretos encartolados rumando para a rua do Ouvidor sob a risota espremida das meninas janelleiras.

Disso resultou possuirmos na collecção da "Revista" um documento retrospectivo cujo valor cres-

cerá com o tempo como já acontece ás composições de Debret e outros raros.

A boa acolhida desse genero provocou o natal de outras follias, todas lithographicas, sem que nenhuma lograsse vingar; por mil e uma razões estoiravam pela dentição, periodo sobre todos critico para periodicos que se propoem a morder com os dentes da ironia. Entre esses enfermiços de pouca vida está o "Besouro", onde Bordallo Pinheiro tentou rastrear sendas novas implantando aqui a caricatura a traços já em voga no velho mundo. O povo, atreito ao esfuminho de Agostini, em cujas maciezas querenciára suas predilecções em materia de arte, não deu tento da bella planta que Bardallo deligenciava acclimar e o "Besouro" morreu a mingoa.

Entre "Revista" e "Bezouro" reinou boa camaradagem a principio; andaram mesmo ás beijocas; depois, arremangados, quebraram-se a cara mutuamente — nos desenhos. O como acabou esse duello merece lembrada. Bordallo figura a "Revista" num engraxate rélissimo, de calça pelas canellas, e depois de muito sovar o bonifrate e zargunchallo com todos os alfinetes da sua ironia, pinta-se, a elle Bordallo, de vassoura em punho varrendo com o engraxate, mais a caixa e as escovas, para fóra da folha.

— Á margem, por indecente e sujo.

Agostini resalta com agudeza no numero seguinte da "Revista" :

— Obrigado “Besouro”; sabemos reconhecer que as margens são o unico lugar limpo dessa folha.

Estas polemicas e outras rebentavam côses pelas fazendas. Regalava-se o chefe de familia e depois delle a petizada.

Era de ver o magote de guryys reunidos em torno da folha desdobrada no assoalho, de noite, á luz do lampião, o mais taludote explicando ao creoulinho, filho da mucama, por que artes Zé Caipora escapou das unhas da onça.

Nesta vida feliz, animada pela opinião publica, viveu a “Revista” até a Republica sob cujo barrete phrygio morreu, de que não sabemos.

Resurgiu, porém, Agostini, no “D. Quixote”. Entretanto, ou que estivesse esclerotico na veia humoristica, ou que a intolerancia dos governos marechalicios lhe tolhessem o desembaraço do lapis, “D. Quixote” viveu o que vivem as, de hoje, revistas de pique-nique.

Morreu, e com elle parecia morta a caricatura entre nós. No campo deserto ninguem surgia, a tomar o elmo e a lança do defunto.

Por fim, como se foram aclarando as aguas rebolcadas pelos periodos mashorqueiros, a caricatura se foi saindo do lethargo e espanejando as azas para novos voejos.

A lithographia sahia da moda, então, suplantada pelos processos novos de gravura me-

chanica. Pipocaram tentativas de folhas humorísticas, uma aqui, outra lá, que logo morrem de inanição. Insistem, modificam-se, procuram captar o publico. Os desenhos são ingenuos e destituídos de qualquer valor; em geral dois bonecos de perfil, encarados um com outro; em baixo, um dialogo, tão adequado áquelle como a qualquer outro gatafunho.

Entram em scena, afinal, Calixto e Raul.

Vemol-os prestar o concurso de seus lapis a todas as tentativas do periodicismo fluminense. A elles cabem as glorias do nosso Resurgimentosinho, como tambem a paternidade indirecta, por suggestão ou exemplo, da geração dos caricaristas actuaes.

Das folhas lançadas por iniciativa delles muitas falliram, outras prosperaram grandemente.

O meio por que conseguiram algumas dellas obter publico é curioso. Fugiram de procurar apoio nas classes cultas; desceram ás plebeas, estudaram-lhes os gostos, as predilecções, o alcance mental, a capacidade de percepção satyrica e, como industriaes allemães, deram o genero a sabor e contento do freguez.

Os desenhos se resumiam em grupos de politicos evidentes lardeados dum dialogo em calão muito lisonjeiro ao paladar da patuleia.

Pinheiro, Azeredo, Nilo e Pires conversam :

— Então “seu” Pinheiro, desta vez a coisa vael

- Se vae! Ou vae ou racha!
- Não fosse você machado!..
- Não brinca, menino, olha lá!

Esta maravilhosa invenção pôz de suppedaneo ás revistas os nickeis disponiveis no bolsinho de todo guarda-freio da Central, chefe de linha, estivador, carroceiro, motorista ou porteiro ligado a algum paredro pelo fio do voto.

Outro recurso não menos habil foi cultivarem as amizades de todas as bandas de musica que zabumbam os ares do paiz, de todas as irmandades do S. Sacramento, de todas as corporações e mais grupos associados em torno duma idéa ou de um perú, com o fim de propagal-a ou comel-o, e eternisarem-se em seguida por artes da objectiva photographica.

O obice de maior calibre opposto ao periodicismo entre nós reside nos excessivos hiatos do povoamento. Entre um nucleo de população e outro interpõe-se o deserto qual muralha isoladora. Raro vinga uma folha transpôr esse espaço pelo simples projectar-se na publicidade, como bala que mira o alvo da opinião publica. A distancia encurva-lhe a trajectoria e força-a a cair muito perto do ponto de partida. D'ahi a necessidade de crear engenhosos meios de expansão. Esse congregar amigos pelos paiz inteiro, á custa de lhes publicar a tromba, sublinhando-a de um elogio, tem algo de genio.

«Vinde a mim “garçons” de hotel, de Pilão Arcado a Bebedouro, estafetas, caixeirinhos, irmãos de S. Benedicto, guarda-chaves, motorneiros, todos que soletraes colhendo os primeiros fructos da escola publica republicana; ajudai-me a viver que vos divertirei immensamente. As camadas altas andam gafadas de francezia; assignam a “Ilustração” e riem pelo «Fantasio». Nada a esperar dellas. Vinde a mim, protegei-me, que te darei historias do Chantecler, retratos do Antonio Silvino, *clichés* (sordida asneira!) de todos os grandes crimes que alegam este Rio de Janeiro».

O appello foi ouvido e attendido. E a folha pegou.

Todas as bellas florações sociaes são assim oriundas de humilde semente fincada num monte de esterco. O aproveitamento commercial das ingenuas vaidadesinhas provincianas foi o segredo, da revista illustrada de ampla divulgação.

Não se lhe condemne o uso systematico do calão, da insulsez, da ausencia de arte e bom gosto: foram meios intelligentes de crear por forma indirecta a athmosphera propicia ao desabrochar do desenho humoristico.

A chalaça acachaçada é a mãe do chiste. O “espírito” vem da chula.

Se possuimos hoje caricaturistas como Raul, Calixto, Voltolino, Yantok e esse J. Carlos que o é inteiriço, no traço e na graça, tão apurado que não desluz na pleiade dos seus mais eminentes

confrades mundiaes, devemol-o ao ambiente creado pelo poviléu. Graças aos seus tostões a caricatura e o desenho humoristico são coisas definitivamente acclimadas e que viçarão com esplendor no solo brasileiro

Ha pelos sertões uma figueira cuja vida dá bem a imagem disso. E' o mata-pau. As aves depõe-lhe as sementes, ao acaso, na forquilha duma ma arvore qualquer. A semente germina enfezada e a parasita começa a vegetar marasmaticamente. Passa annos assim, "parada", morta-viva, resumindo-se em meia duzia de folhinhas e uns filamentos debeis escorridos a prumo em direcção do solo. Emquanto o não alcançam esses fios a vida da figuera é uma mentira, uma "cavação", um viver de brisas, um morrer agoniado pela dyspnéa da seiva.

Mas lá um dia tocam elles a terra, transformam-se em raizes, e a matta assiste, assombrada a uma transfiguração estupenda. O que era fio de barbante virou calibre, a chlorose da folhagem virou plethora, e a plantinha tolhiça cresceu aos pinotes n'uma ancia irrefreavel de ceu.

E faz-se difinitivamente arvore, arvore gigantesca de maravilhosa fronde.

E' que a boa seiva da terra lá subiu em jorros pela cordoalha acima.

Assim, a caricatura. Parasita em marasmo quando flor da *elite*, arvore que frondeja quando enseivada no gordo alfobre popular.

E assim, todas as artes.

A CREAÇÃO DO ESTYLO

A PROPOSITO DO LYCEU DE ARTES E OFFICIOS

.....

Não promana dos grandes mestres das artes plasticas a feição esthetica duma cidade. Vem antes dos humildes artistas sem nome, do marceneiro que lhe mobila a casa, do serralheiro que lhe bate o ferro dos portões e grades, do entalhador de guarnições e molduras, do fundidor, do do estofador, do ceramista, de quantos afeiçoam indirectamente o interior da casa urbana. Como taes obreiros são numerosissimos, dilatada é a sua zona de influencia. Sáe-lhes inteirinha das mãos a casa popular, como ainda a burgueza, e, em grande parte, o palacete rico. Apprehende-se, claro, a força do profissional anonymo, attentando para o Rio de Janeiro, cidade plasmada pelas manoplas callosas dum mestre d'obra que, sendo legião, é um só, tão uniformemente imprimiu em tudo o cunho mazorral da sua inesthesia ingenita. Si esse mestre atravessasse em menino uma esco-

la bem orientada, onde lhe desbastassem o cascão grosso, que bella seria a capital do paiz!

Uma vez que é assim, curar da educação artistica do operario, despertando-lhe o bom gosto, desabrochando-lhe o senso da arte, norteando-lhe o instincto da creatividade, é dar moldes indeterminados mas individualissimos á “urbs” futura. E', portanto, criar estylo.

Estylo é a feição peculiar das coisas. E' um modo de ser inconfundivel. E' a physionomia. E' a cara.

Não ter cara é mal tamanho que as cidades receiosas de crial-a propria importam máscaras alheias para fingir que têm uma. Succede isto na boa terra onde Amador Bueno foi rei por um quarto de hora. Envergonhada de apresentar-se ao mundo como a natureza a fez, afivela no rosto mascarar exoticas na intenção de “parecer bem” ao rastacuero. Tal qual o botocudo para cuja esthesia o supremo requinte é deformar o beijo com patações de madeira, ou o moari australiano que lanha as faces, arabesca-as de riscas inconcebiveis e vae, debruçado no espelho das aguas, extasiar-se da “lindeza”. Faz como elles a Paulicéa. Adoppta todos as mascarar á venda no mercado, confundindo belleza natural com “maquillage” maori.

Quando Anatole France andou por cá, mostramos-lhe os nossos monumentos, na certeza de que o homem pelo menos entreabriria um centi-

metro de bocca. Mas o requintado artista só torceu o nariz.

— Já vi isto mil vezes.

— Onde?

— Em toda a parte, Europa, Tonkim, Porto-Said...

Por gentileza não completara a phrase: por toda a parte onde o homem desmente Darwin permanecendo macaco.

De quanto viu só o interessaram velhas igrejas. Descobriu nellas uma arte ingenua porem mais eloquente que o esperanto architectonico da Avenida.

Nossas casas não denunciam o paiz. Mentem á terra, ao passado, á raça, á alma, ao coração. Mentem em cal, areia e gesso, e agora, para maior duração da mentira, mentem em cimento armado.

Dentro de um salão Luiz XV somos uns párias. Porque por mais que nos falsifiquemos e nos estylisemos á franceza, Thomé de Souza e os 400 degredados berram no nosso sangue, Fernão Dias geme, Tibiriçá pinoteia e Henrique Dias revê o seu pigmentosinho de contribuição.

Basta que, no Trianon, entre flores exóticas, encasacado á franceza, conversando em "argot", comendo "foie gras" de Nantes, ouvindo versos d'Avray, aspirando perfumes de Fre Val, sonhando o "Bois" com o pensamento posto numa Yvette, commentando a política de Briand ou a der-

radeira peça de Bataille, passe na rua um cafageste gemendo no pinho o "Luar do sertão", para que o Brummel do Bexiga perca o aprumo, quebre a linha, estale o verniz, arregale o olho, remexa-se na cadeira e denuncie a mentira viva que elle prega aos oito avós vaqueiros, assucareiros ou tropeiros que lhe circulam no sangue.

Nosso mobiliario dedilha a gamma inteira dos estylos exóticos, dos rocócós luizescos ás japonézices de bambú lacado. O interior das nossas casas é um perfeito prato de "frios" dum hotel de segunda. A sala de visitas só pede azeite, sal e vinagre para virar salada completa. Cadeiras Luiz de 14 a 16, mesinha central Imperio, jardineiras de Limoges, tapetes allemães, quadros da Bretanha, gessos napolitanos, porcellanas de Copenhague, ventarolas do Japão, dragõezinhos de alabastro chinez: tudo quanto o negociante de missanga importa a granel para impingir ao comprador boquiaberto.

Objecto de côr local, coisa nossa, promanada naturalmente da terra, só o coronel, o doutor ou o amanuense, senhor-menino daquelle presepe.

Por fóra, a mesma ausencia de individualidade. Acanthos gregos, curveteios lombricoidaes do "art-nouveau", capiteis corinthios, frisões de todas as renascenças, arcos romanos e arabes, barôcos, rocalhas, o *cancan* inteiro das fórmãs exóticas.

Que lembre a terra, nem um trinco de porta!

Como è differente a casa dos povos capazes de individualidade !

Na casa hollandeza o estygma local começa no telhado e desce aos mais humildes utensilios de cosinha. Tudo nella cheira á raça, o jardim com a sua tulipa, os moveis esculpidos, os ornatos, os quadros, tudo é emanação da terra, criação logica do ambiente.

No "home" britannico o inglez está dentro duma moldura natural; nada destoa da sua psychologia fleugmatica de pirata enriquecido.

Na casa nipponica, que maravilhosa harmonia entre a gaiolinha incapaz na apparencia de resistir ás brisas mas que aguenta terremotos e o japonez de aspecto fragil mas que derranca o russo!

A China tem o seu estylo.

O americano impõe o seu, filho do "big", do ferro e do millionario; e agora, numa esplendida revivescencia do antigo, o estylo "missionario", haurido nas velhas igrejas e conventos da éra hespanhola da California e do Texas, dá ao mundo uma fórma superior de arte.

Só nós nos condemnamos a viver sempre em "garni".

A causa disto reside na incultura. Como não nos educam o gosto, não nos ensinam a ver, não temos a bella coragem do gosto pessoal.

O proprio brasileiro culto, sahido duma casa de ensino superior, não distingue um chromo ber-rante da mais suggestiva marinha de Castagneto. Isto explica porque o nosso homem culto, quando dinheiroso, bem aparafusado na vida e preponde-rante no mundo politico, se vae comprar um objecto d'arte, olha ancioso para o nome do autor e só por elle se guia.

Incultura nos incultos, meia-cultura nos cultos snobismo infrene nos "entendidos" e cubice para-noica nos paredros supremos : eis o quadrado dentro do qual a feição esthetica da cidade evolue.

Estylo não se cria, nasce. Nasce por exigen-cia do meio.

Ora, num meio incapaz desta exigencia, com-pete aos artistas provocal-a criando o estado d'alma propicio. E que artista é capaz disso? O ano-nymo, o artista legião, só elle.

Está pois nas mãos dum estabelecimento co-mo o Lyceu, já perfeitamente radicado, criar o estylo da cidade, criando o artista capaz de estylo.

Basta, para isto, incital-o á independencia, ensinial-o a olhar em torno de si e tirar da na-tureza circumjacente os assumptos das composi-ções, o motivo dos ornatos, a materia prima, enfim, da sua arte. Feita a sementeira as messes virão com o tempo, e teremos assegurado um fu-turo menos incarakteristico do que o presente.

Esta orientação só pôde partir do Lyceu. Ramos de Azevedo e Ricardo Severo, são, mais do que dois nomes, duas forças poderosas no campo da esthetica. Podem exercer na massa anarchica do meio paulistano a influencia de Affonso Arinos nas letras.

Arinos enfrentou a corrente desbragada da francezia, e mostrou como era grotesco o "pastiche" invasor contrapondo-lhe uma obra profundamente racial. Ramos e Severo possuem a autoridade moral e o valor necessarios para semelhante tarefa. São homens bandeiras. Ricardo Severo ja se desfraldou. Em conferencia na Sociedade de Cultura Artistica, das mais bellas pela fórma e a mais fecunda em suggestões, plantou o marco de uma renascença. E foi além.

Transpoz o passo difficil que vae da theoria á realisação. Varios palacetes surgem por ahí, filhos desse ideal.

Tomou das velhas egrejas as linhas do estylo-colonia, coou-as através do seu temperamento artistico, reviveu-as, deu-lhes elegancia e adaptou-as com rara mestria á habitação moderna. O projecto da casa Julio de Mesquita, bem como da Numa de Oliveira e outras, valem pelo dealbardum fulgurante renascimento architectonico.

Outros architectos seguem-lhe a orientação. Roberto Simonsen em Santos, e aqui Dubugras e Jorge Prziembel já possuem bellas coisas no genero.

Os obices oppostos a esta corrente pelo sorriso palerma do snobismo, pela careta alvar da ignorancia, pelas injunções da moda, pelo mau gosto, pela paspalhice do enricado de casca grossa, são tremendos, mas não insuperaveis. A corrente ha de engrossar e vencer.

Mas estes brados d'alerta sò vingam impressionar quando partem do alto. E' dum Arinos, dum Ramos, dum Severo, que a palavra pôde descer ás massas com força fecundante.

No Lyceu a secção de modelagem, por exemplo, tem elementos para influenciar fundamente o gosto popular. Aquellas primorosas terras cotas de Bertozzi e seus alumnos, onde por emquanto só figuram faunos, nymphas, satyros e bacchantes, poderão penetrar em todas as casas burguezas como portadoras da infinidade de themas nacionaes menosprezados.

Ha em derredor de nós todo um eldorado de themas virgens, mas a mascara afivelada pelo mau gosto empece-nos a visão. Passamos por elles sem os enxergar. Tal qual o gallo da fabula com a perola.

Um exemplo. Possuimos um satyrozinho de immenso pittoresco que inda não penetrou nos dominios da arte, embora já se crystalisasse na alma popular estylisado ao sabor da imaginativa sertaneja : o sacy. No entanto, para animar os gramados do jardim da Luz, importamos niebelungos

allemães, sacys... do Rheno! Temos nymphas, ou o correspondente disso, puramente nossas; a Yara, a mãe d'agua, a mãe de ouro. Temos Marabá, a perturbadora criação indigena — mulher loura de olhos azues, filha de estrangeiro e de mãe aborigene, desprezada e odiada pelos nativos como inimiga natural. Temos caaporas, boi-tátás e tantos outros monstros cujas fórmás inda em estado cosmico nenhum artista tentou fixar.

Ha nas mattas uma riqueza inaudita de motivos vegetaes susceptiveis de estylisação: porque nos determos toda a vida no archi-surrado acancho?

Como penetrou na arte o acancho? Calimaco, um dia, abaixou-se, colheu uma folha de plantinha modesta, vulgar no solo da Grecia, impressionou-se com o seu recortado, estylisou-a e pô-la em pedra.

O gesto de Calimaco será acaso uma prerogativa sua? e não poderá ser repetido por todos os artistas do talento?

Nossas flores silvestres serão porventura indignas de se ordenarem em festões?

Nossa fauna será tão pobre que necessitemos fincar nas pontas das ripas do Belvedere cabecinhas de carneiro grego?

Não é irrisorio vivermos ás voltas com palmetas napoleonicas, folhas de espadanas, conchas bivalvas, saracoteios rocalha, amores, graças, pastores, anjinhos, e tudo o mais que nasceu fóra daqui e já teve a sua época?

E' tempo de reagir para que algum viajante futuro não parodie um juizo celebre, dizendo que no Brazil tudo é bello só o homem é grotesco.

Disto se conclue estar o Lyceu em maravilhoso pé de prosperidade para iniciar a organização do nosso anciado 7 de Setembro esthetico. Depende dos seus professores. Se ha gloria em erguer uma escola áquella altura, que expressão de louvor teremos para quem, á formação de um simples artesão, curar da formação do operario artista capaz de estylo?



A QUESTÃO DO ESTYLO

Muita gente, e gente boa, commenta a idéa do estylo proprio, no Brasil, como absurda.

— Pois havemos, então, de restaurar o mau gosto colonial, um baroco de importação, atravessado de barbarismos oriundos da cabeça dos pedreiros pretos?

Levada o intransigencia a ponto agúdo era caso de responder que o pedreiro preto que colaborava com o seu sentimento' pessoal na arte herdada da metropole, era branco por dentro; como o "snob" de hoje que copia a França, é preto retinto na alma; porque o preto fazia obra de branco e estes brancos falsarios fazem obra de preto, e de pretos do Senegal, useiros em metter na cabeça uma cartola velha, enfiar casaca, atuchar os pés num botinão, e sahir para a rua crentes de que o publico os confunde com puros parisienses.

Não se pede volta ao passado. Seria tão absurdo restaurar o estylo colonial como restaurar o Vallongo com escravos a venda e Debret de

album em punho a copiar scenas de escravatura. A vida não anda aos saltos, para diante ou para trás, conforme praza á veneta de alguém. A vida norteia-se por uma coisa chamada evolução, que um senhor inglez chamado Spencer reduziu a lei. O presente é a evolução do passado. O homem é a evolução do menino, como o menino e é a evolução de uma cellula.

Não contraria a evolução um preto que é moleque aos dez annos e aos setenta é um negro velho. Mas a contraria, e fez a caveira de Spencer estremecer na cova, um bugre que bugre nasceu, que cresceu bugre, que é bugre aos vinte, aos trinta, aos setenta annos, que é bugre sob Pedro I e sob Pedro II e que é cada vez mais bugre na Republica encasquetar-se-lhe de repente na mioleira, por injuncções do cinematographo do sr. João do Rio, que virou louro, d'olhos azues e é... pariziense de Pariz! E principiar a esmoer franquez de Madagascar, a fumar "cigarettes" a comer "patês", a ter em casa "bonnes", a lêr o "Figaro", a tresandar "Houbigant", e a exclamar, quando lhe passa ao pé um bugre authentico, sincero, com tanga nos rins e cocar na synagoga:

— Sale tête, va!

Porque então se introvertem os papeis e quem fica prodigiosamente bugre é justamente o contraventor da lei evolutiva.

Quanto mais se perfuma, e mais pede ao alfaiate roupas á moda, e mais abusa do "argot", e

mais plagia idéas do Tristão Bernard, tanto mais dá relevo á nhambiquarice dos instintos, mais destaca a Hottentocia occulta no sangue, mais põe a nú o pitheco incoercível do temperamento.

A estes bonifrates, o sarcasmo francez não encontrando na lingua palavra que os definisse, chama "rastaquouères", vocabulo creado "ad hoc", para esse fim. E não contente de assim ferreteal-os, explora-os, come-lhe os cobres por meio da franceza e do pechisbeque, e mette-os afinal nos "vaudevilles", com grandes brilhantes nos dedos e collossaes "gaiffes" na conducta.

O que succede com o homem mentiroso á lei da evolução, succede com o estylo que foge ao tom do ambiente.

O nosso estylo deve ser a decorrente natural do estylo com que os avós nos dotaram. Sempre vivo, sempre em funcção do meio o nosso estylo, se quer fugir á pécha de rastacuerismo deve retomar a linha passado e desenvolvê-la á luz da esthesia moderna. Para isso existem os artistas, temperamentos de eleição através dos quaes a natureza se cõa e surge transfeita em arte. Cõe-se arte colonial através dum temperamento profundamente estheta, filho da terra, producto do ambiente, alma aberta á comprehensão amorosa da nossa natureza e a arte colonial surgirá modernissima, bella, fidalga e gentil como a lingua barbara de Vaz Caminha sae bella, fidalga, gentil e modernissima d'um

verso de Olavo Bilac. O poeta, no entanto, ao compôr o "Caçador de Esmeraldas", não tomou de Corneille um vocabulo, nem de Anatole um conceito, nem de Musset uma noite, nem de Rostand um gallo, nem de Lecomte uma frialdade, nem de Grecia um acantho, nem de Roma uma virtude. Mas, sem o querer, pelo facto unico de ser um moderno aberto a todos os ventos, tomou de Corneille a pureza da lingua, de Musset a poesia, de Lecomte a elegancia, da Grecia a linha pura, de Roma a fortidão d'alma e com o antigo-bruto fez o novo-bello.

Nada allí revê enxerto de arte alheia. O vocabulario é o velho vocabulario da metropole, as almas são almas velhas, os personagens não vieram de Pariz embalsamados num livro de A. Hermand, o material é, em summa, o mesmo com o qual o cacetão quinhentista nos sécca a paciência com descripções de mosteiros e milagres theatralissimos de adormecer doentes incuraveis de insomnias.

Assim deve ser a nossa architectura: modernissima, elegantissima, como é moderna e elegante a lingua do poeta; mas como ella pura do plagio, da cópia servil, do "pastiche" deleterio e filha legitima dos seus paes.

Que se não diria de um poema composto com mal geitosas adaptações de versos alheios tirados de todas as linguas, e com typos de todas as ra-

ças? O "qu'il mourit" na bocca de um João Fernandes, que mata Ninon, amante do coronel José da Silva e Souza, consul de Honduras no Thibet, porque um fellá egypcio discordou de Ibsen quanto á acção de Descartes na batalha de Charleroi. . .

São Paulo é hoje, á luz architectonica, uma coisa assim: puro jogo internacional de disparates.

O convento da Luz sorri da roupa nova, comprada a um tintureiro, que vestiram no Seminario Episcopal. São Bento, empedrado com austeridade alleman, faz muxoxos de desprezo á torre da Ingleza, rigida como uma "miss" de 50 annos, coronela do "Salvation Army". As casas em lombrioidal empallidecem de terror se defronte lhes surge uma em estylo grego, receosas de que as folhas de acantho sejam vermifugas. Outra, adiante, vestida de renascimento allemão, cuspiha de nojo se paredes meias surge uma fantasiada de renascimento italiano.

Na mesma fachada as linhas motejam-se entre si, e choram, e berram:

— Cariatide, não é ahi o teu logar. Estás a gemer como sob um grande peso, mas esta sacada que sustentas tem pontas de trilhos por baixo. Deixa que os trilhos gemam e façam caretas, e vae-te passear. E's de uma inutilidade absoluta, e és ridicula porque finges um esforço de mentira. Lá na Grecia onde nasceste tinhas uma razão de ser, mas aqui . . .

— Que queres, *columna dorica*? Não ha *Ic-tinus* nem *Phidias* neste clima. Bem sei que sou uma irrisão. Nem de marmore massiço já me fazem hoje, como lá. Sou de cimento por fóra e de ferro *deployé* por dentro. Tal qual como tu, *columna*, que em vez de *columna* és um simples canudo vestido á *dorica*...

— Dizes bem: sou ôca, sou ôca como os homens da terra; e padeço horrivelmente porque sei que existe no frontão que simúlo sustentar um escudo grego em torno do qual uma tenia modernissima saracoteia um inconcebível arabesco "art-nouveau". Vê tu, irman, onde vão elles buscar motivos ornamentaes: no intestino grosso dos bezerros!...

E, deste modo, a cidade inteira feita "mixed-pickles" é um carnaval architectonico a berrar desconchavos em esperanto. Para remate, e como toque final de *Vatel* na salada, vamos ter... uma *cathedral gothica*!... E' o "coup d'etrier". Realizada a asneira da pedra só nos resta mudar o nome á cidade e adoptar como lingua o *volapuck*.

O céu azul, esta nossa luz crua, o portuguez, o negro e o indio, a *psychica* da mestiçagem, a voz dos tres sangues, o modernismo das nossas idéas, a *Light*, o telephone, o sorveteiro, o auto, a herma de *João Mendes*, o congresso, o *Gazeau*, tudo, tudo gritará contra o *anachronismo caricato*.

Nada ha mais grandioso do que a cathedral gothica. Nunca a architectura religiosa se elevou tão alta como quando rendilhou a pedra para erguel-a em punhado de flechas, rumo ao céu impassivel, numa prece muda. O homem medievo, roido de lepra, dizimado pela peste negra, acuado nos burgos pelos barões ferozes e no campo pelo lobo famelico, no desespero da suprema miseria galvanisou-se numa fé de Job e implorou misericordia em orações gigantescas de granito. Tentou commover a Deus, o eterno impassivel, pela intercessão de uma arte nova que lhe falasse uma linguagem nova. Essa foi a significação da cathedral gothica. E' o symbolo grandiloquente da fé intensa que tudo esperava da misericordia divina

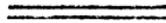
Mas aqui, com o bonde amarello de Santo Amaro a lhe zunir aos flancos, neste seculo em que o milagreiro é o medico e a Sciencia o unico tribunal supremo, o estylo gothico berra e lembra um bóróró nú a dançar pinotes no Automovel Club; ou um "clubman" de cartola e casaca a pilar milho cateto em plena taba de chavantes.

Será uma caricatura funebre, de cimento e reboco, á fórma d'arte mais digna de religiosa veneração jámais surgida sobre a terra. Caricatura profanatoria. Blasphemia de pedra.

E será, o que é peor ainda, adquirirmos por seis mil contos um diploma de inibição esthetica

que nol-o dá de graça o consenso unanime dos povos, — e em duplicata, se o exigirmos.

O francez, o inglez, o allemão, o italiano, o japonez, o Egypto, o planeta Marte, as nebulosas já sabem á tarta que somos pelludos. Que necessidade, pois, de dispender tanto dinheiro para lhes fornecer, a elles que a não pedem, uma nova prova disso, e esta em cimento armado? Porque no julgamento da Posteridade as flechas da nossa cathedral, vistas com o recuo do tempo, não simularão flechas, mas pura e simplesmente ... pêllos!



ESTHETICA OFFICIAL

Orça por verdade comesinha um paradoxo sthetico: a arte de um paiz quanto mais se desinternacionalisa, mais cresce como força internacional.

E' evidente. O valor da obra d'arte cota-se pelo seu coefficiente de temperamento, côr e vida — os tres valores que lhe travam a unidade, pro-manantes um do homem, outro do meio, outro do momento. A arte descentrada dessa tripeça de categorias e que tem por factor-homem o «heimatios» (corre á conta de Medeiros d'Albuquerque esta rebarba glossica, cheirando a esperanto, e indicativa dos homens de muitas patrias, postos em evidencia pela guerra); por «terroir» o mundo e por epoca o Tempo, será uma soberba alcachofra quando o volapuck senhorear o globo, por emquanto não.

Donde, uma conclusão logica: o artista cresce á medida que se nacionalisa. E' mister que a obra d'arte denuncie ao mais rapido volver d'olhos a sua origem, como as raças puras denunciam pelo typo individual o seu grupo ethnologico.

E uma indicação pratica para o Estado, que entre nós é a chocadeira artificial das vocações artisticas: fomentar o nacionalismo dessas vocações.

Não obstante esta intuição de bom senso, o Estado opera ás avessas. E' que atrás da impessoalidade do Estado está sempre escondido um negociista.

As idéas e a vontade desse negociista refluem em publico como um ruño collectivo. Entre nós o negociista que dentro do touro de bronze ôco do Estado entende das coisas d'arte foge á concepção do artista prefigurada acima.

Ao invéz de apurar o nacionalismo das vocações, esperantisa-as, ou melhor afranceza-as, porque para a inopia brasileira o mundo é a França.

Pega o Estado no rapaz, arranca-o da terra natal e dá com elle no «Quartier-latin», com o peão da raiz rebentado. A mentalidade em formação do adolescente, assim desramado e desraigado, padece grave traumatismo, lá perde a seiva preciosa do «habitat» e vae viver em vaso sob clima hostile á sua regionalidade.

Durante a estadia de aprendizagem só vê a França, só lhe respira o ar, só conversa mestres francezes, só educa os olhos em paisagem franceza, arte franceza, museu francez.

As vergontas congenias que levou daqui desmedram, e pega de brotar aquelle enxertosiño de borbulha operado em sua epiderma.

Concluido o tirocinio, ha duas sendas para o transplantado: ou ficar por lá, perdido na turba dos artistas exóticos que atravancam Pariz, incapaz de emparelhar com os nativos da terra, porque o inferiorisa uma alma de emprestimo, ou torna cá, tombando para a categoria do «expatriado artistico». A sua patria esthetica lá ficou, a França — reconhece-o elle.

Os debeis maisnam, então, das nossas coisas. O céu é estupidamente azul. O azul é absurdo, irreproduzível na téla. O verde não tem gammas. A cor é excessiva. Não ha cambiantes. Não ha arvores pittorescas. Não ha gente. Não ha costumes. Não ha mulheres. E suspiram, com o olho da saudade fito na creadita que os enfeitou por lá: — Ah Pariz! Pariz!

Os fortes comprehendem de relance a situação, atinam com a senda verdadeira, e entram a estudar de novo, deitando ás ortigas metade das idéas bebericadas fóra. Redimem-se, estes.

O mal da orientação, ou desorientação official é grande; annulla dois terços das aptidões artisticas medradas no paiz; cria «épaves» sociaes, boiantes na onda dos «boulevards» como rolhas servidas; augmenta no paiz o numero grande dos incomprehendidos maldizentes; e impõe aos fortes, sob pena de naufragio, um redobro de trabalho na tarefa de reacclimação esthetica.

Mas vá a gente dizer estas coisas aos ho-

menzinhos alapados no bojo do Estado e detentores das manivelas da subvenção!

Sorriem de puro dó, os alhos.

Vem dahi o facto estranho, a quem corre a vista pelas paredes das nossas casas ricas, de vel-as coalhadas de quadros francezes no estylo e no assumpto apezar de rubricados por nomas nacionaes.

Salas ha onde o visitante, se fechar as janelas para não ver os platanos bichados da rua, e os ouvidos para não ouvir o «batata assada ao forno», jura estar em Pariz, pelo menos.

São marinhas de Concarneau, scenarios da Costa Azul, trechos da Bagatelle, estudos de «boulevard», bretanhices a granel, perdões, pescarias, mulheres de coifa, que sei eu?

E tudo nomeado á franceza, «basse-cours, étangs, vieille cour, vieux moulin» e outras sonoridades de encher o ouvido.

Para desencargo de consciencia, uma ou outra telasinha nacional, as mais das vezes um caipira picando fumo. Porque a pintura indigena inda não transpoz o caipira picando fumo. Des'que Almeida Junior, o precursor, o artista educado lá que melhor reagiu contra a corrente, rasgou picadas novas com o seu picador de fumo, não houve espreme-bisnagas que se não julgasse obrigado a pagar esse tributo de capitação ao caipira. A modos que lá pelo anno 3.000, a archeologia restauradora da nossa epoca por meio das

telas coevas, chegará a uma unica conclusão : naquella metade de seculo, no Brasil, o caipira picava fumo. Só e nada mais.

Um não sei qual pintor moderno, de vigoroso talento rebelião, estomagado com a tyrannia do passado artistico da humanidade, que obumbra o espirito da critica a ponto de só lhe deixar ver genios na pintura antiga, revolta-se contra a eterna curvatura da opinião «snob», guiada pelas academias, diante das Giocondas, Ceias, Botticellis, e o consequente menospreço do genio moderno. E pede um novo Omar, que destrua todos os museus e reduza a cal de pedreiro toda a cacaria marmorea da Grecia afim de que, na senda desimpeçada, a arte moderna possa caminhar com desassombro. Semelhantemente, á luz do ponto de vista brasileiro, era de desejar que a França se empégasse nalgum Malstrom, de geito a permittir uma livre e pessoal desinvoltura á nossa individualidade como povo.

.

E' tempo de figurarmos na assembléa mundial como povo capaz de uma idéa sua, uma arte sua, costumes e usanças que não rescendam a figurinos importados. Enerva a persistencia na maquice.

Já Euclides da Cunha entreabriu nos «Serções» as portas interiores do paiz. O brasileiro gallicismado do littoral boquiabriu : pois ha tanta

coisa inédita e forte e heroica e formidável cá dentro ?

Revelou-nos a nós mesmos. Vimos que o Brasil não é São Paulo, enxerto de garfo italiano : nem Rio, alporque portuguez. A arte percebeu que se lhe rasgavam amplíssimas perspectivas. Se ainda não frechou para taes rulos é que anda tolhidinha de arthritismos varios. Questão de tempo e iodureto.

.

E' preciso frisar: o Brasil está no interior, nas serras onde moureja o homem abaçanado pelo sol, nos sertões onde o sertanejo vestido de couro vaqueja, nas cochilas onde se domam poldros, por esses campos rechinantes de carros de bois, nos ermos que sulcam tropas aligeiradas pelo tilintar do sincerro.

Está nas "fazendas de ferro" onde uma metallurgia semi-barbara revive um passado morto. Está nas catingas estorricadas pela secca onde o bochorno cria dramas, angustias e dores inimaginaveis aos praianos.

Está na palhoça de sapé e barro, está nas vendolas das encruzilhadas onde, ao calor da cachça, se enredam romances e se deslindam pendengas com argumentos de guatambú chumbado.

E' desse filão d'arte que ha de sahir o punhado de obras affirmativas da nossa individualidade racial.

A rota é uma só: fugir a costeira praguejada de europeanismo — especie de esperanto de idéas e costumes onde a literatura naufraga e as artes plasticas se retransem na frialdade do “pastiche”, — e metter alvião á massa formidavel do inedito.

Alli não ha a politicagem esthetica das capitães, nem academias amodorrantes, nem dogmas vestidos por figurinos, nem papas pensionadores.

Ha a natureza estupenda e, formigando dentro della, um homem seu filho, expoente da sua “vis”, rude, barbaro, inculto, heroico sem o saber, immensamente pittoresco e — suprema recommendação! — sem um escropulo de francezia a lhe aleijar a alma.

Dahi o erro do nosso pensionato artistico.

O systema adoptado cifra-se sem variantes, no seguinte.

O candidato expõe numa casa de molduras os primeiros vagidos do seu pincel tatibitati; os jornaes, a pedido dos paes e amigos, animam de louvores benevolentes o genio de buço; e vae requerimento ao Estado solicitando pensão.

O governo, composto de homens sérios e sisudos, a cuja gravidade solenne não fica bem entender de outras artes que não as politicas, delega num dos seus membros poderes discrecionarios para apalpar a bossa do postulante, auscultar-lhe as palpitações artisticas e decidir se merece ou não o estagio europeu.

Escusa mencionar que, atrás deste exame, mais que o simples merito do supplicante, pesam na balança da Themis esthetica um certo numero de razões de estado. Como escusa dizer o que são razões de estado... do Estado de S. Paulo.

O governo, sciente do julgamento, não n'o discute. Cumpre-o qual sentença promanada da propria bocca de Minerva. E o menino espinoteia de jubilo ao ver-se transplantado de Avaré, Taquaritinga ou Bananal a Pariz ou Roma, com 500 francos mensaes durante cinco annos, podendo dispôr do tempo como lhe bacoreje a veneta — em patuscadas ou em estudos.

O primeiro inconveniente sério está na pouca idade do pensionado.

Já superiormente o disse Joaquim Nabuco: a mocidade é a surpresa da vida. Todo adolescentes é um deslumbrado. Calculem-se agora os effeitos desta surpresa numa criança arrancada sem transições ao borralho, á terra natal, á lingua e despejada sózinha no pandemonio de um grande centro europeu. Deslumbra-se. Empolga-a tudo quanto é «plaquet» polido, lantejoula, missanga dourada, farfalhice, «maillechort», «pingo d'agua», phosphorecencia da podriqueira européa. Envenena-a quanto absyntho lethal é «dernier cri» nas babyfonias.

Mettem-se a «gozar a vida».

Gozar a vida quer dizer dar cabo da saude por meio da mulherinha, escavacar o moral na

bohemia alcoolica dos cafés, e lique fazer as lentas acquisições hereditarias do character pela frequencia de meios cosmopolitas derrancadas, onde o «je m'en fiche» é a suprema elegancia philosophica.

Ninguem alli para precaver a sua inexperiencia contra os enganos da vida; nenhuma fiscalisação de estudos por parte do pensionador.

O governo só lhe pede, a espaços, umas periodicas academias — feitas ou não por elles, mas por elles assignadas. Basta ao governo esta irrisoria documentação de authenticidade.

Findos os cinco annos retira-lhe a têtta e fica todo ancho, o governo, na certeza de que brindou o paiz com mais um grande artista.

Será assim?

Relanceando a vista pela fieira dos pensionados resalta o contraproducente do methodo official.

Ao invés de criar um artista, cria o governo, na generalidade, com o dispendio de 20 contos por cabeça, uma galeria de invalidos moraes. Ou bohemios de rua, malbaratados de tempo e saude durante o pensionamento e, após, naufragos roidos de mazellas a bracejar pelo resto da vida no vortilhão europeu. Ou artistas mediocres, porque brasileiros de carne ficaram europeus de espirito. Ou sorumbaticos incomprehendidos de torna-viagem, prenhes de boas intenções, mas desossados

pelo desanimo, a exhibir eternamente, como as mais adiantadas concepções sociologicas, as idéas e a linguagem dos personagens elegantes do Eça de Queiroz nos «Maias».

O paiz é uma choldra, falam em se naturalisar cafres, pedem invasão estrangeira que arrase, que derranque, porque está tudo podre, a esfarelar de velhice precoce.

Será verdade tudo isso, mas por 20 contos é caro. Os criticos indigenas chegam ás mesmas conclusões, de graça.

Confessam os defeitos do systema os proprios pensionistas. Um delles diz em carta: «... o governo de S. Paulo devia conservar seus pensionistas no Rio por dois annos e então sob a fiscalisação do governo e mais economicamente ver-se-ia se elle era merecedor dos cinco annos na Europa, para «aperfeiçoar» os estudos. E não enviar a Pariz o individuo que promette «mais ou menos», sem fiscalisação nenhuma, abandonando-o por lá, como se faz. O pensionista estuda ou não estuda... á vontade, ninguem lhe sabe da vida; de vez em quando manda umas academias e quando volta ao paiz traz uma collecção de paisagenzinhas e cabeças de bretãs, coisas vendáveis. Que fez por lá? E' então que se percebe o erro.»

Esta modificação aventada inda encerra um defeito grave. Fala em fiscalisação official durante

o estagio no Rio. Ora fiscalisação, a não-ser nos casos onde ha multa repartivel entre o governo e o fiscal, é uma das muitas pilherias da nossa patusca Republica.

Evitando o escolho, o geniozinho em ovo seria matriculado na Escola de Bellas Artes do Rio, onde completaria o curso. Depois, conforme as aptidões demonstradas, a juizo dos seus professores, receberia ou não, como premio, uma estadia no velho mundo a titulo de aperfeiçoamento de estudos. Comprehende-se que tenha competencia para ajuizar do merito do postulante o grupo de mestres, profissionaes, vultos proeminentes da arte nacional, que lhe guiou os primeiros passos e o teve durante todo o curso sob vistas.

Taes juizes merecem acato. Suas sentenças têm sempre um pouquinho mais de valor do que as emanadas de um paredro incapaz de manejar uma brocha.

Em cinco annos sobeja tempo para aquilatar dos meritos do candidato, conhecer-lhe a estofa e vaticinar sem o concurso de Mucio Teixeira se dá um pinta monos ou um Almeida Junior.

Estará mais homem, menos embellecavel pela mulherinha, já sovado pela vida de capital, com as idéas consolidadas, o character em via de crystallisação definitiva. A sereia de Pariz não e estonteará com tres olhadelas sábias de Mimi Pinson

Isto é o sensato, é o que toda a gente pensa. Mas vá alguém dizel-o ao governo! Elle sorri, por intermedio dos escarninhos musculos faciaes do paredro, e continua a esfrangalhar vocações, uma por uma, a peso de ouro, vinte contos por cabeça.

E a gente é rir-se tambem, pois havia de chorar?



AINDA O ESTYLO

O estylo é a physionomia da obra d'arte. Producto conjugado do homem, do meio e do momento historico é pelo estylo que ella adquire character.

No rosto humano, trate-se de um hottentote ou de um dolico-louro, a mascara subsiste sempre adstricta ao eschema morphologico da especie; tem dois olhos, nariz, bocca e orelhas, mas apesar disso nunca se confunde uma com outra. Paira nellas um elemento subtil de penosa definição, embora flagrante: o «facies» physionomico. Sem este «ar», a mascara perde o character e vira cara de boneca

Assim, na obra d'arte, além dos elementos intrinsecos, permanentes, regidos pelas leis eternas das proporções e do equilibrio rythmico, ha o estylo que mais não é senão a sua physionomia inconfundivel. Resultante da personalidade do artista, representa elle o vinco forte do seu temperamento emotivo. Se, porém, da poesia, pintura ou esculptura — artes mais susceptiveis de se im-

pregnarem deste coefferente pessoal, passarmos á architectura, amplia-se o phenomeno, sem entretanto refugir á lei. Já não é o homem, senão o meio, que imprime estylo á obra. O elemento individual raro dá algo de seu. Mas dá muito, dá tudo, a esthesia media da collectividade. O estylo architectonico varia conforme o grau de intelligencia, comprehensão e sentimento artistico de cada povo. Nasce como planta indigena do sólo se o povo é criador e expontaneo como o grego. Na architectura hellenica nada grita em dissonancia com o homem ou a terra; nunca houve nada mais bem adaptado á paisagem envolvente, á indole da raça, aos seus usos e costumes, ás suas necessidades, aos seus sentimento e idéas. A simplicidade de vida do povo eleito, a formosura do typo, a vida livre, a acuidade do pensamento, a frugalidade do povo, tudo tôa affim com a singela nobreza dos seus monumentos.

No Egypto, onde tão outra era a psychica collectiva, plasmada pela casta sacerdotal, a feição da architectura é hieratica e angulosa, despida de graça e norteadada sempre no sentido de suggerir idéas de grandeza.

Na China... Haverá architectura mais digna de estudo como producto rigorosamente logico das condições de vida, estadio mental e hierarchia tradicionalista de um povo?

A Russia, entresachamento ethnologico de barbaros europeus e asiaticos, não denuncia o

espírito resultante desta interpenetração por um estylo onde se tramam todas as aspirações estheticas dos componentes?

O mundo ottomano não deu á arte a mesquita, cujas cupulas e minaretes dizem tão bem com os habitos religiosos, vida e usanças da gente do Corão?

Os arabes, em sua expansão africana, não criaram uma formula maravilhosamente bem deduzida do clima, caracterizada pela nenhuma inclinação do telhado, uma vez que não existiam chuvas determinantes de tal defesa?

Em Hespanha, este mesmo povo não ideou formas novas, adaptando ao novo ambiente as formas velhas, tradicionaes, vindas da terra de origem?

Em Hollanda, o terreno alagadiço, a humidade atmospherica e a vida caseira, não criaram um typo de habitação e, portanto, um estylo em íntima harmonia com as injuncções locaes?

E' inutil proseguir nesta enumeração, que abrangeria todos os povos da terra.

Sem estylo, incapaz de physionomia architectonica não ha um sequer. E não ha nenhum porque seria isso negar a grande lei da biologia a que tudo se reduz: adaptação.

Sómente nos povos «in fieri» como os sul-americanos è que um exame superficial delata semelhante desvio biologico. Exame superficial,

digo, porque se o aprofundamos surge clara a chave do caso. Todos os povos atravessam periodos correspondentes na vida humana ao da infancia, épocas em que os traços physionomicos, indefinidos, vagos, denunciam mal a feição futura do adulto. Estamos em phase, por assim dizer cosmica. O simples facto de, pela imprensa, debatermos esta velhissima questão do estylo, denota a nossa puericia ethnica. Porque é pueril discutir-se com apaixonamento... se um dia teremos bigodes na cara, e barba, e rugas na testa, e expressão no olhar, isto é, estylo.

Mas pelo facto de o não termos hoje é absurdo negarmo-nos direito á physionomia. Se ainda o não temos tel-o-emos ainda. E a prova disso está em que já surgem tendencias annunciadoras disso. Já nos examinamos ao espelho, já procuramos conhecer em que sentido se vão crystallizando ou se devem crystallisar os nossos traços physionomicos.

Eis a questão.

Um brado apaixonado em excesso irritou. Bom symptoma. Só não se irrita a materia morta. Muito de industria fugimos á justa medida. Esta deve resultar do choque violento de correntes contrarias exacerbadas.

O sr. Stockler das Neves, no seu bello artigo estampado no «Jornal», defende o ponto de vista contrario ao nosso. Condemna a tentativa de va-

rios architectos de talento que foram ao passado buscar linhas tradicionaes para animar suas obras com um éco de saudade. Parece-nos que o sr. Stockler não apprehendeu bem o alcance desse gesto. Do contrario não o malsinaria. Haverá nada mais bello que o filho venerar o pae? É o presente comprehender com amor o passado? Pode um povo subsistir com dignidade de maneira inversa?

Esse movimento fecundo que Ricardo Severo iniciou com tanta discreção e ao qual já se filia uma pleiade de artistas altamente comprehensivos é o primeiro vagido de uma coisa muito mais significativa do que o sr. Stockler suppõe. E' o tactear dos primeiros passos para a criação do estylo brasileiro. Mas o sr. Stockler nega que o possamos ter. Põe-nos assim numa situação aparte no mundo, visto como «todos» os povos o têm. Outorga-nos o «record» da incapacidade.

E basea a sua negação num trecho de L. Cloquet.

Entretanto, por uma estranha coincidencia se tivéssemos de fundamentar nossa opinião em opinião alheia, nem de encommenda acharíamos melhor padrinho do que esse Cloquet. Diz elle : «Ao nosso ver não podemos fugir hoje a este dilemma : ou adoptar as formulas de um estylo historico, ou criar de pancada formulas novas.

Mas como um homem não pode implantar uma lingua, seja ella o volapuck, assim tambem a

invenção pessoal não poderá nunca criar um novo estylo.

Cada vez que um architecto procura deliberadamente afastar-se dos estylos consagrados cae na excentricidade.

Os grandes estylos antigos, que assignalaram as grandes epocas historicas, desenvolveram-se como a arvore secular, mergulhando as raizes no solo. Partiram dalgumas formulas alheias, as quaes foram desenvolvidas e apuradas por modificações continuas, numa evolução lenta, através de innumeras gerações, etc.»

Pelo dilemma de Cloquet — insubsistente aliás em face da obra de Otto Wagner — ou criamos de chofre o nosso estylo ou appellamos para a fonte historica. Crial-o de chofre seria o ideal, mas falta-nos talento. A maioria dos que por aqui impam de architectos não passam de copistas plagiarios. Agarram albuns de architectura editados em Italia ou França e pilham fachadas com a sem cerimonia de quem bate carteiras. Se têm um pouco de consciencia disfarçam o furto, pilhando quatro ou cinco projectos para com a mistura mandar um sexto, que assignam. Entre a minoria, porém, ha architectos de valor real, talento indiscutivel e grande honestidade. Receiosos de criar, embora lhes não falte capacidade para isso, fazem obra honesta orientados por todos os estylos europeus. Desta minoria um grupo se destaca.

São os que realisam a segunda ponta do dilema de Cloquet recorrendo a um estylo historico. Cloquet diz: «um» estylo historico. Que «um» deve ser este? Interfere aqui o Bom-Senso: será o estylo que se revele mais afim com o sentimento do paiz, sua vida, seu passado, suas tradições. Serão, portanto, em nosso caso, os estylos que floresceram na peninsula iberica. Porque é logico. é irrefragavel que não póde ser o estylo historico da China, nem o da Turquia, nem o da Russia. Disto se conclue que jamais Cloquet veiu tão a pique para dirimir uma contenda.

— Já que vocês não tem talento para criar formulas novas, desenvolvam o estylo historico, revicem-n'o, façam-n'o crescer e enfolhar como a arvore cujas raizes mergulham no passado e bebem a seiva da tradição. Só assim, partindo dessas formulas consagradas, numa evolução lenta, através de numerosas gerações, modificando-as, desenvolvendo-as e apurando-as podereis ter architectura. Fóra disso sereis tão architectos como o sujeito que verte do francez um romance de Paulo de Kock é romancista.

Assim falla Cloquet. E como o sr. Stockler compartilha da sua opinião, não ha entre nós nenhuma divergencia fundamental. Os tradicionalistas que exultem por ver accrescido o seu pequenino nucleo com mais este valioso paladino. Quando, inesperadamente, da phalange contraria surge uma adhesão deste valor, a idéa está con-

sagrada. Não admira. Possui estranhos amavios o ideal tradicionalista, os amavios do sangue, os amavios da raça, os amavios da saudade. Os seus adversarios filiam-se a elle sem que o percebam...



A PAISAGEM BRASILEIRA

A PROPOSITO DE WASTH RODRIGUES

.

Victima, como todos os outros, da absurda orientação esthetica que imprime o governo ás vocações fortes nascidas em nosso meio, consistente em desnacionalisal-as suffocando ao nascedouro o temperamento racial, pelo transplante do paciente, na idade em que apenas se inicia a crystallisação da individualidade, a por meios exóticos que lhe poderão dar todos os apuros da technica mas que exigem em troca o sacrificio nas aras do volapuck da já de si instavel alma brasileira, Wasth percebe na sua arte a eiva corruptora e vigorosamente reage. Reage reencetando á custa propria uma séria aprendizagem nova para a adaptação da technica européa ás exigencias do nosso ambiente.

A paisagem bravia, a natureza em bruto, despenheada; aqui já domada pelo homem — numa victoria de huno que é o arrazamento de tudo;

alli ainda em lucta com elle — assumindo aspectos de campo de batalha; além intacta, defendendo com ferocia a virgindade millenaria e esmagando o espectador com o imprevisto da sua magestade, exige do pintor um pincel mais atrevido e tintas mais energicas do que as vezeiras no reproduzir a frisada paisagem européa onde o homem já destruiu tudo quanto era selvatiqueza, ordenando-a aos caprichos do seu desejo.

A paisagem é lá a victoria do homem sobre a natureza. Aqui é a lucta, cem vezes a derrota, nunca a victoria completa.

Pouca gente comprehende isto. Inda agora a Avenida Central, por bocca d'um seu freguez, malsinou-a, em livro, de «banal».

Detenhamo-nos por um momento na elegante tolice.

Paisagem é o revestimento superficial do globo num quadro só que vae de polo a polo — por meio da arvore, da agua, do relevo do solo; desenho inadjectivavel que o sol pela manhã transforma em pintura viva, pintura que sem parar exgotta a gamma inteira dos valores e tons até que, após á apotheose do accaso, se desfaz em trevas para o resurgimento da manhã seguinte. Paisagem brasileira é essa tela desdobrada por oito milhões de kilometros quadrados na amplitude dos quaes a natureza assume todas as modalidades — campos nativos, floresta tropical, car-

rascaes, desertos, pantanos, cordilheiras, rios e pampas.

Figure-se a grandeza deste quadro na tela da imaginação e apponha-se-lhe em baixo, á guiza de titulo, o muxoxo qualificativo do escriptor fluminense: «banal».

Como soa engraçado o gallicismo que o homem tirou de si para engastar num quadro que a palavra humana não resumirá nunca n'um só vocabulo!

A explicação de conceitos deste jaez é que o artista, em face da nossa paisagem, se sente pequenino demais *pour la besogner*, e atem-se a breves contactos epidermicos. Falta-lhe aquelle musculo leonino do bandeirante que rasgava de extremo a extremo, implacavelmente, a carne viva das sertanias virgens. A tarefa exige a alma de Rubens refundida na bigorna onde se temperou Fernão Dias Paes Leme.

O artista educado no velho mundo sente-se inerme, percebe que o espadim da technica haurida na Academia Julien não é arma séria em frente do que pede tacape. E esmorece.

Achincalha-se, então, a felsear a paisagem ou escolher della somente os trechinhos mansos relembrativos da paisagem de lá. Só isso — breves manchas microscopicas que mentem á terra — parece-lhes pictural.

Este embate, este peito a peito, é a grande

crise do pintor nacional educado fóra do ambiente nativo.

A' maioria ganha o desalento; caem na calaçaria da pintura de *atelier*, com apostrophes de odio contra a natureza incomprehendida, e entram a vegetar a triste vida do artista impotente para quem a cavação perante o governo é o supremo engodo.

Outros desistem de viver numa terra «impossível».

Alguns, rarissimos, os fortes, adaptam-se. Reencetam com paciencia uma nova aprendizagem e vencem.

Nesta categoria está Wash Rodrigues. Elle concentra energias para a grande batalha. Vae penetrar o sertão, estudar os segredos dos verdes agrestes, senhorear o typo e o modelado das arvores, apanhar os tons e relevos da terra, captar em flagrante a poesia das sombras n'agua, sondar a alma das taperas, ouvir o gemido da matta quando o machado lhe estraçoa as entranhas, e seus uivos de dôr quando o fogo a constringe no amplexo de labaredas. Vae estudar a tiguéra — campo de batalha em que a vegetação destruida lança por mil brotos tenros o grito da renascença. Vae sentir o sombrio da matta virgem onde o raio de sol nunca despertou da somneira secular os velhos anusgos a camados sobre os velhos troncos mortos.

E vae tambem estudar a attitude do homem mettido nesse ambiente. Não do homem pechís-beque das cidades, incaracteristico e grotesco na sua casquinha de *plaquet* lustrada a gesso pela manhã e revendo á tarde o azinavre dos metaes de ruim liga. Mas o homem incontaminado, grosso de casca, intraduzivel em francez; o bruto cuja vida è uma lucta de todos os instantes contra as forças vivas da feracidade ou contra as forças negativas, retracteis, crudelissimas da aridez.

Estudará esse homem em acção, no contacto directo com a terra de que é uma resultante e que, na ancia de subsistir, vae, sem normas, sem leis, sem arte, modificando a ferro e fogo com a barbaridade de quem mata para viver.

O Brasil inda è o caboclo, empunhando o machado e o facho incendiado, na lucta, arca por arca, contra a hispidez envolvente, para que nas clareiras entreabertas tome assento a civilisação.

A pintura brasileira só deixará de ser um *pastiche* inconsciente, quando se penetrar de que é mister *comprehender* a terra para bem interpretal-a. Foi esta comprehensão da terra que possibilitou o surto das escolas hollandeza e flamenega até esses cimos chamados Rembrandt e Rubens. E será ella, sempre, o segredo do genio e a alma imperitura de toda obra d'arte.

PARANOIA OU MYSTIFICAÇÃO?

A PROPOSITO DA EXPOSIÇÃO MALFATTI

Ha duas especies de artistas. Uma composta dos que vêm normalmente as coisas e em consequencia disso fazem arte pura, guardados os eternos rythmos da vida, e adoptados para a concretisação das emoções estheticas, os processos classicos dos grandes mestres. Quem trilha por esta senda, se tem genio, é Praxiteles na Grecia é Raphael na Italia, é Rembrandt na Hollanda, é Rubens na Flandres, é Reynolds na Inglaterra, é Lenbach na Allemanha, é Zorn na Suecia, é Rodin na França, é Zuloaga na Hespanha. Se tem apenas talento vae engrossar a pleiade de satelites que gravitam em torno daquelles sões immorredoiros.

A outra especie é formada dos que vêem anormalmente a natureza, e interpretam-na á luz de theorias ephemeras, sob a suggestão estrabica de escolas rebeldes, surgidas cá e lá como furunculculos da cultura excessiva. São productos do cansaço e do sadismo de todos os periodos de de-

cadencia; são fructos de fim de estação, bichados ao nascedoiro. Estrellas cadentes, brilham um instante, as mais das vezes com a luz do escandalo, e somem-se logo nas trevas do esquecimento.

Embora se dêem como novos, precusores duma arte a vir, nada é mais velho do que a arte anormal ou teratologica: nasceu com a paranoia e com a mystificação. De ha muito já que a estudam os psychiatras em seus tratados, documentando-se nos innumerados desenhos que ornarn as paredes internas dos manicomios. A unica differença reside em que nos manicomios esta arte é sincera, producto logico de cerebros transtornados pelas mais estranhas psychoses; e fóra delles, nas exposições publicas, zabumbadas pela imprensa e absorvidas por americanos malucos, não ha sinceridade nenhuma, nem nenhuma logica, sendo mystificação pura.

Todas as artes são regidas por principios immutaveis, leis fundamentaes que não dependem da latitude. As medidas de proporção e equilibrio, na fórmula ou na côr, decorrem do que chamamos sentir. Quando as coisas do mundo externo se transformam em impressões cerebraes, «sentimos»; para que sintamos de maneira diversa, cubica ou futurista é forçoso ou que a harmonia do universo soffra completa alteração, ou que o nosso cerebro esteja em desarranjo por virtude de alguma grave lesão. Emquanto a percepção sensorial se fizer no homem normalmente,

através da porta commum dos cinco sentidos, um artista diante de um gato não poderá «sentir» senão um gato, e é falsa a «interpretação» que do bichano fizer um totó, um escaravelho ou um amontoado de cubos transparentes.

Estas considerações são provocadas pela exposição da sra. Malfatti onde se notam accentuadissimas tendencias para uma attitude esthetica forçada no sentido das extravagancias de Picasso e companhia. Essa artista possui um talento vigoroso, fóra do commum. Poucas vezes através de uma obra torcida para má direcção se notam tantas e tão preciosas qualidades latentes. Percebe-se de qualquer daquelles quadrinhos como a sua autora é independente, como é original, como é inventiva, em que alto grau possui umas tantas qualidades innatas das mais fecundas na construção duma solida individualidade artistica.

Entretanto, seduzida pelas theorias do que ella chama arte moderna, penetrou nos dominios dum impressionismo discutibillissimo, e põe todo o seu talento a serviço duma nova especie de caricatura.

Sejamos sinceros: futurismo, cubismo, impressionismo e «tutti quanti» não passam de outros tantos ramos da arte caricatural. E' a extensão da caricatura a regiões onde não havia até agora penetrado. Caricatura da côr, caricatura da forma — caricatura que não visa, como a primitiva,

resaltar uma idéa comica, mas sim desnortear, aporvalhar o espectador.

A phisionomia de quem sae de uma destas exposições é das mais suggestivas. Nenhuma impressão de prazer ou de belleza denunciam as caras; em todas se lê o desapontamento de quem está incerto, duvidoso de si proprio e dos outros, incapaz de raciocinar e muito desconfiado de que o mystificam grosseiramente. Outros, certos criticos sobretudo, aproveitam a vasa para «épatér le bourgeois». Theorisam aquillo com grande dispendio de palavriado technico, descobrem nas telas intenções e subintenções inacessiveis ao vulgo, justificam-nas com a independencia de interpretação do artista e concluem que o publico é uma cavalgadura e elles, os entendidos, um pugilo genial de iniciados da Esthetica Occulta. No fundo ríem-se uns dos outros, o artista do critico, o critico do pintor.

E' mister que o publico se ria de ambos.

Arte moderna, eis o escudo, a suprema justificação. Na poesia tambem surgem, ás vezes, furunculos desta ordem, provenientes da cegueira nata de certos poetas elegantes, apesar de gordos, e a justificativa é sempre a mesma: arte moderna. Como se não fossem modernissimos esse Rodin que acaba de fallecer deixando após si uma esteira luminosa de marmores diviños; esse André Zorn, maravilhoso «virtuose» do desenho e

da pintura ; esse Brangwyn, genio rembrandtesco da babylonia industrial que é Londres ; esse Paul Chabas, mimoso poeta das manhans, das aguas mansas e dos corpos femininos em botão. Como se não fosse moderna, modernissima, toda a legião actual de incomparaveis artistas do pincel, da penna, da agua forte, da «dry-point» que fazem da nossa época uma das mais fecundas em obras primas de quantas deixaram marcos de luz na historia da humanidade.

Na exposição Malfatti figura ainda como justificativa da sua escola o trabalho de um mestre americano, o cubista Bolynton. E' um carvão representando (sabe-se disso porque uma nota explicativa o conta) uma figura em movimento. Está alli entre os trabalhos da sra. Malfatti em attitude de quem diz: eu sou o ideal, sou a obra prima ; julgue o publico do resto tomando-me a mim como ponto de referencia.

Tenhamos a coragem de não ser pedantes : aquelles gatafunhos não são uma figura em movimento ; foram, isto sim, um pedaço de carvão em movimento. O sr. Bolynton tomou-o entre os dedos, das mãos ou dos pés, fechou os olhos e fel-o passear na téla ás tontas, da direita para a esquerda, de alto a baixo. E se o não fez assim, se perdeu uma hora da sua vida puxando riscos de um lado para outro, revelou-se tolo e perdeu o tempo, visto como o resultado foi absolutamente o mesmo.

Já em Pariz se fez uma curiosa experiencia: ataram uma brocha na cauda de um burro e puzeram-n'o de trazeiro voltado para uma téla. Com os movimentos da cauda do animal a brocha ia borrando un quadro...

A coisa fantasmogorica resultante foi exposta como um supremo arrojado da escola cubista, e proclamada pelos mystificadores como verdadeira obra prima que só um ou outro rarissimo espirito de eleição poderia comprehender. Resultado: o publico affluio, embasbacou, os iniciados rejubilaram e já havia pretendentes á téla quando o truque foi desmascarado.

A pintura da sra. Malfatti não é cubista, de modo que estas palavras não se lhe endereçam em linha recta; mas como aggregou á sua exposiçãõ uma cubice, queremos crêr que tende para ella como para um ideal supremo. Que nos perdoe a talentosa artista, mas deixamos cá um dilemma: ou é um genio o sr. Bolynson e ficam riscadas desta classificação, como insignes cavalgadas, cohortes inteiras de mestres immortaes, de Leonardo a Stevens, de Velasquez a Sorolla, de Rembrandt a Whistler, ou... vice-versa. Porque é de todo impossivel dar o nome de obra de arte a duas coisas diametralmente oppostas como, por exemplo, a Manhan de Setembro, de Chabas, e o carvão cubista do sr. Bolynson.

Não fosse profunda a sympathia que nos inspira o formoso talento da sra. Malfatti, e não

viriamos aqui com esta série de considerações das agradáveis.

Ha de ter ouvido essa artista numerosos elogios á sua nova attitude esthetica.

Ha de irritar-lhe os ouvidos, como descortez impertinencia, a voz sincera que vem quebrar a harmonia de um côro de lisonjas. Entretanto, se reflectir um bocado, verá a que lisonja mata e a sinceridade salva. O verdadeiro amigo de um artista não é quem o entontece de louvores, e sim o que lhe dá uma opinião sincera, embora dura, e lhe traduz chãmente, sem reservas, o que todos pensam delle, por detrás.

Os homens têm o vezo de não tomar a sério as mulheres artistas. Essa é a razão de lhe darem sempre amabilidades quando ellas pedem opinião.

Tal cavalheirismo é falso, esobre falso, nocivo. Quantos talentos de primeira agua se não transviaram arrastados por maus caminhos pelo elogio incondicional e mentiroso? Se vissemos na sra. Malfatti apenas uma “moça prendada que pinta”, como centenas ha por ahí, sem denunciar centelha de talento, calar-nos-iamos, ou talvez lhe dessemos meia duzia desses adjectivos “bonbons”, que a critica assucarada tem sempre á mão em se tratando de moças. Julgamol-a, porém, merecedora da alta homenagem que é tomar a sério o seu talento dando a respeito da sua arte uma opinião sincerissima, e valiosa pelo facto de ser o reflexo da opinião geral do publico sensato, dos criticos,

dos amadores, dos artistas seus collegas e... dos seus apologistas.

Dos seus apologistas sim, porque tambem elles pensam deste modo... por traz.

PEDRO AMERICO

Em fins de 1852 reinava o alvoroço na pequena Areias, humillima cidadezinha perdida nos recessos da Parahyba.

O povileu, com espiadelas pelas esquinas e “quem será?” em todas as boccas, trazia d’olho um grupo de homens de fóra, chefiados por estrangeiro louro, que descavalgára no largo da Matriz, com muita bagagem exquisita á cola e não menos exquisitos modos de “reparar” em todas as cousas.

Não tardou corresse voz tratar se d’um naturalista francez, Luiz Brunet, em missão scientifica pelos sertões de Christo afóra. Pura charada. Falar em missão scientifica áquelles povos segregados do mundo, ou contar a historia do quadrado da hypotherusa a um tabareu mazorro, é tudo um.

Não obstante, as pessoas gradas foram visitar os recémvidos, com rigida cerimonia, em obediencia ás boas normas da hospitalidade. Resabiados a principio, o ar prazenteiro do naturalista pol-os sem tardança nos eixos da familiaridade, e logo nos da vaidade local quando o sabio, com

amavel sombra, entrou a gabar a bella natureza, a bella agua, o bello ar, o bello clima e todas as mais bellezas dos lugarejos pobres.

Dessas generalidades meteorologicas escoregou a palestra para o commento de factos e pessoas locaes; e então o boticario, chupado Eusebio Macario que com misturar os productos therapeuticos dos tres reinos da natureza olhava como a collega para o sabio que os vinha estudar, disse, cuspindo o pigarro, para exemplificação das capacidades estheticas dos seus conterraneos:

— Ha aqui um menino que só vendo! Pinta um homem a cavallo, ou um carro puxando lenha, com os boisinhos, a canga, os fueiros e o mais que até parece um chromo do Tricófero.

— O Pedrinho do Daniel? bedelhou o presidente da Camara para dizer qualquer coisa, pois sabia elle melhor que ninguem não existir em Areias, afóra esse Pedrinho, creatura capaz de pintar cara de homem que não lembrasse logo uma castanha de cajú.

— Pois é! confirmou, ancho, o dos tres reinos.

Interessou-se] o francez pelo caso e pediu pormenores, que todos, á uma, grulharam com a lorpice sufficiente para deixar o interpellante na mesma, isto é, sem distinguir tratar-se duma criança acasuladora d'algum grande artista futuro ou de um "curioso" precoce, cujos gatafunhos boquiabrem boticarios mas não revelam estigma de verdadeira esthesia a olhos mais bem educados.

Como a tarde corresse amena, e já lhe maçassem aquelles séccantes paredros ruraes, mostrou o sabio desejos de conhecer pessoalmente o menino, inda naquelle dia. Promptificou-se o Galeno a conduzi-lo á casa de Daniel Eduardo de Figueiredo, e para lá se foram.

Chegados, e explicados os fins da visita, o pae de Pedrinho confirmou os encomios do boticario e exhibiu documentalmente uma serie de desenhos infantis. Examinou os Brunet um por um, e ao cabo indagou a idade do artistasinho.

— Dez annos, por fazer.

— E... ninguem o ajuda? Ninguem corrige estes desenhos?

Sorriu-se o pae.

— Quem ajudaria o meu menino? Ninguem aqui entende disto. Eu sou musico, toco violino. Ha o Zéca Pintor, mas esse só pinta paredes. E' graça natural que Deus lhe deu.

O francez continuava d'olhos postos nos desenhos, examinando ora um, ora outro, de perto e de longe, sob varias luzes. Em seguida perguntou:

— Está em casa o pequeno? Poderei vel-o?

— Pedrinho! gritou para dentro o pae.

Immediatamente um rosto moreno de criança assomou á porta. Pudera! Todo o tempo estivera á fresta, d'ouvido alerta, como percebesse que falavam de si.

Era um menino de poucas carnes, pallido, d'olhos escuros, resumbrando nos traços o typo medio do nortista. Vexado a principio, desacanhou-se

logo ante as carinhosas perguntas do estrangeiro, o qual, após gabos e louvores, o interpellou á queima bucha :

— E' capaz de desenhar á minha vista este chapéu e esta espingarda ?

— Desenho, pois não.

E ligeiro como um serelepe, sem vacillar, esboça os modelos com mão lesta e visão segura enquanto Luiz Brunet, de pé, lhe espia por sobre os hombros o trabalhinho agil dos dedos. Minutos após,

— Basta, acenou o francez, não é preciso mais.

E voltando-se para o pae, com gravidade ponderada :

— Eu tenho necessidade de um desenhista na minha expedição. Autorisa o seu filho a occupar esse lugar ?

Daniel arregalou os olhos, abrindo uma das maiores boccas da sua vida, e gaguejou, emocionado, após uns instantes de atarantação :

— Mas... é uma creança ! Nove annos...

— E' uma creança mas desenha assim ! obtemperou o naturalista antepondo aos olhos do emparvecido pae o ultimo trabalho do filho. Que importam os annos, se já é um artista ?

Dias depois o presidente da provincia contratava Pedro Americo de Figueiredo para desenhista da expedição.

Aos nove annos, pois, idade em que pelo commum os meninos descadeiram gatos na rua, a pedradas, começou Pedro Americo a desfiar as

camandulas de um rosario de triumphos ininteruptos, como não ha exemplo de outro no paiz e poucos haverá fóra.

Durante dois annos peregrinou por montes e valles do seu estado natal e dos convisinhos, dando desempenho de “gente grande” á tarefa ardua de desenhista.

Um estagio destes, realizado em annos verdes, no coração do paiz, era de molde a lhe assentar n'alma os silhares de uma esthetica de funda consonancia com o ambiente.

Não foi assim.

Pedro Americo não era brasileiro, ou melhor, brasilico.

Tinha a alma condoreira dos para quem patria é o mundo. Dessa feição psychica resultou o tornar-se com o tempo o maior dos pintores brasileiros e o menos brasileiro dos nossos pintores.

Inda não o arguiram de tal.

Fazel-o a voz desautorizada de um “ninguem” seria deslavado topete se ao asserto lhe não prestasse pulso forte a propria obra do artista.

Mas não antecipemos.

Findos os trabalhos da missão Brunet veiu o menino á Côrte, para o Collegio D. Pedro Segundo, e logo transpõe os humbraes da Academia de Bellas Artes com apenas onze annos. Ahí successivas victorias escolares sobrepuzaram louros em sua cabeça: victorias no campo mental, onde assombrava aos mestres a precoce agudeza de seu

engenho, e no campo artistico, onde vencia, rapido, as maiores difficuldades de technica. Quinze medalhas conquistadas então prefulgem nesse tirocinio como attestados iususpitos da affirmativa.

Infelizmente a orientação da Academia era nesse tempo absurda, no sentido de tolher o surto d'uma arte abeberada nas fontes raciaes, para gloria maior de um classicismo cachetico.

Estava em moda o biblicismo. Não se comprehendia a alta pintura fóra do quadro revelho da Biblia. Themas de concursos, theses de exame, inspiração, suggestões, tudo sahia da historia dos hebreus. Se havia mister de uma nudez feminina, saltavam logo as Suzannas, as Abizags, as Salomé's. Reclamava-se um caçador? Surgia Nemrod. Um lavrador? Booz. Um guerreiro? um mendigo? um máo filho? David, Job, Absalão. Um burro de carroça? A besta de Balaão.

Esqueciam os nossos avós que a grande Biblia é a Natureza, e só é capaz de fructos opimos a arte que olha em derredor de si e toma homens e coisas como os vê e os sente, dando de hombros aos sobreceños carregados e aos ares de desprezo dos bonzos empoados do passado morto.

Pedro Americo malbaratou—haja a coragem deste juizo duro—Pedro Americo malbaratou o seu genio, nesse interregno, pintando o repintadissimo "Christo da Canna", o mil vezes espatulado "S. Miguel", o archi-brochado "S. Pedro resuscitando a filha de Tabira", e tantos outros quadros

cujo sopôr classico os inhibe de falar lingua intelligivel a ouvidos modernos.

O esto racial do seu temperamento, se balbuciou alguma vez, não resistiu á atrophiante orientação esthetica dos coripheus da epoca, e nada deu de si.

Reinava Pedro Segundo.

A casa de Bragança redimia suas taras mentaes e moraes cumulando no grande monarcha virtudes que raro soem concorrer num homem só, e nas republicas ao molde da nossa nem numa groza de paredros supremos.

Pensionado por elle, de seu bolso, seguiu Pedro Americo para o Velho Mundo e lá cursou a Escola de Bellas Artes de Pariz, de par com a herpetica Sorbonna e o Instituto de Physica de Ganot. Teve por mestres varios pintores de nomeada mundial, Ingres, Flandrin, Vernet, Coignet, classicos todos, quando não romanticões de pêllo hirsuto; viajou o que poude e voltou ao Rio em 1864 para disputar e obter com desempeno, de baixo dum côro de louvores, a cadeira de desenho da Academia.

“Socrates afastando Alcebiades dos braços do vicio”, foi a sua tela de concurso.

Pobre Brasil! Já se diluira de todo a imagem delle no coração do artista, que do hebraismo inculcado em primeira mão alargava-se ao hellenismo caro todos os espiritos despegados do torrão natal. Não obstante, o vinco hebraico voltou logo

á tona e accentuou-se como feição dominante de toda a sua obra.

Nesse periodo lectivo ha que assignalar o primeiro assomo nacionalista do seu pincel : entre o "Petrus ad Vincula" e outros santos menores lucilou a carnadura dourada da "Carioca".

Arte nova? Primeiro vagido duma escola nacional?

Infelizmente não. A discutidissima "Carioca" só o é no titulo. Fóra d'ahi é um simples nú, uma nympha, uma banhista, uma fonte, tão carioca como as mil co-irmans que abarrotam todas as pinacothecas européas. Com alguma boa vontade achareis em seus olhos negros um vilunbre do olhar morno das guanabarinhas.

Rompia a guerrra do Paraguay quando Pedro Americo emprehendeu segunda viagem á Europa onde pintou "S. Marcos", "S. Jeronymo", "Visão de S. Paulo", e mais varões beatificados. Por essas alturas defendeu theses em Bruxellas, doutorou-se na universidade em sciencias naturaes, regressando á patria em 70.

A convulsão bellica dos cinco annos de campanha crispára de energias novas a feição pacata do paiz, e abriu aos artistas o campo virgem da pintura heroica.

Ganho pela febre ambiente, Pedro Americo põe parte a palheta agiologica e toma por instigações de Pedro II a que o havia de immortalisar.

Um parenthesis.

A theoria dos tres factores de Taine, pela qual o artista é um producto conjugado do homem, do meio e do momento, soffre no Imperio a interpolação anomala de um quarto factor. Todos os grandes artistas, poetas, estadistas, sabios e technicos daquelle venturoso periodo são o producto do homem, do meio e do momento e de Pedro Sagundo. A desaparição deste agente explica muito da chinfrineira posterior ao banimento.

Por influição do monarcha, Pedro Americo inicia uma série de batalhas, na qual esplende a de Avahy, grandiosa tela, tumida de vida, movimentadissima, verdadeira obra prima equiparavel ao que mundialmente melhor se pintou no genero. Por ella se vê com que garbo Pedro Americo enfrentaria a pintura historica, desentranhando do nosso passado o muito que nelle se amontôa esquecido e pede a glorificação da tela, se por falsa comprehensão artistica não emperrasse em acampar nos areaes da Palestina. Desse periodo sobre todos fecundo datam a "Batalha do Campo Grande", "Ataque á ilha do Carvalho", "Passo da Patria" e outros.

Um novo excurso pelo velho mundo rompe em 78 a suggestão do imperante, reconduz o artista á Biblia, donde extrahe "Judith" e "Jacobed levando Moysés ao Nilo", e indul-o a desferir vôo pelos ceus da universalidade.

Pedro Americo penetra na historia. Em a nossa? Não. Na da Ingraterra, com "Os filhos de

Eduardo IV", na portugueza com "Ignez de Castro", "Catharina de Athayde" e "D. João IV", na de França, com "Joanna D'Arc".

A patria merece-lhe um só minuto de attenção: — "Moema", quadro nocturno em que sob os reflexos da lua boia na onda um cadaver de mulher enquanto se alonga mar atóra uma caravela. Mas, como na "Carioca", a "Moema" da Moema só tem o titulo.

Entrementes completa-se-lhe a evolução da mentalidade, plenamente maturada, com um desgarrar para o philosophismo pictural. O muito estudo de sciencias e philosophias que Pedro Americo levava de par com a piñtura, empresta-lhe uma phase esthetica final de feição germanica.

O culto exaggerada da ideia mata o sensualismo.

Ao envez de *sentir*, o pintor eivado de sobrecarga philosophica *pensa*.

Em Pedro Americo as telas desse periodo são allegorias, compendios, summulas, exposições figuradas de idéas onde a linha e a côr substituem as palavras.

Uma clareira entretanto se abre nesse em meio: Pedro Americo a instancias do Governo de S. Paulo pinta o soberbo quadro que enriquece o museu do Ypiranga, e ahi culmina. Raras vezes a arte da pintura attinge a tal vertice. Pelo equilibrio sobrio da composição, pelo rigor do desenho, pelo colorido magistral, pelo sopro epico que in-

sufila á scena mais significativa da nossa historia o artista guinda-se a uma altitude onde permaneceria só, se Almeida Junior não levasse para lá a "Partida da Monção". Uma tela dessas é mais que sufficiente para coroar de louros immarcessiveis a cabeça de um pintor.

Em seguida ao clarão do "Sete de Setembro" recae na pintura philosophica com que fecha a carreira gloriosa. "A noite acompanhada dos genios do Amor e do Estudo", "Voltaire abençoando o neto de Franklin em nome de Deus e da Liberdade", "Honra e Patria" e "Paz e Concordia" assignalam o ultimo degrau da escada altissima que marinhou, á força de trabalho e genio, o pequeno desenhista da expedição Brunet.

Synthetizando: Pedro Americo foi um romantico, grande entre os grandes.

Na pintura heroica não pede meças a nenhum mestre.

Capaz de rasgar sendas novas conducentes á criação d'uma arte genuinamente brasilica, desdenhou essa vereda aspera e fez-se europeu.

Não obstante, o consenso unanime da critica tem-n'o como o nosso pintor maximo.

Foi innegavelmente o nosso pintor maximo — até Almeida Junior. Dahi para diante já as opiniões divergem.

Um quadro singelo do pintor paulista, uma brasileira humilde que chora — "Saudades", abalisa o momento em que pela criação duma arte pro-

fundamente racial, brotada da terra como insofreavel planta indigena, rescendente ao cheiro agreste do humus incontaminado pelo europeismo, scintilla uma luz nova.

Se não empallidece a estrella de Pedro Americo, perde a unicidade.

São duas, d'ora avante, a brilhar nas mesmas alturas, cada uma com brilho proprio, rutilantissimas ambas.

ALMEIDA JUNIOR

Nunca a pintura no Portugal antigo. Floriu com o viço notado na Flandres, na Hollanda, na Hespanha e nas republicas italianas — paizes chamados á comparação como os melhores affins do luso. Não vingou ali um Rembrandt, um Rubens, um Buonarotti, um Velasquez, e para a fulgente pleiade dos Halls, Ticianos e Riberas, Portugal não dá um nome só, sequer.

Herdeiro das boas e más qualidades da metropole, o Brasil-colonia, que outra cousa não era senão o proprio Portugal em projecção rarefeita sobre uma terra nova, não revelou em nenhum campo plastico signal de capacidade esthetica. Sem vocação congenial, e não esporeado por injuncções sociaes capazes de substituil-a, chegamos até S. M. Fidelissima, o sr. D. João VI, sem ver pintor na terra além duns santeiros vulgares.

Com o advento da côrte e por exclusivo reclamo da fidalguia transplantada, o luxo exigiu arte, e promoveu-lhe o cultivo official.

Crea-se uma escola e importam-se professores de França.

A' luz do criterio nacionalista foi um erro isso. Como bons francezes, os pintores encomendados trouxeram consigo a tára mortal do francez : incompreensão da alma alheia. Em vez de operarem como tutores da arte local, que emittia debéis vagidos, e, embora primitiva, rude, ingenua, tinha o alto valor de ser uma tentativa da terra, despresaram-n'a para enxertar nos cotyledones os amaneirados de moda em França.

Fervia lá o classicismo. David e satellites só concebiam a vida moldada pelas attitudes da esculptura grega, e tudo soffria as consequencias dessa convenção.

Envenenados pelo mal da época Debret, Taunay, Montigny e os outros aggravaram o erro francez inoculando-o numa colonia em formação. E assim mal orientados, incapazes da visão brasílica das cousas, a obra educativa desses mestres consistiu em eivar as vocações confiadas á sua licção de funesto convencionalismo.

As obras desse periodo accumulam-se boas, mediocres, ou más quanto á technica, mas selladas todas com o carimbo da desnacionalisação. Não denunciam a escola brasileira. Até Porto Alegre, nenhum nome se fixa na retentiva de ninguem.

Porto Alegre annunciára uma aurora promissora. Talento multiforme, galgou rapido as maiores eminencias sociaes. Foi poeta, critico,

diplomata e pintor — e isso o perdeu. O leonardismo só deu um Leonardo!... Como poeta e pintor viciou-o a frouxidão e a emphase.

Delle a Pedro Americo, como já se alargára a comprehensão da pintura, e os artistas já se libertassem do estreito quadro primitivo, nota-se uma continua ascensão de nivel que culmina nesse artista excepcional.

A «Batalha de Avahy» marca o apogeu. O romantismo attinge com ella um pincaro só accessivel ao genio. Foi um occaso. Occaso esplendido de um sol que não teve meio dia. A'quella luz tudo se obscureceu, e a arte romantica fechou o seu cyclo.

A madrugada do dia seguinte raia com Almeida Junior. Elle conduz pelas mãos uma cousa nova, e verdadeira, o naturalismo. Exerce entre nós a missão de Courbet em França. Pinta não o homem, mas um homem — o filho da terra, e crea com isso a pintura nacional em contraposição á internacional, dominante até ahi.

Vem de França, onde aperfeiçoára estudos, traz consigo quadros biblicos differentes de tudo o mais, pessoalissimos, reveladores duma comprehensão extremamente lucida da verdadeira arte.

A «Fuga para o Egypto» é bem um carpinteiro humilde fugindo por um areal de verdade, com mulher e filho de verdade, montado num burrico de verdade. Mudem-se áquellas figuras os trajes, vistam-nas á moda nossa, deem-lhes a

nossa paisagem como ambiente, e o quadro biblico continuará verdadeiro: é sempre um marido, a mulher e o filhinho, humanissimos todos, que fogem para salvar a vida. Se era assim o pintor num quadro dessa ordem, genero em que, de commum, a arte naufraga no mar do convencionalismo anti-humano e anti-natural, continúa assim, humano e natural, despreocupado de modas e escolas até ao fim da carreira.

Não ha obra mais una que a sua. Nunca foi senão Almeida Junior no individuo; paulista na especie; brasileiro no genero.

Não obstante, quando appareceu a «Partida da Monção», como em França Puvis de Chavannes andava na berra, a critica ligeira filiou essa obra á escola do painelista francez.

Nada mais falso.

Basta erguer os olhos para o seu quadro tendo nas mãos a obra de Puvis reproduzida em gravura para nos convencermos da leviandade do juizo. E' um juizo irmão do que dava «O crime do Padre Amaro» como filho do «La faute de l'abbé Mouret».

Puvis é um symbolico, um preraphaelita á sua moda, um primitivista ou, falando technicamente, um estylisador de figuras e paisagens. Correu da sua arte o natural e deu a tudo attitudes rebuscadas, onde o davidismo revê uma greguice conjugada ás hysterias de Botticelli, Rossetti, Jones e outros. As arvores nascem e crescem todas

num mesmo sentido, esgalhando e enfolhando com symetria preestabelecida. As figuras movem-se guardando attitudes que não destoam das arvores. A terra, o ceu, tudo soffre a estylisação.

Na «Partida da Monção», ao contrario disso, não ha uma attitude inventada. E' naturalismo puro. Ha côr local. Ha reconstituição exacta de uma scena como ella o foi na realidade.

Onde se denuncia, então, a influencia de Puvis? No tom enevoado da tela... Mas como pintaria elle uma scena matutina, sobre o Tieté, sem mergulhal-a na bruma? Refugado, pois, da sua arte, esse pseudo chavannismo, integrada a «Partida da Monção» no bloco massiço das suas obras anteriores, resalta a verdade da affirmação: Almeida Junior nunca foi senão Almeida Junior.

José Ferraz de Almeida Junior nasceu em Itú a 8 de Maio de 1850. Desde menino revelou a vocação, e de tal fórma que varios amigos, entusiasmados por um «S. Paulo» pintado por elle, metteram-n'ó na Escola de Bellas Artes do Rio. Alli fez o caboclinho um curso magnifico, rematando-o com a obtenção dum primeiro premio. Muito pobre, voltou depois á provincia natal, dedicando-se á profissão. Vegetava por aqui quando o sr. D. Pedro II, em excursão a Campinas para assistir a festa inaugural da Mogyana, dá com elle, examina-lhe os ultimos trabalhos e offerece-lhe uma viagem á Europa por conta do seu bolso particular. Almeida Junior seguiu para o velho

mundo onde, em França, sob a orientação de Cabanel—cuja maneira, entretanto, não seguiu— estudou furiosamente.

Sempre nostalgico da patria, a quantos o interpelavam, com inveja de vel-o aboletado na Paris, que elles lá dizem capital do mundo, «cidade luz» e mais assombros de nhambiquara em face de vitrina de joias, respondia sempre :

—Ando mas é morto por me pilhar no Brasil.

Isto define-o mais que um tratado inteiro de psychologia. Era uma individualidade inteiriça, rija como o corindon, insophismavel, rude, incapaz de dessorar-se em terra alheia.

Seis annos durou o seu curso de aperfeiçoamento, concluso o qual viajou pela Italia, regressando á patria em 82. Entrou para a exposição do anno seguinte com quatro telas typicas, «Remorso de Judas» e «Fuga para o Egypto», obras biblicas mas de forte interpretação naturalista; «Repouso do Modelo», precioso quadro de composição já medalhado em Paris, e dos mais elegantes sahidos de pincel brasileiro; e «Derrubador», mais um vigoroso estudo de musculatura do que um quadro, embora precioso como germen da serie de telas que o immortalisariam.

A critica consagrou-o incontinente. E Almeida Junior deu inicio, na patria, á sua obra pessoal. Em contacto permanente com o homem rude dos campos, unico que o interessava porque unico representativo, hauriu sempre no estudo delles o

thema das suas telas. Comprehendia-os e amava-os. Ligava-o a elles uma profunda afinidade racial. Pintou os «Caipiras negaceando» que Chicago medalhou a ouro, quadro de vulto a que empresta grande valor a expressão maravilhosa do caçador que entrepára ao ouvir de surpresa o rumor da caça.

Não é essa tela o retrato de dois manequins vestidos á caipira e postos no ambiente da matta. São de facto dois caçadores caboclos, vivos, no quanto comporta de vida a illusão pitorica. Em seguida a esse trabalho memoravel abre Almeida Junior um interregno para compor grandes telas religiosas para a Sé, «Conversão de São Paulo», «Christo no horto», e varios paineis decorativos, de côr muito fina, para a «Paulicéa» e Club Internacional.

Libertado da necessidade de ganhar dinheiro entrega-se finalmente á pintura do que lhe sabe ao temperamento. Data dahi a parte capital da sua obra.

Pinta o «Caipira picando fumo» e «Amolação interrompida» dos quaes a nossa Pinacotheca possui duas más copias ampliadas. Digo más porque essa é a impressão de quem as coteja com os originaes em poder do Dr. Sampato Vianna. Copiadas pelo proprio autor, por isso mesmo não valem as primeiras. Explica-se. Estas foram pintadas pelo natural, no local adequado, ao ar livre, com a alma do artista impregnada do thema. Possuem toda a vida dos quadros sentidos e amorosamente feitos.

As copias, feitas em epocha posterior, com outras preocupações na cabeça, num estado d'alma diverso, com technica diversa, com variantes de côr e tons, tem todos os leves defeitos duma segunda edição ampliada, preparada ás pressas, para exclusivos fins commerciaes. Só é capaz de boa copia quem copia obra alheia. Copiando a obra propria o artista não se adstringe á fidelidade necessaria e faz sem o saber obra nova. Nova e má, pela ausencia do mysterioso *quid* da obra vivida.

Todas as mais telas que Almeida Junior pintou nesse periodo aureo jazem esparsas pela cidade. E é pena. Se ha pintor que mereça figurar inteiro na Pinacotheca do Estado é sem duvida o grande ytiano. A Pinacotheca resente-se disso.

Quem visita aquelle inicio de museu, é na intenção de conhecer as obras dos nossos pintores, e não para estarrecer de assombro diante de chromos de Salinas, charadas de Amisani pagas a preços fantasticos, e mais patifarias a oleo como que brochadas especialmente para comer o cobre facil do thesouro paulista sempre franco em se tratando de negociata. Revolta ver a nossa Pinacotheca trasformada em salão de despejo de quanta tela mediocre de pintor estrangeiro mediocre tem a habilidade de explorar o criterio negociata de quem nos dirige o movimento artistico. Revolta ver toda a obra do maior pintor paulista occulta em galerias particulares, e propositadamente mantida lá, para que os Amisanis possam receber fortunas em troca

de *blagues* mystificadorias. Com o dinheiro que o Estado deu pelo mostrengo, risível em si, e contristador pelo attestado de ineptia que passa aos nossos homens «entendidos» em coisas d'arte... de comprar quadros, entraria para lá meia duzia de obras primas.

«Saudades» faz parte desse grupo de telas preciosas. E' talvez o quadro de mais sentida expressão que possuímos. Uma mulher do povo, moça ainda, morena, do moreno quente peculiar ao nosso clima, vestida de lucto modesto, contempla á luz duma janella o retrato do marido morto. A luz dá-lhe de chapa no rosto onde se lê a dor muda duma viuvez precoce. Brotam lagrimas dos olhos, lagrimas de amante inconsolavel. E' dor e é saudade. Quanta verdade naquillo! Quanto sentimento! Que poema inteiro de maguas resignadas naquella expressão!

O «Importuno» lembra o thema do «Repouso do Modelo». Um pintor apresta-se para um trabalho de nú, quando batem á porta. O modelo que se despia para o pouso, occulta-se, e espia, enquanto o pintor entreabre a porta para ver quem é. As mesmas qualidades distinctivas do «Repouso» accentuam-se no «Importuno». Desenho elegante, expressão psychologica, harmonia de composição, sobriedade e factura de mestre.

«Nha Chica» é um magnifico estudo de cabocla. Uma roceira madura achega-se á janella em cujo batente está uma chocolateira de café, e enquanto

sorve uma baforada por um longo pito de barro, fixa os olhos no campo onde deve estar o marido. A sua expressão diz-nos que já chamou o «homem» para o café do meio dia, e o espera. E' uma figura viva na qual se leem os pensamentos occultos sob a mascara impassivel.

O «Violeiro», quadro a que elle dava a primazia dentre todos os do genero, é outra creação soberba de verdade, de sentimento, de colorido exacto e de tonalidade local. Dentro daquelle corpo sente-se pulsar o coração ingenuo de nossos musicistas espontaneos, filhos do campo e do ar livre.

«Os caipiras», «Mendiga», «O caçador», «Cosinha da roça», «Scena da roça», e outros, denunciam sempre a mesma factura honesta e a intenção, realisada, de pintar as almas habitadoras dos corpos.

Na paisagem, genero de pintura que Almeida Junior desadorava a avaliar pelas poucas que deixou, a qualidade dominante é sempre a probidade de um sincero que, como nunca mentiu aos homens, não sabe mentir ás arvores e ás aguas.

«Ponte da Tabatinguera» e «Curva do Tieté» são typicas no demonstral-o.

Tambem pintou retratos, sempre norteado pelo criterio da honestidade, e com vigorosa largueza tecnica. Na «Partida da Monção» elles abundam. Veem-se lá o Conde do Pinhal, Campos Salles, Prudente, o pae do artista, o vigario de Ytú, Dr. Leite de Moraes, Luiz P. Barreto, Severino da Cruz, seu sobrinho João Firmiano e outros.

Até isto denota o carinho de Almeida Junior pela verdade. Como netos dos bandeirantes que figuraram nas monções, era no typo delles que se poderiam colher os traços energicos dos seus avós. Um pintor menos sincero tomaria ao acaso, na rua, os modelos necessarios, ageitando-lhes barbaças e vincos de testas truculentas, e talvez fizesse coisa mais do agrado publico. Mas Almeida Junior, inimigo mortal do cabotinismo e da mentira, paulista da velha tempera, caboclo de bem, adoptava por temperamento a concepção de Alberto Durer de que a preocupação da belleza é nociva á arte. Preocupava-se com a verdade sómente—e nisto revelava uma comprehensão maravilhosa da verdadeira esthética.

A belleza não existe por si, mas como emanção mysteriosa da verdade. Quem foje a esta não alcança aquella. O criterio da belleza em si está sujeito ás injuncções do espaço e do tempo. A moda nol-o exemplifica. Houve tempo em que a saia balão era a belleza. Depois veio como nova forma de belleza a hedionda anquinha. E dahi até nós quanta extravagancia macaca inventa o cerebro hysterico dos costureiros europeus, goza durante seis mezes, no consenso universal dos palpavos, as honras de supremo estalão de belleza. No emtanto, basta que sáia da moda uma «moda» para que a todos se represente ella como um «horror». Salvam-se unicamente as que, respeitando as formas do corpo humano e denunciando-lhe as ondu-

lações através do panno se exime de mentir ao nú que vestem.

Assim na pintura.

As escolas passam, os estylos morrem, as «maneiras» exaltadas numa epocha são mettidas a riso logo em seguida, o pintor cortesão, que lisongea o transvio esthético dum periodo de máu gosto, perde logo a nomeada quando a moda cáe. Só fica, só resiste á acção da critica e do tempo a obra sincera que nunca falsifica a verdade em nome de um ideal passageiro. A Grecia é eterna, porque os canones da arte grega eram decalcados sobre os canones da verdade. Rembrandt é eterno porque nunca mentiu, preferindo morrer pobre a transigir com as hysterias movediças do publico.

Entre nós Almeida Junior será sempre grande e cada vez maior porque nunca, em phase nenhuma da sua carreira, officiou no altar do convencionalismo, erro que sombreia a obra do maior genio pictural do continente, Pedro Americo. A «Carioca» nunca dirá nada a ninguem; é um nú mudo e vasio; já a viuva das «Saudades» falará sempre e sempre será comprehendida. Enquanto houver corações dentro do peito humano aquella simples figura de mulher commoverá profundamente. A obra do convencionalismo dura o que dura o pedantismo duma escola. Só a obra da verdade é imperitura.

Almeida Junior estava em pleno apogeu quando, de pancada, um assassinio infame lhe corta o fio

da vida. O pincel creador de tantas obras primas ficou de lado. Ninguem o retomou ainda.

O vieiro dos themas nacionaes continúa quasi intacto á espera de novas individualidades de genio que lhe garimpem o ouro.

Por fatalidade nossa, infelizmente, mal abrolha um artista capaz, corre logo a morte violenta a amordaçal-o. Porque ha de o destino roubar-nos em flôr os talentos mais representativos, Almeida Junior, Euclides, Pompeia, Ricardo? deixando por ahi, gordanchudos, para morrer de pigarro senil, justamente os falsificadores do bom gosto, os inimigos da verdade, os Pachecões atravessados de Accacio e Brummel, carnes balofas e almas de capacho que a terra está reclamando para elaborar com a substancia dellas os joás amarellos, a guanxuma, a barba de bode e outras calamidades vegetaes?

A POESIA

DE

RICARDO GONÇALVES

Poeta... Que surrada andas tu, pobre palavra, e que longe andas do sentido intimo, pelo abuso de te vestirem quantos por ahí medem versos nos dedos para uma periodica postura de sonetos nas revistas !

Poeta — *poeta* não é o malabarista engenhoso que acepilha versos, embora bellos, senão a creatura eleita que resôa ás mais subtis vibrações ambientes, como se toda ella, corpo e alma, fôra uma harpa eolia de cordas vivas. Os crepusculos estriados de sangue, o marulho das ondas nos fragedos, o bisbilho dos corregos nos socavões das mattas, a bruma da manhã, um ninho onde pipilam aves implumes, o silencio augusto das montanhas, o trilo duma patativa, uma estrellinha, a piscar, as vozes mysteriosas das cousas balbuciadas em surdina, as cambiantes, as penumbras

— tudo quanto é estado d'alma da Natureza esfrola as cordas da harpa feita homem e fal-a exsolver-se na gamma inteira das vibrações emotivas.

Fixar estas vibrações por meio da palavra disciplinada no rythmo e enlanguescida na melodia da rima é simples lavor final. O tudo, a coisa suprema, é ser poeta, harpa eolia, sensibilidade de galvanometro em permanente vibrar a todas as auras.

O homem frio que, senhor da cultura e sabedor da technica, compõe um poema, por maiores bellezas que nelle derrame será um rhetorico, um orador, poeta é que não.

E não porque seus versos foram *compostos* ao invéz de *brotarem* logicos, no incoercivel da flôr que vem da planta, do perfume que sáe da flôr, da ebriedade que emana do perfume.

O verdadeiro poeta é um eterno soar de cordas que são nelle bordões e primas afinadissimas e tensas de estalar e no vulgo calabres grossos e bambos.

Alfredo de Musset, Antonio Nobre... poetas no seu tempo, poetas hoje, poetas amanhã e sempre. Hugo, Edmundo Rostand... serão poetas para o coração do homem d'amanhã?

Não é rhetorica a poesia, nem eloquencia. E' dôr. E' dôr estylisada, dôr de amôr, dôr de saudades, dôr de esperanças, dôr de illusões murchas, dôr dos anceios vagos, dôr da impotencia e do inexprimivel.

Poeta foi Ricardo, no sentido essencial do termo. Em menino, em moço, como homem, como amigo, como enamorado e como amante, foi poeta de todas as horas e de todas as estações. E como poeta morreu, pois morreu como o stradivarius a que subitanea mutação de tempo estala as cordas tensas e silencia para sempre.

Os versos que deixou, poucos se os medimos pelo thesouro de poesia em permanente radiar que elle era, não denunciam o alinhavo da factura — são como crystallisações naturaes de sentimentos. Nenhuma tortura, nada de arranjos. A perfeição da simplicidade, inatingivel pelo esforço consciente, era seu *habitat* normal — tão *poeta* nascera. Erra em seus versos o aroma dos nossos campos, o halito da terra, o bafio das velhas fazendas; sentem-se nelles o sabor das fructas do matto, o esvoaçar d'avesinhas só nossas, o rumorejo de capoeiras nossas conhecidas. Se apparece uma arvore conheceis-la de prompto, é a jissara esguia perdida numa tiguera, é a perobeira secca, escalavrada pelo fogo das queimadas, é a piuva que Setembro afrouxela de flôres de ouro. Entra em scena uma avesinha? Não é o rouxinol nem o pardal d'importação. Escutai-lhe o trilo: é a patativa humilde; vede como dança: é o tangará. Evola dum verso um aroma? Recordai: é o cheiro do gravatá em fructo. Quebra o silencio um rumor distante; é o rechinar do carro de boi, é a tropa

que trota pela estrada. Longe, um personagem: é o Zé da Ponte. E' a terra enfim, é o homem, é o céu, é o rio, é a matta, como os temos, incontaminados do pechisbeque francez como desinfluidos da bella falsificação alencarina.

Dahi o encanto da sua arte, encanto que avulta realçado pela chinezice desta epoca de mentira á terra e á raça pelo excesso d'amôr á francezia e ao cubismo. Ella nos introverte n'alma os amavios da saudade e da esperança. Poesia pura, ella, por suggestão, deflagra o que em nosso peito existe de poesia innata.

E' mister falar sem refolhos: Ricardo era o mais genuino poeta da geração. Nunca um elemento alienigena interferiu na sua arte. Não sabemos de um verso d'elle onde se desembalsame um deus morto da Hellade, uma columna partida, uma esquirola sequer de marmore grego. Nem castellos medievaes, nem cosmopolitismo moderno, nada do volapuk esthetico desta epoca em que os povos se interpenetram e mutuamente se des-soram no que ha de mais intimo—a individualidade racial.

Sobe de ponto o valor da pureza desta esthesia quando circumvagamos o olhar pela cidade onde o espirito de Ricardo floriu—floriu como a flôr do lotus, ai!...

E' a *urbs* valapuk onde grunhem todas as linguas, e onde passeia pelas ruas a escala inteira dos angulos faciaes,

O poeta suffocado pela atmosphaera kaleidoscópica deste *salmagundi* urbano refugia amiude aos seus venenos dessorantes. Ia ver jequitibás a Piracaia para descanço dos olhos fartos destes platanos geometricamente perfilados á beira dos passeios como arvores bem ensinadas.

Ia longe daqui aspirar a fragrancia de florinhas silvestres que lhe não recordassem cysandhalias e outras patifarias floraes d'importação. Ia ouvir a patativa piar nas devezas para esquecimento do chilreio azucrinante do canario hamburguez.

Como esta cidade mente á terra! E como se empenham seus filhos em extirpar do seio della as derradeiras e debeis radículas da individualidade!

Vae um pobre mortal espaiarecer ao jardim e lá, em vez d'uma nesga da nossa natureza tão rica, é sempre o volapuk que se lhe depara. Pelos canteiros de grama ingleza ha figurinhas de anões germanicos, gnomos do Rheno, a sobraçarem garrafas de *beer*. Porque taes niebelungices, mudas á nossa alma, e não sacys-pererês, caaporas, mães d'agua, e mais duendes creados pela imaginação popular? O proprio arvoredado é por metade coisa alheia. Um ipê florido, a arvore da quaresma, um angiqueiro—inutilmente os procuraraes alli. Se resôa no coreto a musica, ouvireis Puccini, Wagner, Sydney Jones, e taes modulações vêm tornar inda mais incarakteristico o ambiente do logradouro. Subito, ao quebrar

uma alameda, uma estatua avulta no meio dum canteiro. Bate-vos o coração, ha de ser Gonçalves Dias, Casimiro, um poeta nosso. Nada disso : é Garibaldi. . . Tendes sêde ? *Ha grogs, cocktails, chops, vermouths.* Tendes fome ? Dão-vos *sandwich* de pão allemão e queijo suiso. Apita um trem : é a Ingleza.

Tomaes um bond : é a Light. Cobra-vos a passagem um italiano. Desceis num cinema : é *Iris, Odeon, Bijou.* Começa a projecção : é uma tolice franceza ou uma calamidade d'Italia. Um baleiro passa ao lado : *nougat, torrone.* Correis a um theatro : o cartaz annuncia *troupe* franceza. Mas ao espirito vos acode que um existe onde funciona companhia nacional. Ora graças, dizeis vou-me a ver coisas da minha terra. Ides, ergue-se o panno : os actores nacionaes são portuguezes, a peça é uma salafrarice traduzida do parisiense. Traduzida em portuguez ao menos ? Qual ! Traduzida em volapuk.

Sahis enojado. Correis ao hotel. Metteis-vos na cama depois de sorvida uma chavena de chá da India com pão de trigo argentino. Estaes quasi a dormir. Será ao menos o vosso somno um somno brasileiro ? Impossivel. Pelas reixas das venezianas entram a acalental-o os sons distantes duma canção napolitana : Ai Mari...

Em tal meio conservar Ricardo, puras como a agua das grotas, a sua emoção e a sua arte, façanha foi de Hercules.

Quando vierem a publico seus versos o livro resultante será um oasis de Brasil neste Port-Said sem mar.

Os olhos da saudade ir-se-ão por elle afora como attrahidos pela propria alma da terra—da terra que morre lentamente sob a pata bruta da invasão polymorpha...



A HOSTEPHAGIA

A guerra nasceu de Caim. Conveniencias de lenda falsificaram no correr dos tempos a verdade historica. Ao ver Abel estendido aos seus pés sentiu Caim turgescer n'alma o sentimento do orgulho e da força victoriosa. Dominava: sensação desconhecida na familia adamica.

Seus instinctos espinoteantes dentro do sangue rebelde arrostavam a Jeovah em nome de uma vaga lei natural presentida em antagonismo com o manual do bem viver imposto ao bipede recém-criado.

A maçan, a serpente, o gesto de Caim são meros symbolos do Instincto em acção de vetar a sabia declaração dos direitos do homem outorgada por Deus num momento de sentimentalismo biologico. E a Consciencia a perseguir Caim, figurada por Hugo num olho de fixidez apavorante que o não desfita nunca, é méra licença poetica para lição de povos bem comportados. Aquelle olho symbolisava, sim, a Gloria em derriço d'olhadelas langues ao primeiro victorioso.

Isto esclarece porque desd'ahi até nós tal olhar nunca deixou de repastar-se gososo na descendencia heroica de Caim, senhora do mundo pelo direito dos golpes certos que esmagam a cabeça do adversario.

O estigma impresso por Deus na fronte de Caim — explica-nol-o a Historia contestando a Lenda — foi a mesma fulgurante estrella que rutilou na testa dos Gengis-Khans, Attilas e Bonapartes. Prova: Caim, em seguida ao fratricidio, inebriado pela vingança, prazer até alli reservado aos deuses, partiu para as terras de Nod, onde, cheio o peito de uma orgulhosa força de dominação, opprimiu os povos visinhos, enriqueceu, imperou despotico, vindo a acabar como um bravo, na luta, por mãos do seu sobrinho Lamech.

Sem a pedrada na cabeça de Abel, morreria simples pastor, sem nome, nem feitos, nem descendencia; com a pedrada ensinou aos homens o caminho da gloria, a embriaguez da vingança, o segredo da dominação, a morte heroica. Em summa: a guerra.

Do outro lado do Euphrates, onde Deus não conversava os homens e eram elles uma nudez de instinctos só equiparavel á nudez do corpo, o troglodyta, já com accumulações experimentaes herdadas do pithecanthropo, sabia como adquirir a pelle de urso na qual um seu vizinho resguardava o corpo nos dias de neve. Sabia que, si, sobrepticio, pela calada da noite, fendesse o craneo

do “possuidor” adormecido, com um valente golpe d’acha, a pelle passaria a lhe pertencer por direito de conquista. E logo que bem o soube, melhor o praticou, adornando a victoria com os pinotes amacacados e os gritos gutturaes donde sahiram, por visivel evolução, os triumphos romanos, os “péans” gregos e a glorificante farda moderna. A conquista de imperios descende em linha directa da conquista duma pelle de urso...

A raça heroica dos conquistadores mede a sua grandeza pelo certo dos golpes desferidos, sommados ao valor das pelles adquiridas; e a humanidade divinisa-os, aferindo-lhes o valor por craveira identica. Assim, os picos culminantes da Historia são os fortes desferidores desses golpes tremendos que esmoucam thronos e destroem imperios.

Diante do heroe guerreiro dilue-se o heroe do trabalho e da sciencia. Onde a estatua, ou lapide sequer commemorativa do inventor do tear? A esse, a cujas noites de insomnias alternadas com dias de labor paciente deve a fragil nudez do corpo humano os tecidos que a resguardam da hostilidade ambiente, quem lhe venera o nome?

Mas todo menino de escola sabe de Alexandre. Perguntem-lhe do macedonio e o pequeno, enfundando o peito e todo brilhos chispantes nos olhos, dirá:

— Foi o maior guerreiro da antiguidade!

—E que entendes tu por guerreiro ?

—E' o homem que conquista, vence os inimigos, destroe imperios.

Incapaz de definir qualquer outro sentimento humano, a criança define de instincto o sentimento da "bellacidade", pois que o tem impresso em letras indeleveis nos globulos do sangue.

E', portanto, a guerra, humana. E' a gloria, o orgulho, a vingança — as delicias maximas do paladar humano. A Historia é toda uma teia de Penelope, tecida e desfeita por entre fulgurações de guerras.

Os imperios nascem pela guerra, engrandecem-se pela guerra, e pela guerra vêm a morrer. Os homens maximos serão sempre os aureolados pelo halo guerreiro.

Não ha nome moderno de maior fulgor que o de Napoleão, embora bem pesadas as credenciaes o despresado Fulton, seu contemporaneo, mais merecesse tal situação — se a humanidade fosse composta de philosophos.

Pacatos funcionarios publicos, fieis ao ponto e á geleia de mocotó em dias de annos, trazem nos aparadores da sala de visitas o busto em terra-cotta, gesso ou bronze do Corso, e é com olhar terno—ternura do cão em face do senhor —que, a miral-o, se perdem em devaneios sonhando uma vida intensa como a do heroe.

Peça do aparelho administrativo do Estado, é a formidavel acção organisadora do grande collega que elle admira ? Não: é Arcole, é Iena,

é Austerlitz; é até Santa Helena, a attitudo classica com que o prisioneiro, a encarar o oceano, de pé numa fragua, mão mettida no peito do casaco, testa vincada de rugas fataes, penetrou na posteridade — como elle, funcionario, de mãos na cava do collete, penetrou, uma vez, na photographia.

Antonio Silvino é um germen de idolo heroico nas camadas baixas da plebe nortista. Se possuísse as qualidades suggestionantes do "meneur" e levantando após si uma horda de fanaticos se atirasse á conquista do paiz, com meia duzia de palavras bem soantes na bocca, a lhe acolchoar o fito exclusivo de todo conquistador, o mando...

A meio caminho de Roma as legiões revoltadas de Galba, de "bandidos" já eram "belligerantes" e ao pisarem a via Appia, "salvadores da patria".

Vencer, impôr as impressões digitaes das suas manoplas, seja Pancho y Villa, Cesar ou Silvino, é forçar as paginas da Historia e coroar-se em apothese. Pancho y Villa está no fastigio; Antonio Silvino na cadeia. Os heroes oscillam sempre entre esses dois polos.

A guerra actual, soprando por terra o castello de cartas do pacifismo, vem, pela millesima vez, demonstrar como a guerra é contingencia inilludivel da natureza humana, como é o fluxo e refluxo natural dos povos e entrechoque

necessario de forças sociaes em procura d'um equilibrio estatico que a paz, pela inflacção desmesurada da industria, rompe; e como é compativel com a civilisação e della soffre influxos unicamente no sentido de modificar-se por influencia das maravilhas sahidas do laboratorio — nunca, porém, de extinguir-se.

A guerra actúa como um crisol depurador: os povos saem della tranfeitos. A paz prolongada é Capua, a de Annibal e a de Tiberio.

Nenhum povo detentor de alto valor historico existe que o não conquistasse pela guerra. Grecia, Roma, Carthago, França, Allemanha... Em redor delles gravita como satellites o rebanho dos fracos carneaveis como rezes.

A nós brasileiros nada esca seja mais do que o sentimento bellicoso. O pacifismo edulcorado da alma nacional é pura covardia num planeta destes. Talvez alli na Lua conviesse tal meiguice de ovelhas. Por cá, ainda não. Eternamente arranhados nos attritos com os fortes, iremos vivendo a vida risivel do boi de córte, até que um dia...

O marasmo ambiente que os sociologos indigenas tresnoitam-se por debellar com mésinhas de mulher velha, só curar-se-ia com o estímulo systematico da "bellacidade" adormecida no seio de toda a creatura humana. Espicaçal-o, espertal-o, alimentar-o, criar a ebriedade collectiva dos fortes, arrastal-o á luta seria um programma de genio ao dictador-estatuário que se apossasse desta inerme

massa cosmica, tão plastica, e a plasmasse, com mãos heroicas, pelos moldes mavorticos.

E nos desse uma guerra, ao cabo da aprendizagem, como complemento de programma e prova final.

E' mister arrancar a venda dos olhos: a guerra foi, é, e será. Luta de classes, luta de partidos, luta de povos, luta de raças, viver socialmente é lutar, e vencer. O universo, diz Novicow, é um campo illimitado onde se ferem perpetuas batalhas e onde alianças se concluem a cada momento. Criem os philosophos, nos seus toneis, as suaves ficções de Platão e Thomaz, Morus:—cá fóra, a somma dos instinctos troglodytas que a alma humana entremostra mal estala o verniz da "moralina", é uma força mecanica irreductivel, diante da qual se esboroa tanto a bondade de Jesus como as cencepções altruistas dos Comtes.

A guerra européa ensina, ainda e sempre, a eterna gloria da Força aureolada de heroismo; indica ao povo que "queira" viver, a senda a trilhar, na arrancada para o futuro.

Se seus lances nos deixam frios é que pertencemos á velha escola romantica de Napoleão. Nossos netos, porém, plasmados sob outros moldes mentaes, saberão extasiar-se com a arte bellica naturalista ora em pleno vigor. Saberão sorrir de Lassale, de Leonidas, e serem todo extases ante o rasgo do telefunkista que, escondido com a sua

antenna num recanto ignorado, remette a victoria aos seus, montada numa onda hertziana.

O espião que illude o inimigo e com habeis manobras inutilisa um ingente esforço deste, dando ao seu paiz uma victoria facil, provocará lagrimas de enthusiasmo.

A nós inda não sabem taes coisas; temos o paladar classico; Plutarcho, com seus antiquados figurões, viciou em excesso a nossa esthetica da hercicidade.

Inda assim já vamos comprehendendo algo dos ideaes de amanhã. O hurrah epico da tripulação de um submarino a saudar a deflagração do torpedo de encontro ao casco do couraçado rival já pomos em pé de egualdade com o olhar de Annibal em Cannes, ao ver aos seus pés, dormindo o derradeiro somno, as legiões de Varro.

Dos ensinamentos da actualidade deprehendem-se vagamente as directrizes da guerra futura. Em materia de armamento caminharão os Estados como até aqui, guardando uma equilibrada equivalencia. O serviço de espionagem não permite avantajarse um mais que os outros. Em materia de disciplina Roma e Allemanha provaram a sua efficiencia; os exercitos futuros, slavos ou chinezes, serão a mesma massa mechanisada, dirigida por botões electricos, do alto da torre dos estados-maiores.

Resta a cozinha.

A parte relativa ao supprimento de viveres

é susceptível de immensa transformação, e vencerá o melhor serviço de intendencia.

Neste, no seu aperfeiçoamento, encontrar-se-ão a inventiva dos sabios e o engenho dos burocratas. Ha varias sendas previsiveis e, entre estas, a alimentação artificial, obtida pela synthese chimica Ha ainda a hostephagia.

A philosophia de Nietzsche, com a concepção do Eterno Retorno, mostra como os cyclos biologicos se repetem. O super-civilisado remata a cadeia da sua evolução reatando o elo final ao elo inicial perdido na noite dos tempos no cesebre de um anti-historico lacustre.

Já Wells, num maravilhoso livro de previsão, denuncia a humanidade futura scindida em duas castas, Eloes e Morloks, aquelles puros alfenins de carne tenra, estes puros aymorés subterraneos. Como desenvolvimento final das classes operarias de hoje, são os Morlocks os detentores da força e criam os Eloes em palacios maravilhosos, com extremos de carinho, para... comel-os.

Que é, pois, adoptem os futuros belligerantes a anthropophagia como o caminho mais curto á solução do problema alimentar dos exercitos? A evolução mental cabe n'uma formula: conscientisação do inconsciente. Progredir é conhecer, alcançar, "ter consciencia" do que a alma humana já nos tempos mais remotos sabia "de instincto", isto é, inconscientemente. Ora, uma anthropophagia consciente não destoa deste conceito. O obice está na palavra.

Eliminem-n'a, que é barbara e brutal; criem um vocabulo novo, hostephagia, por exemplo, e meio caminho estará vencido. Organise-se em seguida o serviço, de modo que nada lembre ao soldado que mastiga o bife succulento e bem assado as scenas do zelandez a estraçalhar nos dentes acerados a carne viva e funegante dum inimigo. A sciencia vae deste já destruindo estes injustificaveis engulhos sentimentaes.

Os laboratorios demonstram que a carne é um musculo composto de fibrina, caseina, graxas, albumina, phosphatos, e é assim tanto no boi como no homem. Chimicamente, pois, não se justifica o velho preconceito. Estas noções repugnarão seu tantinho no começo, por virem chocar idéas muito arraigadas, mas para vencel-as ahi está o meste-escola que venceu em Sadowa. Uma propaganda bem organizada, a partir do berço, dentro d'uma geração terá habilitado os governos a applicarem aos exercitos em campanha a solução hostephagica, com immensas vantagens para o thesouro e para os fins collimados pelos futuros Alexandres. O povo que primeiro vencer o preconceito bromatologico do seu exercito terá o mundo aos seus pés. O que mais onera uma campanha, e difficulta a acção belligerante, é justamente o peso morto e atravanador do complicadissimo aparelho a que incumbe manter cheio o tonel das Danaides que é o estomago.

A substituição do systema actual pelo indicado barateará a guerra a um minimo risivel, além do

que dará velocísimas azas aos exercitos. Para atiral-os contra o inimigo, inuteis as phrases de arrepiar o enthusiasmo, á moda de Napoleão, como ainda mostrar ás tropas, em boletins chorosos, a imagem da patria em perigo esperando tudo do esforço dellas. Basta, após um dia de jejum forçado, mostrar o inimigo pela frente: “Dentro daquellas trincheiras, camaradas, espiam-vos trezentos mil inimigos, gordos, de carne tenra, optimos para rosbifes”.

A ai do adversario . . .

Já o homem se afez, por um longo treino, a outras idéas fecundas: o saque, o incendio, a carnagem do não combatente, a violação das mulheres; está preparado, pois, para a hostephagia que tem a seu favor, além dô mais, a chimica e a logica.

Entre saquear uma cidade, esmagar pelo bombardeio a colmeia humana inerme, cheia de pobres velhos, mulheres desvairadas a apertar nos braços criancinhas transidas de pavor — e comer uma carne que a analyse demonstra ser tão nutriente como a do carneiro, vae em favor da ultima hypothese tudo quando ha de mais crystallino em materia de bom senso e de bom coração.

Será esta, suppomos nós, uma das faces mais curiosas e mais fecundas em resultados da guerra, de amanhã. A futura Roma, dominadora do mundo moderno, será a nação bastante intelligente para antecipar-se ás demais na adopção da hostephagia

—para antecipar-se, porque as vantagens são tão positivas que logo depois, sem discrepancia, a humanidade inteira a adoptará.

O soldado de hoje, quando por uma falha no serviço de fornecimentos, se vê privado da ração e todo se estorce nas caimbras da fome, se lhe preluz esta visão do futuro—como não invejará as boas digestões dos seus netos, nas guerras do anno 2.000, quando o luxo dos batalhões for trazerem Vateis a seu serviço!...



COMO SE FORMAM LENDAS

Perlustra Arinos, em formosas conferencias, o vieiro inexaurível da lenda — alma das raças crystallizada pela tradição, além de espelho, sobre todos fiel, da sua feição emotiva. Porque no anhelado vago, embora premente, de refugir ao prosaísmo da vida, que toda se resume no comer o pão de hoje, digerir-lo sob um tecto e amassar o de amanhã, o homem do povo — seja um ilota de Athenas, em transitio pela rua da Ceramica, apregoando figos de uma quinta marginal do Illissus, o qual cruza Pericles em caminho do Agora, a concertar com Phidias um detalhe do Parthenon; seja um caipira de Arêas, em gingação pela rua do Cabrito annunciando grumixamas dum quintal d'além Ribeirão Vermelho, o qual cruza o promotor em caminho do "forum", a debater com o juiz o sério problema duma gotteira na sala do jury — o homem do povo despica se da materialidade deprimidamente desferindo vôos confusos pelos intermundios do sonho.

A insoffreavel musa do Devaneio encarcerada em cada peito humano, Guilherme Shakespeare ou José Pichorra, deturpa a realidade, enfolha-lhe a galhaça resêcca, enflorêscê-a de poesia, da authentica, a sã poesia que se não molda por figurinos de escolas e sáe da alma com a espontaneidade de perfumes vaporados de resedás — por exhalção funcional.

Tal poesia é a materia cosmica da lenda.

O Olympo grego...

Temol-o hoje "consolidado" pelo labor pachorento do mythologo allemão; os gregos estylisaram-n'o em verso, esculptura e theatro, de Hesiodo a Scopas, com a fulguração de Homero de permeio. Antes, porém, viveu em massa cosmica, a bosquejar-se na imaginação do helleno, a bruxolear nos sonhos dos vagos Pelasgicos, Phrygios e Phenicios interferentes na genese grega. E, remontando inda mais alto, vislumbram-se-lhe as primeiras lucilações na grande madre asiatica do planalto que bojou de seiva eterna um cotyledone donde tudo sahiu, inclusive a mancenilheira desta civilização que ora explode numa suprema floração de sangue.

Toda a arte antiga bebeu na fonte copiosa do riquissimo "lendario" helleno e dahi até nós o velho tronco nunca cessou de abrolhar vergontêas, viçosas nas Renascenças, bichadas nas Decadencias, com o forte poder de seducção que leva Cellini a esculpir "Perseu" quando podia esculpir um

“condottieri” e Coelho Netto a esboçar “Artemis”, quando tanta Artemisia da cidade e do sertão anda ignorada a pedir pintura.

A poesia neste nosso recanto do mundo, onde, a virgindade da terra induz o esto duma arte autochtone sem placentas no acervo classico, não se forra de tecer fiorituras e farfalhar variações sobre os velhos themas gizados na patria do Rythmo.

Tão grande foi a sua infiltração mundial que a percebemos inda hoje viva, a palpitar na linguagem diaria, e até no ramo mais pessoal da vibração emotiva, o amor. Vae pelo paiz n'este momento de Pelotas a Macapá um intenso murmurio de amor chocalhado em sonetos, serenatas, cochichos. D'envolta em luar e chôro de violão, garatujadas em papel côr de rosa, amelaçadas em falinhas tremulas regyram incessantemente as velhas gazuas gregas abridoras de corações femininos. Desenvolve-se um malabarismo intenso de settas de Cupido, sorrisos de Chloé, nectar, ambrosias, musas, Leandros anciosos por morrer ao pé de Hero, tudo aromatisado a folhinhas de malva, mechas de cabelo atadas com fitinhas verdes e, para maior dose de tom local, sabiás, graúnas, iracemas, a fauna e a flora inteira da palheta do cearense.

Não ha palerma por mais canhestro em exhalar as comichões do coração, que, arranhado num cinema pelas olhadelas escorridas duns dezesete annos de saia, lhe não chimppe, em carta

rosea, tres metaphoras em duas das quaes, pelo menos, não fulgure estilha, dessorada pelo uso, de um hellenismo. São meras imagens, hoje, de curso forçado como moedas de nickel, para o troco miudo do sentimento; remontadas á origem todas imbricam nuna lenda grega. No ubertosso alfobre geraram-se na acção lenta do polypeiro entorno d'um ponto de péga inicial.

Como no polypeiro, pelo vagaroso acamar dos exhudatos calcareos, emergem do oceano grandes ilhas de coral, assim os exhudatos poeticos da imaginação collectiva se vão consolidando nas grandes lendas da humanidade, cathedraes de sonho que se chamam Olympo, Niebelungen, ou Vedas. Seu autor é sempre o vago «Nemo», o mesmo vago architecto das cathedraes gothicas.

O povo, na ingenua simpleza da inconsciencia, crea; o artista «estylisa»; e, por fim, o sabio allemão acaserna as na disciplina de um systema, dentro dum regimento de tomos. E desfeitas em mil bocados, sob fórma de imagens, dão as lendas volta ao mundo para marchetaria poetica da emoção, tal qual a arvore de coral se dissemina por toda a terra quebrada em pedacinhos ornamentadores de braços, dedos e lóbos de orelha.

O «lendario» grego diz claro do povo que o concebeu. E' bem filho dos marinheiros contentes que borboleteavam de ilha em ilha, pelo Mediterraneo e, ao cair da noite, mettiam a nave em secco, dormindo descuidosos ao tremelicar das estrellas, sonhando incomparaveis sonhos.

A saúde dos homens, a formosura das mulheres, a lenidade do clima, o azul do céu, a vida livre e movimentada crearam de chofre o rythmo da belleza inexcedida — na esculptura e no sonho.

Entretanto, nem todo sonho se afina pelo canon manso da serenidade. Ha o pesadelo. E para o norte, em região polar á grega, sonhos agitados deram origem a outro «lendarío» formidavel. Os rios da Germania não deslisavam amaveis como o Scamandro, mas rugidores como o Rheno, em cachões barulhentos, despenhados em precipícios; as arvores não se reuniam em bosques arcadicos, como assembléas de epicuristas vegetaes—mas em negras massas de carvalheiras milenarias cujo vulto assombrava as proprias legiões romanas. E muita sombra, muito contraste violento de claro e escuro. E pantanos insidiosos, e feras e perigos. Os homens louros, senhores da terra, eram espadaúdos gigantes que as mães creavam ao relento, nús, para enrijal-os desde tenros annos sob a acção das invernias asperas congeladoras dos rios.

Em guerra permanente de tribu a tribu, nos intervallos da lucta sonhavam pesadelos phantasticos. Seu deus não ostentava o bom humor e bom tom de Jupiter; em vez de nectar bebia sangue humano; não desceria á terra disfarçado em touro para raptar Europa, mas para mastigal-a crúa com maxillas de tigre. Odin lembra um Marte aquem

faltou no ceu os beijos de Venus. E o convivio amavel de deuses galantes e galantissimas deusas. De tal ambiente só podia brotar os Niebelungen — um pesadelo enorme de cyclopes. Radica-se a grande lenda na Asia, através de sagas ostrogodas, e pela fusão com eddas scandinavos e mais contribuições locais fornecidas pelos borgundios, ergueu-se na humanidade qual mole de granito que assombra. O ponto de péga inicial foi, como sempre, uma luta de familia. Mas que violentissimos sentimentos rugem-lhe no seio! Cremilda é o odio sob a mais alta pressão; Brunhilda a inveja, Sigfredo o valor sobrehumano, Hagem o molosso da astucia diplomatica, especie de Bismarck pre-historico. O dinheiro é o movel de tudo — o grande thesouro despenhado por insinuação de Hagem nas profundas do Rheno. Faltava um personagem bastante forte para consolar a viuvez de Cremilda e dar braço rijo á grande vingança da sua ideia fixa. Aparece Attila, o buldogue huno, e com elle precipita-se o desenlace muito ao sabor do paladar germanico: uma chacina tremenda onde todos morrem com louco heroismo sob o golpes de abalar a terra e fazer piscar o sol.

Entre estes dois cimos da grande lenda européa, Olympo e Niebelungen, feições dispareas da alma aryana que neste momento — Odin contra Marte — chocam os escudos na Flandres, formiga a agiologia da idade média. O ideal já não

é força, mas fraqueza. O heroe cede o campo ao doente. De Leonidas defendendo as Thermopylas, descamba-se para S. Simeão Estellita vivendo 60 annos, nú e de cocaras, num cepo. Nem sonho nem pesadelo: hysteria.

Da formidavel collectanea de lendas de santos iniciada pelo imaginoso Simeão — o Metaphrasta e levada a cabo pela empresa ingente do bollandismo, que vasculhou a Europa inteira e entreteve, por muitos annos, na tarefa colleccionadora, os ocios de todos os mosteiros, resultou um montão de material hoje precioso á exegese scientifica dos costumes da época.

As redadas bollandistas colhiam santos, e d'envolta notas, observações, factos positivos; em summa, lendas e realidades.

Mas quão longe se afastou o mundo da saudavel pujança grega! O "lendario" medievo, ainda quando o estylisa um Eça de Queiroz, cheira ao doentio, ao malsão, — pelo repiso exhaustivo duma só tecla, a humildade anti-hygienica; se ha belleza, é a belleza pallida das tísicas, e quando alteia em vôos, cae num sobrenatural de Santa Thereza em crises epilepticas. Valores pêcos de decadencia, diria Nietzsche. De tão copioso manancial uma que sobrenadou e anda na bocca do povo provém de mero erro de copia. Vertia um máu latinista a lenda de Santa Agueda martyrisada conjunctamente com sua serva Undecimilla; fraco em bom senso quanto em latim, o co-

pista traduziu em algarismos o nome da serva. Dahi, em vez do martyrio de Agueda e a virgem Undecimilla. resultou, para alta multiplicação da barbaridade romama, o martyrio de onze mil e uma virgens, dum bloco, valendo a serva por onze mil e Agueda por si só. O disparate prova-va demais, mas ficou assim para eterna memoria da ruindade pagan. E entrou para o mealheiro das linguas como locução virginal de alta cubagem. Esse copista seria talvez um remoto avô do typographo de Malherbe, que, n'um seu verso vulgar

Et Rosette a vecu...

cochilou na cesura dando coisa papafina

Et Rose, elle a vecu...

e forneceu ao poeta uma taboa de sobrevivencia eterna.

Talvez seja isto lenda. Não importa; cabe aqui, e até avulta entre as mais engenhosas. Se não chega aos Niebelungen supera a das onze mil virgens brotadas duma só Undecimilla. E faz jus a que a tragam os typographos em escapulario junto ao peito para indulgencia plenaria do muito que estropiam sem lucro evidente para as letras. E para que aprendam a errar com genio em proveito de poetas que não alcançariam gloria immorredoura se um bom revisor lhes não emendasse a mão.

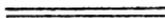
Enriquecer assim a elocução humana de locuções de uso diario tão bellas como as onze

mil virgens e as rosas de Malherbe, por meros cochilos de composição, assombra, deixando entrever os prodígios de que tal raça de copista e typographo seria capaz—quando desperta...

.

E de tudo se vê que a lenda vem do sonho. E quando este se crispa em convulsões por influencias internas da atrabilis e externas de excessivo rancor aos figados do proximo, vem do pesadelo.

E vem do hysterismo se somos santos e o povo crê em nossos milagres com piedade medieval. E de erros de copia se o copista é mais forte em taboada do que em latim. E ainda de um "gato" de composição quando o poeta é Malherbe e o typographo um genio.



A ESTATUA DO PATRIARCHA

Em fins do seculo XVII cursava a Academia de Freyberg um brasileiro a quem se reservavam grandes destinos. Vinha de França, então impropicia aos calmos estudos da sciencia por virtude do vendaval revolucionario que a vascolejava. Companheiro, amigo e discipulo de Lavoisier, de Foucroy, de Chaptal, de Jussieu, trocava Pariz pela remansosa Saxonia, onde se reuniam em prazo dado os estudiosos de toda a Europa anciosos das lições de Werner, o criador da mineralogia, de Lampadius, de Freisleben, de Kohler, de Lempe e outros luzeiros da epoca. Chamava-se José Bonifacio de Andrada e Silva, e estudava a expensas do governo portuguez, que reconhecera, por suggestão do preclaro duque de Lafões, serem as academias lusas estreitas demais para uma intelligencia tão larga.

Concluido o curso de Werner, viajou José Bonifacio demoradamente pela Europa, escabichando com agudeza os segredos da natura. Austria e Italia vêm suas entranhas perquiridas

pela analyse arguta do jovem sabio. Já mestre e sempre discipulo, porque no sabio verdadeiro é insaciavel a sêde de saber, demora-se em Pavia a prescrutar com Volta as leis da força nova que Galvani denunciára. Estuda, depois, a constituição dos montes Euganeos, em Padua, e deita por terra as theorias de Spallanzani, Fortis e outros sobre a formação geologica daquelles terrenos.

Vae á Inglaterra onde conversa o eminente Priestley, e em seguida á Scandinavia, onde se aprofunda em investigações mineralogicas de grande alcance.

Descobre varias especies mineraes, dá á sciencia a «Petalite», a «Scapolite», a «Kryolite», o «Spodumene», e ganha com essas conquistas universal nomeada, tão grande que o astronomo Karl Bruhns, em sua obra monumental sobre Humboldt, o colloca entre os companheiros do autor do «Cosmos», como «mestre da sciencia», juntamente com von Buch, Esmark e Del Rio. Bruhns, para completar esse quinteto de cimos, escolhe dentre innumeravel legião de sabios contemporaneos «der portugiese Andrada». E isso em 1872, depois que a critica scientifica moderna reviu e julgou toda a colossal massa de investigações scientificas do seculo.

Proseguindo nos estudos daquelle solo, classificou pela primeira vez innumeradas variedades mineraes desconhecidas da sciencia européa. O estudo em primeira mão da «Akantikone», da «Coc-

colite», da «Sahlite», da «Wernerite», da «Apo-phyllite», etc., são credenciaes suas ao juizo de Bruhns.

Dez annos ou mais durou aquella peregrinação fecunda de tantas conquistas.

Entrementes, convulsionava o Velho Mundo a aura da revolução. A França, escabujando na epilepsia da plebe desaçaimada pelo 89, dançava em torno da guilhotina, á batuta dos Marats e Dantons, a sarabanda macabra de uma democracia nua e vinolenta. A Europa feudal oscillava pela base aos ventos da idéa nova, e colligava, para a resistencia, todas as forças da tradição cachetica.

E' quando da Corsega surge o «condottiere» de genio. Sua manopla de aço cae sobre a Revolução, suffoca-a, e inicia a organização da nova ordem de coisas.

O movimento ultrapassa os ambitos da França. A cada passeio de Napoleão desabam thronos, ruem monarchias, altera-se o mappa europeu e surgem dymnastias novas.

A peninsula iberica não escapa áquelle destino. Junot e Soult entram em Portugal e assistem á fuga desapoderada de um governo poltrão; rei, côrte, ministros, nobreza, voltam costas ao invasor e demandam a colonia remota donde possam, com a trincheira do Atlantico de permeio, declarar, calmamente, guerra á França, á sobre-mesa dum banquete.

Mas para honra de Portugal não emigrou com o rei o heroísmo.

O povo, sem governo, sem direcção, sem chefes, armou-se guerrilheiro e investiu implacavel contra o invasor.

José Bonifacio desvenda então a face heroica da sua alma. Commandante duma guerrilha, bate-se encarniçadamente contra o inimigo, e em Figueiras, como em Nazareth, desbarata facções do marechal Soult.

Não esmorece nunca, luta até vencer e só larga a espada quando vê o solo do velho reino limpo de invasores.

Despe, então, o sabio a veste do guerrilheiro e toma a vara de administrador. Trabalha na obra de restaurar a ordem subvertida pela patuleia que a ebriedade da victoria e a ausencia do rei tornaram insolente e cruel.

Breve, porém, enoja-se das ingratidões e da miseria ambiente. Era muito nobre e muito puro para supportar a grosseria do meio.

Pensa na colonia donde sahiu menino. Toma-se de nostalgia. Põe na terra natal os olhos saudosos e sonha um grande sonho. Sonha um imperio novo, uma civilização nova na terra virgem, costumes novos, e um ambiente novo sem o bafo constrictor da tradição que envenena a vida. São fragmentos desse sonho as palavras suas num memoravel discurso pronunciado na Academia de Sciencias de Lisboa: «Consola-me igualmente a

lembrança de que, de vossa parte, pagueis a obrigação em que está todo o Portugal com a sua filha emancipada, que precisa pôr casa, repartindo com ella vossas luzes, conselhos e instrucções».

Que precisa pôr casa!... nunca tão pittorescamente se delineou uma revolução, nem com tanto mimo se poetizou a criação duma nacionalidade. O sonho crystalisa-se em idea. Montar casa propria a uma colonia muito irrequieta, muito rica, muito viçosa para permanecer ajogada á metropole como humilde criada de servir!

Nesse mesmo discurso seu grande coração traça toda a summula dum formoso programma: "E que paiz esse, senhores, para uma nova civilização e para um novo assento da sciencia! Que terra para um grande e vasto imperio!... Seu assento central quasi no meio do globo; defronte e á porta com a Africa, que deve senhorear, com a Asia á direita, e com a Europa á esquerda, qual outra nação se lhe pôde igualar?

Riquissima nos tres reinos da natureza, com o andar dos tempos nenhum outro paiz poderá correr parellas com a nova Lusitania."

"Punha depois—diz Latino Coelho no seu magnifico elogio—em parallelo as condições politicas da colonia americana com as enraizadas e abusivas instituções da velha Europa. Alli nenhuma influencia theocratica poderia empecer ou amesquinhar a civilização. O clero era abastado, po-

rém não opulento e dominador; os claustros poucos; escassa em numero a gente da nobreza e da classe mais poderosa, cujo predomínio e ambição é perigosa á liberdade e ao equilibrio social.”

Quando um sonho desta amplitude senhorea uma alma ardente como a de José Bonifacio, está a vida do homem de rota mudada. Morre o sábio para nascer o politico. Não mais pode curar do estudo paciente da natureza bruta — materia morta — quem vê a patria — materia viva — escabujar presa ao tronco de feroz escravidão.

O companheiro de Humboldt, o “mestre da sciencia”, sáe do laboratorio para penetrar na Historia. Deixa Portugal e em terra patria assume a direcção do movimento separatista. Torna-se a grande alma delle. As forças vagas, instaveis da nacionalidade nascente concentram-se nelle como no seu expoente natural. José Bonifacio resume em si a patria, incuba-a no coração e no cerebro, e, com a extraordinaria lucidez da sua intelligencia, apetrechada em decennios de cultura intensa, organisa o 7 de Setembro. Trabalha na sombra. A sua força é a fé. A sua arma, a suggestão. O seu fito, o grito do Ipiranga.

O trabalho que desenvolve então é muito intenso para que diante delle se não esborôem todos os obices; o poder de suggestão muito forte para que não conquiste o principe regente;

a mirada é muito firme para que o tiro não atinja o alvo.

Venceu. A patria punha casa, afinal, e era elle quem lhe ordenava a disposição dos moveis e as normas da vida livre.

José Bonifacio ahí culmina. E' o Washington do Sul.

Menos feliz que Washington, entretanto, vê logo a vida do paiz tomar rumo que lhe preluzia errado.

Abre luta contra as correntes radicaes, e contra os homens maus. Perde a partida. Como o mais nobre de todos, e o mais puro, vê-se vencido pelos mais geitosos—o que está na logica humana de todos os tempos.

Nessa epoca não era conhecida a panacéa da adhesão, inventada a 15 de Novembro, especie de "colla-tudo" de maravilhosa efficacia. Os grandes homens quebravam mas não adheriam. A mucillagem adhesiva nasceu em 89—para que os grandes homens possam affirmar preto hoje e jurar branco amanhã, sem o interregno do ostracismo de permeio.

Conheceu, então, José Bonifacio, o exilio, o glorioso exilio de todos os grandes heroes. Fiquou-se em França e de lá chorou a patria moça—menina voluntariosa e de pouco juizo, que preferia á experiencia e sabedoria do seu organisador os rapapés lisonjeiros dos vivedores mal intencionados.

Não foi longo o exílio — se é que se medem exílios a chronometro.

A continua agitação do paiz criou estado de cousas que lhe permittiu o regresso. Voltou. Logo em seguida o imperador, desistindo de comprehender os caprichos da monarchia menina, passava o sceptro ás mãos do filho; e, ao deixar de vez o povo que tambem o não comprehendia, relanceou o olhar em torno em procura dum homem capaz da tutoria imperial. Escolheu o mais digno: José Bonifacio. E partiu com a paz na alma, certo de que em melhores mãos ninguem nunca deixára um filho.

A nossa historia é parca de momentos empolgantes. Possui varios, todavia. Entre elles nenhum vale o em que José Bonifacio assiste com a sua direcção a Pedro II, infante.

As duas figuras maximas da nossa historia conjugam-se alli. O velho patriarcha dá os conselhos da sua experiencia ao menino que incubava Pedro II...

Não durou muito o soberbo espectáculo. A malevolencia, essa tara racial, esse hermismo que interfere sempre na vida do paiz para afastar da suprema direcção a superioridade mental, chamese ella Pedro II ou Ruy Barbosa, mostrou as unhas na menioridade e deu com o patriarcha num carcere. Processado como conspirador, foi absolvido. Recolheu-se á ilha do Paquetá e em 1838 finou-se na cidade de Nitheroy.

Eis, em resumo, quem foi José Bonifácio.

Digno de figurar ao seu lado a historia americana só nos aponta Washington; ambos amaram intensamente a patria, á qual deram casa. Foi sabio, foi guerreiro, foi politico, foi nobre, puro, generoso. Seu vulto occupa um cimo inacessivel. Todos os mais para enxergal-o erguem a cabeça.

E' sem contestação o vulto maximo da nossa historia.

Pois bem, este homem era paulista. Nascido em Santos, em 1765, decorre já um seculo e meio do seu nascimento sem que acudisse aos paulistas a idéa de lhe erigir uma estatua. Não que lhe faça falta esse monumento. Grandiosissimo o erigiu elle a si proprio nas incontaveis memorias scientificas que publicou na Europa, a maior parte em lingua allemã e que nunca foram traduzidas em vernaculo, e tambem na fecunda acção politica pelo "fiat" da nacionalidade. O monumento faz-nos falta a nós porque a sua inexistencia nos cobre de vergonha e justifica a maldição que do exilio lançou elle em versos candentes á má gente da epoca :

Maldição sobre vós, almas damnadas !

A taça do prazer a vós vos saiba

Como o mel venenoso das abelhas

Da cisplatina plaga.

Felizmente S. Paulo, voltando atrás, resolve emfim pagar a divida de gratidão para com o

maior dos seus filhos. O monumento salvador dos nossos brios está prestes a se armar em bronze numa praça publica.

O Congresso Legislativo do Estado acaba de votar uma verba de duzentos contos para a erecção duma estatua... ao general Glycerio.



SÁRA, A ETERNA

Pariz, 10 — Os allemães tomaram Riga.

Pariz, 10 — A grande tragica Sára Bernhardt amputou hontem uma perna.

Lembrará a alguém, nesta America, uma actriz de nome Sára Bernhardt que floreceu na Armorica antes da conquista romana?

Que floreceu, viçou e frondejou por lá, levando á scena o "Hamleto" do velho Will, deante de platéas apinhadas de cabelludos celtas frementes de enthusiasmo?

— E' bem velha, então!

— Velha? Tolo que és! Fica sabendo que já vinha de traz. A paleontologia averiguou que no mesozoico bandos de ichtyosauros e iguanodontes rabearam estrepitosamente, sob o docel de fetos copados como baobás, remexidos no amago de uma esthesia jurassica pelas inenarraveis delicias da sua "voix d'or".

O seu vulto magro deixou escabujante de

amor oolítico o coração duma duzia de plesiosauros. Não teve conta o numero de mamutes e megatherios que deram cabo da vida, com uma bala nos miolos, por motivo de ciúmes, ao vel-a requebrar-se em denguiques para um lagarto voador, grande como duas baleias de hoje.

Consta ainda, das sabias investigações de Lyell, que recitou as "Orientaes" de Hugo nas cavernas de Urso Speleus, e que provocou um duello de morte entre um Labyrintodonte e um tremendo Dinotherio derrancado de paixão.

Mais tarde enlevou a alma do nosso pelludo avô, o Pithecanthropo Erecto, arrastando o pobre macaco-homem a loucuras proprias do modernissimo "homo sapiens".

E veiu pela Historia acima, depois de exlasiar gerações inteiras de trogloditas, atravez da pedra lascada, da pedra polida, do bronze, do ferro, e do aluminio que somos hoje.

Com o andar dos seculos mumificou-se, está claro, e mumia conhecemol-a nós — mas, a verdade seja dita, bem espinoteantesinha ainda.

E cá no mundo moderno atravancou-o literalmente com as mil maluqueiras do seu genial cabotinismo entre as quaes não foi das peiores um esquife armado em eça funeraria, no seu quarto, onde dormia vestida de morta.

Qualquer pagina dos Annaes da Terra que abramos, lá está ella a nadar no mar da evidencia. Patagonia, Chile, Zambezia, Thibet — não ha

pedaço do globo que não pisasse na faina de colher glorificações.

Entre nós esteve duas vezes.

Sua "voix d'or", esmoendo alexandrinos de Hugo, tremelicou no extinto Polytheama, pondo tremuras de vibração sagrada naquellas veneraveis folhas de zinco que um fogo abençoado estorricou.

Nossos oradores, em arroubos de eloquencia a 100 grãos, desabrocharam-se diante della de todas as flores aboborinas da rhetorica que lhes tumecia o estro poetico.

O nosso povo applaudiu-a com frenesi, juntando o palco de flores e chapéus, além de gretar as mãos num palmeiar d'arromba-tympans.

A' sahida do theatro a geração academica que hoje vae nos 50 annos, e repimpada no governo sabiamente dá cabo ao canastro do paiz, atrelou-se-lhe ao carro e passeou-a pelas ruas da Paulicéa, relinchando os mais entusiasticos vivas jamais relinchados de garganta humana.

Agradecida, a genial cabotina apresilhou na lapella da Paulopolis ingenua a commenda de Capital Artistica — não disse se do Braz ou do Brazil.

Correu depois as tres Americas, entre epinicios, flores, puchadelas de carro a pulso humano e mais modos de pasmarr da colombina gente.

Na Yankia concebeu um theatro ambulante, de armar e desarmar; executou-o, e andou do Farwest ao Klondicke, assombrando "cow-boys"

e reis de petroleo com as sonoridades auriphonantes da sua nunca assaz decantada voz.

Por meio do telegrapho, das chronicas, dos jornaes, da gravura, do romance, do cartão postal manteve o mundo em sessão permanente de extase diante das suas maluquices, do seu genio, do seu esquite, dos seus ossos ponteagudos, das suas saias, da sua arte, das suas excentricidades de mimosa da fama, das suas "interviews", da sua magreza de louvadeus, dos seus cachorrinhos, do seu filho legitimo, dos seus amantes principescos, do seu cheiro de defunto.

Mais veiu a guerra e pela primeira vez desde o Megatherio a divina Sára foi olvidada.

O mundo, de olhos, ouvidos e commentario postos na grande chacina teve a audacia de esquecel-a.

Sára, amuada, que faz? Corta uma perna e joga com ella para cima do orbe!

O pernil deu volta ao mundo, como um bendegó, e fez por instantes esquecer a rinha europaéa.

Mas o mundo raciocinou: a guerra passa, e Sára fica—volvamos a attenção ao que é transitorio.

E eis Sára de novo no olvido...

Mas á grande actriz é-lhe condição de vida morar permanentemente na ponta da lingua do commentario universal. Não supporta o ostracismo. Custe-lhe embora a perna restante ha de chamar sobre si nova olhadela do mundo,

Esperem, pois, que nova perna virá. Depois vel-a-emos remessar-se outra vez á tona da publicidade por meio do braço esquerdo. E o braço direito virá a seu turno pelos ares em fóra, como carta de visita com um distico relembrativo — “Remember Sarah”. E por fim, recurso derradeiro, vel-a-ão os posteros degolar-se e rolar a cabeça “ebouriffée”, por continentes e mares, na ancia insoffreavel de um supremo “goal”

— E será o fim da velha Sára...

— Ingenuo! Ficará o tronco; os netos dos nossos tataranetos inda applaudirão o «Aiglon», levado á scena por um “toco” tragico, sem pernas, nem braços, nem cabeça. E lhe ouvirão a eterna “voix d’or” em ventriloquia, ou cuidadosamente reproduzida por um phonographo aperfeçoadissimo, arrumado entre baço e os rins.

— !!!

— Porque Sára Bernhardt personificou a serio o seu “Quand même”, e o mundo, paciencia, é roel-a até á consummação dos seculos...



CURIOSO CASO DE MATERIALISA- ÇÃO. CAMILLO C. BRANCO EM S. PAULO

A sobrevivencia espiritual é um facto. Os intermundios sideraes andam povoados de sombras, ou larvas, ou almas que ás vezes se dão ao luxo duma temporaria reencarnação. Agora, pelo carnaval, tive prova disso. Deambulava a deshoras por uma praça vazia, pintalgada de confetti, com estilhas micantes de lança-perfumes nos passeios e fitas serpentinas a balouçarem-se das arvores, quando divisei na minha frente uma sombra a medir passos, meditativa. Botas á Frederica, chapéu de canudo á 1870, sobrecasaca de cintura — um homem evidentemente fantasiado de C. C. Branco, como o pintam as capas vermelhas da edição Chardron. A tantas o figurão apanhou da poeira um pedaço de papel que examinou com attenção á luz do gaz. Cruzei-me com elle, cortejei-o. A sombra retribuiu a saudação e interpellou-me:

— Moço, está bem certo que esta terra é um a que Alvares Cabral descobriu, a contragosto, seculos atraz?

Encarei-o a fito: era Camillo em pessôa, a bigodeira, as maçans salientes, o ar escaveirado... Estremeci e balbuciei:

— E', mestre, isto é o Brasil com S ou Z, á vontade.

— Inda reina Pedro Segundo, o neto de Marco Aurelio?

— Onde vae isso! E' morto o grande velho; baniram-no da terra pelo crime de ser bom e justo. Occupa seu logar um bando de Dons Pedritos que, a falar a verdade, sommados e multiplicados uns pelos outros, não valem o sabugo da unha do mata-piolho do velho.

— E que lingua se fala por aqui?

— A portugueza, está claro.

— Não me parece, objectou a sombra, sacando das algibeiras o papelucho apanhado na rua. Conheço-me em vernaculo, chamaram-me mestre durante a vida terrena. Ora, succede que neste periodico vejo um annuncio em lingua que não é a minha nem é lingua viva ou morta das minhas conhecidas. Será o idioma do futuro? E' nesta sopa juliana que os da terra se entendem?

Corri os olhos sobre o papel, e corei: o annuncio estava redigido no dialecto da Villa Mariana.

TRIANON

Estabelecimento para gozo das Exmas. Familias

Diners chics á prix fixe

MENU

Consommé aux Rejetons
Riz au four á la Kyrial
Suprême de Turbot
Coeur de macassin
Crème Princesse
Etc.

Five-ó-cloc-tea

Aos domingos diners concerts chics a prix
fixe com menus delicados.

— Tem razão o mestre. Isto é um producto da podridão do “chic”.

— Que?

— Diz-se cá destes vortices de elegancia: podre de “chic”!

Camillo olhou-me commiserado e, depois, baixando os olhos para o papel, commentou:

— Já o nome desta baiuca não me sôa bem. Baptizar uma casa de pasto, cá na America, com o nome dum antigo castello francez, sabe-me a disparate. Que é que lá se faz?

— Come-se, bebe-se, dansa-se...

—O nome, então, deveria ser "A' Comedoria Paulistana", ou "Aos bebes da Avenida", ou "A' grossa Pagodeira", coisa assim, toando com as funções do negocio. Mas vá lá. Quer o Candido de Figueiredo que nome cada um pinte o seu como lhe apráz. Noto, entretanto, aqui adiante, este addendo explicativo: *estabelecimento para gozo das exmas. familias*. Estabelecimento para gozo! Que parvoçada é esta, moço?

—O mestre o definiu: é uma parvoçada.

—E este — "Five-ó-cloc-tea"? Cheira-me a inglez, mas não é inglez, salvo si da Boschimania. "O' clock", no meu tempo, trazia um "k" final, muito gracioso como enfeite coccygeano da palavra. Comeram-no, porque? São kaphagos os teus coetaneos, moço?

—Adiante: "Aos domingos diners concerts chics prix fixe com menus delicados". Que soberba nabiça! Na Somalia nenhum soba letrado comporia melhor salada de batatas. Como não ha no periodo palavras gryphadas, supponho que o que me parece francez são vocabulos já naturalizados no paiz. Acho razoavel que a lingua adopte termos exoticos quando os não possue correspondentes. Mas neste caso "diner" diz mais que jantar? "Prix fixe" è coisa differente de preço fixo? "Menu" vae alem da carta ou do cardapio? Que motivos levam vocês a pintalgarem a lingua destas excrescencias inuteis?

—A elegancia, mestre.

— E que coisa é a elegancia?

— E' isto, mestre, uma sensação, uma suggestão. Quando dizemos: *a senhora Fulana*, sentimo-nos chinfrins; mas se dizemos: *Madame Tal*, oh gozo d'alma! Um bafo de parisianismo nos brummelisa por dentro e por fóra. Incapazes de realizar a verdadeira elegancia, que é um modo de ser e fazer desembaraçado, facil, sem constrangimento nem excesso — uma justa medida no movimento e na attitude — nós inventamos esta "macquillage" do gesto, da palavra, dos sentimentos. E regalamo-nos, admirando-nos uns aos outros com ares parvajolas.

— No meu tempo chamava-se a isto maca-quice. Vejo que ella progride.

E, voltando ao thema, continuou:

— Leio cá: "diners chics". Outróra, quando um jantar era um jantar, se lhe appensavam um qualificativo, este só dizia respeito ao seu valor culinario u nutriente — jantar opiparo, jantar succulento. "Jantar chic" sabe-me a "laranja subtil", a "pão elegante", a "ananaz janota", a "feijoada distincta de maneiras", a "batata gracil", e quejandas asnidades.

— E' a elegancia, mestre, é o requinte!

— Espanta-me tambem o que os elegantes comem. "Crème Princesse". Que coisa é?

— Uma gemmada qualquer, mestre; a excellencia do prato está no nome.

— "Suprême de turbot"...

— Isso é uma papa de cação de Santos.

— «Coeur de ma»... que? “ma-cas-sin”... “Maccassin”! Salta rumor! Em França chamam aos bacorinhos ou leitões, “marcassins”. Aqui os Kaphagos são também Rephagos. Comem além do coração do porquinho o “r” do “marcassin”! Porque não dizem ás claras — leitão?

— Ah, mestre, que ingenuidade a vossa!

— E este “riz au four”? E’ arroz de forno, evidentemente. Mas, amigo, se o que voces comem é o porco e o arroz, e se o facto de chamar “marcassin” ao porco, “riz” ao arroz, e “four” ao forno, não melhora o sabor do quitute, porque esta parva mentira da desnaturalisação dos piteus?

— Ah, mestre! Como estamos longe do vosso bom senso! A cultura refinou-nos. A civilisação cresce em Villa Mariana como a mamona. Adquirimos tanto “gout” que, por instincto, o nosso organismo, n’um “diner” elegante, repelliria com “vomissements incoercibles” um “plat” nomeado á portugueza, charramente: arroz de forno, leitão assado. E’ mister que elles venham, embora não mudados de substancia, transfeitos em “marcassin”, ou “riz au four á la princesse Kirialovna avec des pommes de terre cuites”. Só assim as fibras da esthesia gustativa nos tremelicam de goso e dos olhos nos correm lagrimas “á la Brillat Savarin”.

— Mas o povo desta terra não espinoteia de riso diante da macaqueira?

— O povo abre a bocca. Mas que importa o povo? Valem as “élites”, e para estas é prova de suprema distincção receber lições de elegancia do vatel que organisa a macaqueira e dos “garçons” que a dirigem. Nos “diners”, é de bom tom falar nessa lingua burundanga e mastigar com religiosa uncção todos os “macassins” apresentados, fingindo não saber que aquillo nasceu e cresceu num chiqueiro. Os gestos, o modo de pegar no garfo, os movimentos das maxillas são, no elegante, pautados por um codigo de que os “garçons” são os fiscaes. O grande castigo, a vergonha das vergonhas, é incorrer num sorriso comiserado do “garçon”. Dum elegante contam que, certa vez, inadvertidamente, comeu o peixe com a faca e, como cahido em si, vislumbresse um sorriso ironico na cara lavada do “garçon”, alli mesmo deu cabo da vida a tiros de revólver. Não pode sobreviver á deshonra, o desgraçado!

— Estes “garçons” tão poderosos serão acaso plenipotenciarios do Instituto de França, ou cousa que o valha, aqui destacados em missão civilisatoria?

— Nada disso, mestre. São uns pobres diabos que na terra natal foram lacaios e aprenderam, espiando da copa, os habitos dos patrões. Postos no olho da rua, enfiaram-se num porão de navio e, aqui, com grande assombro delles proprios, viram-se transfeitos em mestres e arbitros do bom tom. Dão-nos a comer o que lhes contém e obrigam-nos a comer como lhes apraz.

— Os paulistanos, então, não comem o que querem?

— Oh! não! Comer o que se quer é regionalismo sordido. Come-se o que é de bom tom comer. A arte é universal e a comida também. Manducar leitão assado, picadinho, feijoada, pamonha de milho verde, muqueca e outros petiscos da terra, é uma vergonha tão grande como pintar paisagens locais, romancear tragedias do meio, poetar sentimentos do povo. Até o uso desta lingua que herdamos está em via de tornar-se ignominiosa. Os “magníficos” já a repudiaram para uma idyllica mancebia com o francez argelino. Que dirá o estrangeiro se nos pilha a comer (que horror, meu Deus!) tutú com torresmo, esta vergonhosa pitança regional ou coisas semelhantes?

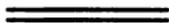
E, assim, no “manger” como no “vivre”, na “poesie” como no “roman”, na “peinture” como na “sculpture”, a victoria da “suprême elegance” é completa. O estylo e a lingua desse annuncio, commentado atrás, é o estylo victorioso, o estylo de amanha. Veja, mestre, a que altitudes ascendemos!

Calei-me. Camillo sacudiu a cabeça como quem viu mais do que esperava. Depois disse:

— Sabe que mais? Vou desincarnar-me, já e já; volto aos intermundios, e lá darei á sombra de Cabral pesames pela asneira que fez. Receio que dêem vocês de criar pello no corpo, e nasçamos caudas no coccyx, e ponham-se todos, de re-

penete, a marinhar arvores acima, com bananas na munheca — desmentindo Darwin. O inguez pôz o macaco no começo da evolução: vocês provam que elle acertaria melhor pondo-o no fim. “Au revoir”!

E lá zarpou para as estrellas a sombra do grande regionalista...



AMOR IMMORTAL

Não se afere no estalão commum dos pechisbeques literarios do anno, de producção intra ou extra-academica, o livro de estréa de J. A. Nogueira.

O seu primeiro merito é ser escripto em portuguez, lingua, se não morta, moribunda, por influxo da endosmose franceza, de acção permanente, que nos vae dessorando a musculosa lingua de Camillo e pondo-a para ahi um calão de porto de mar.

Infelizmente, por contingencia do sal baptismal, o autor não possui nome de boa soada esthetica. A vulgaridade do José Antonio anteposto ao Nogueira mette suspeita de permeio entre o leitor e o livro. Aggrava-a ainda o facto de ser Nogueira um novo que estréa, um novo inteiriço, de fórmula e fundo, novo na lingua usada como novo no thema das novellas— attitudes philosophicas em face do mysterio da vida. Não obstante, o livro resgata o ruim nome, como resgata ainda a audacia da estréa.

Não ha vacillações: «Amor Immortal» é o mais forte, dos mais bellos e sem duvida o mais profundo livro dado á estampa nestes ultimos annos.

Escapando ao quadro vulgar do romance ou conto e ao da dissertação philosophica nua e hispida, crêa um genero novo entre nós, no qual se romanceam penetrantes visões do idealismo moderno. E' a historia das varias attitudes evolutivas de um espirito de profunda cultura, doente da ancia dos horizontes interminos e vagos da vida humana.

Egresso da theologia, em cujo borzeguim não encontrou o molde anciado pelo seu espirito e pela sua sensibilidade, não corrompidos ainda, um e outra, pelo contacto dos nossos nucleosinhos de civilização reflectida, São Paulo e Rio, a sua attitude na novella inicial que dá nome ao volume é a de uma sceptico pela razão, que continua crente pela sensibilidade.

A' velha idéa da immortalidade da alma impreme um amplitude nova, romanceando um amor terreno que transpõe a morte e persiste, eterno, de astro em astro, infinito e immortal. Tirante os dialogos, poucos aliás, que peccam por deselegancia e por uns tons de vulgaridade faceis de apagar, a novella é, em conjuncto, magistral, justificando a phrase ultima do prefacio de Alberto de Oliveira: «Sinto-o capaz de obras primas.

Concorrem alli tintas de Edgard Poe com tonalidades novas, compostas na palheta do autor e só

suas, ao descrever as sensações de um morto que volta, sob as fôrmas astraes da sua vida extra-terrestre, á procura da amante chorosa, ainda viva no mundo. Encontra-a, e tenta abraçá-la:

“Tres vezes tentei enlaçá-la com os meus braços invisiveis, tres vezes penetrei-lhe através do corpo, colhendo-me inane, como um vento imaginario ou sonho vago”.

Mas fujamos á tentação de transcrever; do contrario seria mistér reeditar a novella, tão encantador se nos apresenta esse poema de severa belleza e forte psychologia onde ha paginas sem equivalentes em nossa literatura.

O autor, entretanto, evolue. Na novella seguinte delinea uma crise de pessimismo atroz. A sua sensibilidade affeita ao absoluto, á contemplação, áquella fôrma de immortalidade psychica estabelecida na primeira novella, adocece. Ha rebates, lutas, repugnancias, febre, desanimo, e o residuo final de tudo isso é, logicamente, a idéa do Nirvana.

Amaldiçôa, então, o mundo em **Morrer... Acabar...** onde se debuxa, pavida, a figura branca de Venerando, um velho desarvorado por todos os vendavaes da vida, novo Job que, coherente, aporta ao **Ecclesiastes**.

“Vi todas as coisas que se fazem debaixo do sol e eis que tudo é vaidade e afflicção de espirito”.

A scena da morte de sua filha, que elle occulta á esposa e a um visitante para poupar a

este uma má impressão e dar áquella um prolongamento de esperança, continuando a dissertar calmamente sobre o vazio da vida, põe arrepios dolorosos no leitor em cujo animo evoca toda a cohorte dos grandes pessimismos negros. O espirito mais affirmador da vida, ao vento polar dessa novella, sente afrouxarem-se-lhe todas as cordas da energia, vacilla e descrê.

A logica do pessimismo conduz ao suicidio, mas a vulgaridade do remedio não sôa bem aos espiritos fortes, nos quaes, ainda quando todo o Ecclesiastes lhes carrilhona em torno, zumbindo a zoadada lethal do anniquilmento, subsiste sempre um fundo subconsciente de resistencias em reserva. Isto explica porque Schopenhauer se não suicidou e, ao contrario disso, refloriu mais tarde, em Nietzsche, na mais esplendorosa affirmação da vida.

Nogueira, nos **Sinos Myteriosos** arranca-se ao polvo negro, rehabilita a vida e reaffirma-a, levantando a excommunhão maior lançada contra ella.

Era mistér justificar o illogismo de aceitar a vida após os ululos arrepiadores de Venerando. Desapparecera a fé da primeira attitude entremostrada no **Amor Immortal**. Desappareceria tambem o langor negativista. Nogueira descobre a sexto sentido mysterioso, o presentimento, a adivinhação subliminal. Levam-n'o a esse porto os mysticos modernos, de Maeterlinck a Novalis. Perpassa nos **Sinos** um sopro grandiloquente de poesia tragica. O descriptivo ergue em linhas

simples, numa justa medida jonica, um quadro de lenda, onde um rei de ballada, em festim permanente, ouve, com persistencia, o badalar de sinos mysteriosos, e uiva no desespero impotente de os calar. A vida real é torturada por aquelles sons que ninguem sabe donde partem. A sua filha dilecta, industriada por um velho mago, decifra o enigma. Taes sinos não existiam senão dentro d'elle, em sua consciencia.

«Sabei senhor, que taes sinos mysteriosos não se manifestam sómente em vossos dominios... Os sinos que tanto detestaes tangem em volta de todas as moradas humanas... Soam nos palacios dos reis como nas cabanas dos pobres.. Soam no alto das montanhas como nos valles escuros... visitam as populosas cidades e as mais humildes aldeias... Povôam o céu e a terra e vibram em todos os planetas... Onde quer que haja vida e consciencia—ahi surgem em revoadas, alvoroçados ou sombrios, doces ou lamentosos, amováveis ou desesperados... Porque os ha de todas as especies e os sons que despedem não são os mesmos para todos... Uns ouvem-n'os pesados e profundos... Outros, leves, sonoros e cantantes... Ha os sinos de bronze e as campainhas de ouro... Ha os rebates nocturnos e os alegres repiques matinaes... Ha os dobres subterraneos e sinistros e as cadencias deleitosas que percorrem o azul... Escolhei, Senhor, os vossos sinos... Habituae-vos a escutal-os com amor — e elles se

transformarão em appellos celestiaes. Aфинаe os vossos ouvidos — e elles só annunciarão manhãs gloriosas e alvoradas triumphaes...»

Não pára ahi o cyclo evolutivo do autor. Não lhe satisfaz essa nova attitude. Aprofunda philosophias, medita a India e o complexo genio germanico. Consulta o dualismo em suas multiplas apresentações, e refuga-o como refuga o monismo materialista. O monismo idealista detem-n'o uns instantes. Por fim, deixa-se seduzir pelo idealismo absoluto

Negar a existencia da materia e só reconhecer a existencia do espirito, afirmar a suprema potencialidade da vida... A idéa é, sobretudo, litteraria. **Uma profissão de fé** resulta desse estadio. Que paginas soberbas de sonho, de força, de um vigor inedito são essas! A moldura é um sonho, a idéa outro sonho — sonho magnifico de suggestão.

Um viajante adormece á beira da estrada e assiste á prédica de um sacerdote de religião desconhecida. Essa oração é um fulgor permanente de irradiações a pairar sobre um auditorio em extase. Na impossibilidade de transladar para aqui o conto inteiro, venham uns trechos que lhe amostrem estylo e tom.

«Meus filhos e meus irmãos...»

—As vestes brancas do extranho sacerdote agitaram-se num gesto de abraço. Os candelabros de ouro rutilaram mais vivamente e as fronte

ergueram-se, como para receberem um grande beijo invisível...

«Para que a vida vos seja o prazer, o transporte a que sois destinados: para que sintaes toda a vossa divindade, é necessario que experimenteis a plenitude do extasis... Todas as vossas faculdades são instrumentos de vida, instrumentos de prazer, de transporte, de enthusiasmo... E' preciso que todo o vosso sêr se agite e estremeça, que vibrem todos os sentidos e fulgurem todas as luzes... »

E a sua voz parecia prolongar-se num como ruido de franças agitadas pelo vento — parecia propagar-se pelo espaço afóra e suspirar mil cousas vagas e maravilhosas... Depois subia á maneira de uma vaga, que chegasse de muito longe — subia num crescendo vertiginoso e espraiaava-se qual chuva de perolas irizadas — espraiaava-se sonoramente á luz tremula dos incontaveis lampadarios.»

«Não ha nada pequeno... Tudo é vida... No principio era a vida e a vida era a Divindade... A vida porém, não teve origem, pois da vida procedem todas as cousas... E a vida era o espirito. E o espirito creou a materia e inventou a carne... E a carne foi a sua mais viva e colorida representação—a mais frequente e bella manifestação da alma universal... »

A oração prosegue num crescendo.

«Os candelabros de ouro fulgiam intensamente, maravilhosamente, como si emanassem de

sortilegios coloridos... A multidão, suspensa e silenciosa, fazia pensar em uma assembléa factícia, creada pelas combinações da luz.— «E' uma loucura imaginar que os paraizos são os mesmos para todos, que todas as unidades espirituaes são eguaes e terão egual destino... Cada um cria os seus paraizos e cada existencia não é mais do que um clarão no esplendor sem limites da vida ascendente... O poder de conceber, de imaginar, de crear e de esperar— eis a medida por que se talham os ceus e de onde emergem as supremas realidades das apparencias ineffaveis... As parcellas da vida sobem e descem num vertiginoso redemoinho da treva para a luz e da luz para a treva, segundo a força creadora de que são dotadas, segundo o maior ou menor prazer que as arrebatam... As imaginações incolores e fracas só criam espectaculos sombrios e indecisos, só preparam immortalidades desesperadoras, monotonas e sem brilho... E' que difficilmente supportam o fulgor da consciencia — raios de sol, que atravessam num relampago, incapazes que são de pairar indefinitivamente nas claras regiões em que a vida contempla e ama suas proprias evoluções... Deixemos os fracos esvair-se aniquilados ante a sublime claridade... Deixemol-os irem-se ofuscados para a dôr ou para o Nirvana. Mas, meus filhos e meus irmãos, pronunciemos a grande affirmação nupcial... Amemos a vida, a vida consciente e luminosa... Amemol-a sem desfalleci-

mentos em todos os avatares que crearmos... Cada existencia seja para nós um esplendor preparatorio annunciador de outro esplendor, sempre maior... Lembrae-vos que as aspirações de agora serão a realidade de amanhã, que os sentimentos indiziveis que nos despertam para a belleza, são reflexos mysteriosos do mundo superior, que se cria dentro em nós e que de um momento para outro desabrochará em uma nova existencia.»

E por ahi além, uma procissão de idéas tão fulgurantes quão arrojadas entreabre-se em leque, num crescer de aurora boreal.

A obra prima de que A. de Oliveira antevia a possibilidade, ahi está. Nunca se realisou tão rapidamente um vaticinio arrojado. A não ser que a novella derradeira, *Deuses morrem...* não levante a palma da primazia. Percebe-se nella que o auctor, em seu vôo através das philosophias, cruzou com a aguia taciturna de Sils-Maria. Nietzsche o domina, e, novo Virgilio, o conduz ao *seu* alto. Não achára a verdade até alli. Mas que é a verdade? A eterna interrogação de Pilatos só permite marchas de flanco. Um desses ladeamentos é que não ha verdade e sim verdades, milhões de verdades, as verdades de cada um, verdades que coexistem, lutam entre si, entre-assimilam-se, conquistam-se umas ás outras, subordinadas á lei geral dos sêres vivos.

Quem attinge esta cumeada descobre o infi-

nito do relativo. Nietzsche aqui funcionou como pollen. E' a sua missão, fecundar aquelle em que toca. Ninguem sahe delle uniformizado por um certo molde; sahe livre, sahe *si proprio*. O seu aphorismo — *Vademecum? Vadttecum* — resume toda uma philosophia libertadora: Queres seguir-me? Segue-te.

Nogueira, á poderosa lixivia nietzscheana, desfaz-se de todas as peias e assume livremente uma attitude definitiva, particularmente sua, em face do problema eterno. Cahe num scepticismo fervoroso e criador. Os *Deuses morrem*, a mais bella pagina do livro, é uma sonata amorosa onde se pinta a forma em que, como num oasis, apraz ao seu espirito e á sua sensibilidade elegerem domicilio, clareados pela luz heroica de um scepticismo feliz — feliz á moda de Zarathustra quando, encarando com a vida, exclama radioso: «acabo de olhar-te nos olhos, ó vida».

Impossivel dar conta, em um resumo, do extranhissimo esplendor que irradia dessa novella, como impossivel analysar a impressão causada pela leitura.

Analysar é esquartejar, para exhibir e comentar fragmentos: mas como esquartejar, quebrar pedaços ao que é sonho, ao que é immaterialização translucida? Nem nos soccorre a transcrição: não se destaca sem prejuizo da harmonia geral um trecho sequer, capaz de entremos-

trar vagamente a pujante belleza desta peregrina obra d'arte.

.

A escala ascencional de aperfeiçoamento que notamos entre as novellas deste livro de estréa, denuncia na vida litteraria do auctor a possibilidade de uma ascensão identica, em estylo, em agudeza philosophica, em amplidão de horizontes, em poesia, em belleza, emfim.

Aguardemol-a, pois, confiantes.



RONDONIA

VISAO DO FUTURO E VISÃO DO PASSADO

I

O romancista inglez H. G. Wells nasceu com tres olhos, os dous de toda a gente e um terceiro, agudissimo, não se sabe localisado onde, cuja faculdade de devassar o futuro emparelha com a biblica visão prophetica dos Isaias e Ezequieis. E a tanto vae o acume desse terceiro olho que o senhor William Archer, num acesso de enthusiasmo, propoz ao governo britannico que tomasse o romancista como propheta official, criando esse cargo junto ao Ministerio da Marinha, como uma especie de gavea da nau do Estado, donde Wells, gageiro, fosse prevendo escolhos, e indicando sendas imperceptiveis á visão curta porque normal dos estadistas no leme. Especie de consultor tecnico do futuro.

Não adoptou a Inglaterra o alvitre preopinado, ou temerosa de visões desagradaveis ao patriotismo inglez, ou porque Wells só lança vistas para remotissimo futuro, variante entre cem mil e oi-

tocentos mil annos, caso em que o desvendamento do porvir deixa de ser politicamente interessante.

Do muito que Wells entreviu, relativo ás eras porvindouras, avulta a perspectiva da humanidade em crepusculo lá para annos que se numeram por centenas de milhares. E' na "Machina do Tempo" que elle nos desvenda isso. O caso é este: Um mathematico inglez, reflectindo ponderadamente sobre os principios basicos da Sciencia Perfeita, logo no limiar lhe assignalou uma imperfeição. Era doutrina assente, era mesmo doutrina intangivel, a noção dualista do Espaço e do Tempo. O tal mathematico, porém, após uma vida inteira de meditação, revoga o dogma, destróe o dualismo e demonstra a unidade. O tempo é simplesmente a quarta dimensão do Espaço. Figure-se um cubo. Poderá este solido existir "instantaneamente"? Não. Logo, um cubo não existe apenas pelo concurso da altura, do comprimento e da espessura. Requer ainda uma quarta dimensão que é o tempo. Ora, se o tempo é uma dimensão do Espaço, o homem que já se locomove nas nas tres dimensões classicas, porque não se locomoverá na quarta? O balão vence a altura: a verruma vence a espessura; o auto "bebe" o comprimento. Porque se não inventaria um apparelho de caminhar na quarta dimensão, avançando nella para diante ou para traz, no passado ou no futuro?

Bem amadurecida esta genial theoria o sabio construiu a "machina de explorar o tempo", maravilha sem par entre todas as maravilhas modernas.

Da entrosagem e composição della ninguem fajejou isca ; só se soube que quando em movimento entrava a desmaiar, como se esvaisse, descondendendo-se em nevoa, e por fim sumia, qual cerração batida de sol, ou como ventilador electrico cujas pás, conforme a velocidade, fazem-se confusos discos.

O primeiro passeio feito nella deu resultados estupendos. O sabio sentou-se á machina e deu volta ás manivelas. A engenhoca pôz-se em movimento e o explorador sentiu um cambaleio, como a impressão de quéda nos pesadelos. O ambiente enublou-se e escureceu ; logo após raiou a luz ; que de novo cedeu o passo á obscuridade ; e assim iterativamente. Era o intervallar da noite e do dia, succedendo-se como o bater de immenso par d'azas negras e desconformes. Com o crescer da velocidade aquella alternção doia-lhe na vista como um piscar amiudado ; o sol era, não a bola do costume, mas um arco de fogo riscando o céu, breve apagado e substituido por faixa de luz pallida, a lua. A's arvores via-as nascerem apressadas, crescerem, frondejarem e, esturradas pela velhice, desapparecendo Edificios immensos, palacios, jardins surgiam do solo como cogumelos, para logo esboroarem em ruinaría. A ve-

locidade da amarcha era de um anno por minuto. e assim, cada minuto branquejava a terra sob o lençol da neve ou a reffloria nas verduras da primavera.

A velocidade, porém, crescia e breve o explorador não mais distinguiu coisa nenhuma; envolvia-o um ambiente zumbidor com formas diluidas em discos acinzentados. Cançado daquellas impressões resolveu soffrear a carreira, travou dos freios e parou. O chronometro marcava o anno 802.000 e pico. Tonto e azoado, saltou em terra firme. Estava em Londres, exactamente no lugar donde partira. Mas quão mudado ia aquillo! Nenhum vestigio do mundo antigo. Os palacios outros, a architectura outra, outras hervas nas pradarias e nos jardins flores não lembrando feição nenhuma das suas ancestraes. Os homens, embora com a somatica de hoje, semelhavam porcelanas de Sévres, tão mimosos, frageis e efeminados eram. A estatura decrescera, a compleição afranzinara-se. Nada revelava nas criaturinhas bonitas e debeis o musculoso e viril antepassado. Vestiam roupagens amplas, de bellissimos estofos desconhecidos, um tanto ao geito grego. O corpo glabro, alvissimo; nenhum vestigio das villosidades remanescentes do troglodita ou do pelludo simio darwinico pre-avô. Ares d'aparvalhados, como d'esses derradeiros rebentos das velhas estirpes reaes, incapazes de acção, infantis, fatuos, indolentes, fatiados pelo menor esforço. A occupação delles unia-se apenas em passear, brincar, colher flo-

res e amar. O communismo reinava. Em vez de casas individuaes, palacios collectivos, onde a humanidade morava, dormia e comia na mais perfeita ordem. Pelo vestuario não se extremavam os sexos — vestiam-se por igual figurino. O commercio, a industria, o grande borborinho urbano cedera logar á calmaria dos idéaes realisados: libertára-se a humanidade do trabalho e da desigualdade social. Attingira, em summa, á idade de ouro — e tambem ao crepusculo da especie. A consecussão de todos os sonhos acarretára o abandono da luta pela vida, iniciada desde os primordios da barbaria. Os organs, cessadas as funcções em que se treinavam, cahiram em atrophia; o cerebro adormeceu; os musculos adelgaçaram as fibras. Além de fraca, inerme, estagnada, a humanidade tornou-se parva, pelo desprezo do desenvolvimento cerebral. Vivia alheia a tudo que não fosse o sybaritismo sensual. Museus enormissimos jaziam ao léo, acamando seculos de poeira, com os especimens a esbrugarem-se em abandono. As bibliothecas lera-as o caruncho; dentro das costaneiras luxuosas estavam reduzidas a pó excrementicio as velhas sciencias e toda a literatura humana.

Ao pé disso, porém, reluzia de asseio, na mais meticulosa conservação, tudo quanto aproveitava ao goso dos Eloés (chamar-se-ão assim os nossos netos da idade de ouro). Parques, jardins, palacios de recreio, bosques arborisados de plan-

tas maravilhosas, ruas, caminhos — tudo reluzente como se legiões de criados viessem, pela calada da noite, e de modo a não perturbar o somno dos sybaritas, escoimar a terra dos detritos e recompôr os estragos da usura.

Ao explorador maravilhava aquelle mysterio. A sua posição era um tanto a do nhambiquára arrancado á Rondonia e mettido na Londres actual. Tudo incomprehensivel.

Mas, dos enigmas em que tropeçava a cada momento, nenhum o impressionou tanto como a presença de poços profundissimos, intercalados, sem razão comprehensivel, no meio dos parques. Deliberado a desvendar o mysterio afundou por um delles, indo dar em amplas galerias escurissimas. Ahi riscou um phosphoro e, com assombro, lobrigou por entre o machinario de immensa usina legiões de seres horripilantes, branquicentos, nús, que debandavam offuscados pela claridade, tapando com as mãos os olhos enormes, horrendos como calotas esphericas de geleia viva. Eram os Morlocks.

Depois d'algum reflectir comprehendeu o segredo de tudo. Os Morlocks não passavam de descendentes do proletario de hoje: A sociedade actual, dividida em castas, extremou a separação até aos ultimos limites. A classe superior, detentora das riquezas e do poder, accrescendo-se, seculos em fóra, de umas e de outro, especializando-se no gozal-os, produziu os Eloés; ao passo que a classe

operaria, cada vez mais confinada á usina ou ao trabalho das minas, deu origem aos Morlocks. O habito forçado das fabricas penumbrosas, e das ulheiras escuras, mantido de paes a filhos, desaffeioa-os da luz do sol, e com o discorrer dos seculos cria nelles uma segunda natureza, de morcego. A treva tornou-se-lhes o ambiente habitual, os orgams adaptaram-se a essa vida, e lentamente veio o repudio da vida normal á superficie. A velha scisão do genero humano entre o que trabalha e produz e o que só gosa e consome, normalisou-se, consolidada num accôrdo tacito. As usinas voluntariamente baniram-se da superficie, onde offendiam a aguda esthesia dos sybaritas. Essa crypto-industria, já prenunciada actualmente nos metropolitanos de Pariz, Londres e Nova York, ganhou terreno; hoje um, amanha outro todo o trabalho mechanico — usinas, estaleiros, depositos — foi-se embiocando pela terra a dentro, e na idade de ouro nenhum vestigio d'elle subsistia á superficie. Nesta tudo eram louçanias votuarias adstritas ao goso dos ricos. Os Morlocks, portanto, eram productores que produziam, surdamente, longe da vista dos surperficieaes, tudo quanto lhes era mister para o conforto e o luxo. Das profundas é que subiam á tona os maravilhosos vestuarios, os manjares finissimos e todos os mais requintes necessarios á conservação da classe ociosa. O zelo dos parques e jardins, a limpeza dos palacios e praças, tudo se fazia pelas mãos dos

Morlocks, em silencio, e de modo a não importunar os olhos mortiços dos Eloés com o espectáculo desagradavel da sua presença. Para isso só operavam á noite, emquanto os alfenins dormiam o somno das flores. Os poços escadeados eram o hyphen ligador dos dois mundos.

Ao sabio inglez causou especie a submissão integral de uma classe que podia dominar em absoluto, visto como toda a força estava concentrada em suas mãos. Não tardou muito teve a solução de mais este enigma. Numa das inspecções notou elle que os Morlocks se banquetevam de carne fresca. De onde provinha essa carne uma vez que não existia sobre a terra nenhum dos antigos animaes fornecedores della? Os que Noè apinhara na arca, só nos museus figuravam, e empalhados; vivo, nenhum. A solução do problema foi, sobre inesperada, horrivel. Aquella carne fumegante era... carne humana, era a carne dos Eloés. Os Morlocks fizeram-se anthropophagos. Toda a solitudine demonstrada para com os Eloés, seu carinho em poupar-lhe o minimo esforço, em alimentar-os esplendidamente, em congregarem em torno delles o maximo de bem estar, visava apenas aprimorar a boa qualidade da sua carne. Os Morlocks criavam Eloés na superficie como quem cria um gado de raça finissima productora de optimos filés. Não era portanto, submissão servil, senão senhoril, a dos homens subterraneos para com os superficiaes.

Verificada que foi esta consequencia final do progresso humano, o sabio explorador enojou-se e não quiz ir além. Retornou para a Londres actual e, parece, quebrou a machina, afim de poupar-se a novas decepções relativas á especie.

A sensação deste sabio inglez era até aqui unica. Só elle conseguira deslocar-se da actualidade e mergulhar no ambiente dos seculos futuros.

Mas se era unica já não o é. Roquette Pinto revela-nos um feito semelhante. Sem uso da machina de Wells, cavalgando simples animaes de sella, por picadões varados a foice, elle operou igual milagre. A differença unica foi ter caminhado ás avessas. Em vez de devassar o futuro, como Wells, mergulhou no passado. Apeou em plena edade lithica. Viu, estudou e photographou o homem primitivo, nú de corpo, hirsuto de instinctos, desgarrado como um fossil vivo neste seculo maravilhoso do gaz asphyxiante e do Trianon patchouli. Só não encontrou anthropophagos. No mais, suas sensações — sensações posthumas, foram identicas ás sensações anthumas do explorador inglez. E num livro magnifico, por mil e um motivo digno de ser meditado pelos nossos trianonitas, estampou-as, alternando impressões pessoas com solidas observações scientificas. Rondonia é o bello nome desse bello livro.

As terras de Matto Grosso alagam-se em pantanaes ao sul, firmam-se, depois, na chapada central e, ao norte, alteiam-se montanhosas, revestidas

só então de mato grosso. Nestas paragens pouco devassadas pelo homem é que fica a Rondonia, bello nome criado pelo eminente ethnologo do Museu Nacional, Roquette Pinto, em homenagem a quem, podendo salvar a Patria em doce "otium cum dignitate", na Avenida Central, preferiu dedicar a sua vida ao aspero estudo do sertão.

O nome de Candido Mariano Rondon merece o respeito devido aos heroes da paz. Sua vida é lição, de civismo e de energia. Sua obra espanta. E espanta, sobretudo, porque significa cumprimento de dever. Progredimos tanto em materia de ethica, que cumprir o dever já espanta. Ha dez annos que elle leva de par a construcção de uma linha telegraphica com a construcção scientifica da ethnologia, geologia e geographia do amago do Brasil.

A virgindade daquellas paragens soffreu o primeiro bote por parte dos castelhanos Irala e Chaves, em 1575. Buscavam ouro. Desilludidos cederam o passo ás bandeiras paulistas, as quaes consolidaram para a corôa a posse da terra inhospita. Queriam escravos, e como os encontrassem por lá, persistiram na penetração, succederam-se umas ás outras, e, graças á sua rude energia, Matto Grosso é nosso.

Aleixo Garcia chefiou a primeira. A lavoura criada no littoral reclamava braços. Garcia foi buscá-los. Aquelles homens terriveis não vacillavam na solução dos problemas. Obstaculas naturaes

não detinham seus passos, como nenhum sentimentalismo lhes amollentava a vontade de ferro. Varavam sertões desconhecidos, atacando selvagens cem vezes mais numerosos, com a mesma energia demonstrada hoje pelos seus heroicos descendentes no avança a um Perú de banquete.

Das bandeiras organisadas então, a de Antonio Pires deixou precioso documento, no qual se fala pela primeira vez no "Reino dos Parecizes". Roquette Pinto o dá como o pioneiro do noroeste matogrossense, acima do Sipotuba. Os parecis, senhores da terra, eram copiosos e viviam já em periodo agricola.

Quanto ás tribus localizadas para adiante, na Serra do Norte, soube Pires da sua existencia, mas "era gente que não podia declarar porque lá não tinha chegado".

Pires lá não chegou e o mesmo aconteceu aos sertanistas posteriores. Faziam referencias vagas, mas ninguem vira os mysteriosos indios.

Mais tarde, quando ás bandeiras paulistas se substituíram as bandeiras scientificas, organisadas pelas sociedades sabias da Europa, taes indios continuaram impenetraveis. Sempre referencias vagas, ouvidas sobretudo aos parecis convizinhos.

Surge o nome Nhambiquara, orelha furada, nome posto por antonomasia, visto que o nome proprio desse povo ninguem sabia.

E assim, apesar das bandeiras, e mais tarde das expedições scientificas, incursões de varias

categorias e estudos de Landsdorff, Taunay, Caldas, Pimentel, Couto de Magalhães, Shuller, Milliet, Moure, Chandless, Martius, Barbosa Rodrigues, Castelnau, etc., os mysteriosos indigenas permaneceram impenetraveis á observação directa até que Rondon entrasse em scena. Coube-lhe a primasia de estudal-os.

E' memoravel essa expedição.

Em 1897 partiu Rondon de Diamantino.

A' frente um batedor assignalava o rumo, picando as arvores e communicando-se com a expedição por meio de toques de corneta.

Atrás, na picada recém-aberta, o comboio de abastecimento fechava a marcha.

No dia 7 de Setembro alcançam o "Reino dos Parecizes", onde logo se acamaradam com os indios.

A 19, na Aldeia Queimada, o cacique Uazá-kuriri-gaçu presta-se a guial-os através dos seus dominios.

A 10 de Outubro alcançam as extremas do territorio pareci.

Estão á beira da zona nhambiquara sobre que tantas lendas corriam.

Separa-os de Cuyabá a respeitavel distancia de 605 kilometros.

Pleno deserto.

As privações crescem á medida do avanço.

Viveres escasseando, a penuria os deteria alli se a floresta generosa lhes não acóde com o palmito e o mel.

Pelo fim de Outubro surgem os primeiros vestigios do povo segregado.

Denuncia-o uma tosca pinguela armada no rio Sauêuina, ou Papagaio.

Transcorrem mais alguns dias. Subito, á aza esquerda do Papagaio, a expedição defronta com o primeiro nhambiquara.

Esta scena, que Roquette pinta ao vivo, é de um relevo maravilhoso.

Pela sua grandiosa significação commove á distancia. O que ha de passado, dentro de nós modernos, estremece. Sentimos uma saudade lithica.

Que grande quadro, esse! E' a Pre-historia, por um inexplicavel milagre de conservação, surprehendida pela Historia em flagrante delicto de sobrevivencia. E' o homem moderno travando conhecimento visual com pre-avós julgados extintos e para sempre reduzidos a reliquias fosseis sob as ultimas camadas do quaternario.

E' o primitivo desnudo — lascador de silex que fugia dos derradeiros mamutes e matava rennas para comer — resurrecto de golpe aos olhos do seu aperfeiçoado neto, senhor do telegrapho sem fio e do gaz de mostarda.

Acareação imprevista da edade da pedra lascada com a refulgente edade do ferro — e que ferro, manganez!

Rondon teve a felicidade de gosar a visão retrospectiva dum periodo segregado de nós por

uma camada de seculos orçada por milheiros. Viu o que ninguem jámais viu. A scena em que Roquette Pinto descreve o lance vale a mais bella pagina do romance anthropologico.

Em dado momento Rondon lobriga um vulto no meio de um cerrado.

Approxima-se cauteloso, e espia.

E' um homem nú.

Traz arco e flexas nas mãos, machado de pedra e cesta ás costas.

Está farejando mel.

Descobre uma colmeia no ôco dum pau.

Rondon, immovel, espreita.

O homem nú approxima-se, examina-a, descobre-lhe a entrada e prepara-se para a extracção. Larga em terra as arinas e com o machado de cabo curto corta a madeira até que pela abertura possa entrar a sua munheca. Toma, então, da cesta, ageita-a, e enche-a com os favos roubados.

Aqui o rumor distante dos foiceiros, na faina do picadão, surprehende-o.

O índio entrepára. Apura os ouvidos.

E, com a apprehensão denunciada nos olhos, recolhe as armas e desaparece...

E' só isto, mas quanta belleza na scena!

Esta mesma impressão que teve Rondon gosou a Roquette Pinto mais tarde. Incumbido duma missão scientifica, pelo Museu Nacional, poz-se com rumo para lá, seguindo as pegadas do grande sertanista. E após um mez de jornada, certa

noite... Contemos o facto com suas proprias palavras. «Alta noite, numa collina, á beira da linha (telegraphica), proximo ao Ribeirão 20 de Setembro, avistamos, longe, uma fogueira. Eram elles. Apressámos o passo dos animaes e, a grande distancia, começamos a gritar para os prevenir da nossa presença :

— «O! O! Nen-nen! Nen-nen!» (amigo! amigo!) Vieram logo correndo e gritando; uns gesticulando de mãos livres, outros de cacete em punho, mas não aggressivos, outros ainda de arco e flechas enfeixadas na mão esquerda, enquanto com a direita coçavam a cabeça, sorrindo, desconfiados. Ao luar, muito leitoso, era fantastico o aspecto daquelles homens altos, lepidos, irrequietos, falando sempre, desengonçados, inteiramente nús.

Nessa noite o ethnologo, presa das mais vivas impressões, não poude dormir. «Dormir, excitado por aquelle quadro magico, desenrolado á meia noite? Dormir, naquella noite inesquecivel em que a sorte me fizera surprehender, vivo e activo, o «homem da idade da pedra» recluso no coração do Brasil, a mim que acabava de chegar da Europa, e estava ainda com o cerebro cheio do que a terra possui de requintado na differenciação evolutiva da humanidade! Que gente é essa, que fala idioma tão differente das linguas conhecidas, tão differente da lingua dos seus mais proximos vizinhos; que tem costumes tão estranhos aos que vivem perto; que não conhece os mais essenciaes objectos da «vida» dos seus com-

panheiros do sertão? Donde veio? Por onde passou, que não deixou rastos? Quando chegou áquellas matas, onde vive ha tanto tempo? Que ligações tem com os outros filhos do Brasil?"

De facto, a presença de um nucleo de primitivos como este dos Nhambiquaras é de molde a semear pontos de interrogação na cabeça dos sabios. Se é uma verdade o povoamento da America pelo extravasamento do ancestral mongol, através da ponte aleutica, em nenhuma zona elle se enkystou com tanto aferro ao cascão original. Isolado dos vizinhos, seguiu uma evolução propria, não denunciativa de influencias estranhas. Dialecto especial, ignorancia da rêde, objecto caseiro commum nas vizinhanças, ceramica das mais rudimentares, nenhum conhecimento dos animaes domesticos e da navegação, moradia armada com folhagens, doenças proprias desconhecidas em outras paragens, arte ornamental plumaria apenas em inicio, reminiscencias do periodo anthropophagico, religiosidade inda no estadio do feiticismo pantheista, começos de astrolatria — tudo nelle denuncia um primordio de cultura difficil de harmonisar com as theorias assentes quanto ao nosso aborigenismo.

A origem littoranea do grupo Gê-Botocudo, ao qual se filiam os Nhambiquaras, periclita. Como admittir a hypothese de um ramo sem as qualidades e as characteristics da arvore mãe? Se admittirmos a sua filiação ao grupo Nu-Aruak, como conceber que emigrados do Norte com um determinado

grau de cultura, esse nucleo descido para Sul e fixado no chapadão demonstre uma cultura inferior e tantas diversidades de variada ordem? O conhecimento dos Nhambiquaras veiu restabelecer os X X de muitos problemas já solvidos. E' preciso refazer toda a architectura da ethnologia americana afim de harmonisal-a com o facto novo que, pelo encontro destes indios, Roquette põe em foco. Para base de estudos lança elle, á laia de conclusão, esta affirmativa que deixa indifferente o paiz mas fará remexer na cova os ossos dos numerosos sabios que ferveram os miolos no estudo da nossa ethnologia: «Foi no grande planalto do Brasil que se processou o trabalho da differenciação ethnica sul-americana.»

*
**

O livro de Roquette Pinto é o mais interessante estudo publicado por um patricio sobre um thema que até aqui interessou muito mais aos estrangeiros do que a nós. Francamente, nós temos coisas muito mais serias em que cuidar do que isto de sciencia, esta maçada de raças autochtones e Gês e Nu-Aruaks. Temos, por exemplo, o estudo comparativo dos cem mil instantaneos photographicos publicados pelas nossas revistas illustradas, onde se fixam as attitudes actuaes, os sorrisos, os gestos, os passos, as caretas dos paredros Gês e dos estadistas Nus. Não nos sobra tempo para o estudo dos outros — dos que trazem tanga. Apesar disso, nos momentinhos de folga que a Instantaneographia Comparada nos concede, é possível

darmos nosso quarto de hora de atenção á obra devéras notavel do emerito professor do Museu Nacional. Pela fórma fragmentaria, pelo entresachamento de observações pittorescas relativas á paisagem, esse livro consagra um sabio e geitoso processo de fazer sciencia para Eloés. A sciencia bem dosada nas «pink-pills» é ingerida sem que o percebamos. Arrastados pela parte anecdotica vamos a boiar pela corrente do livro, com os olhos distrahidos pelos quadros marginaes e com o espirito alegrado pelos «casos», e retratos, e observações psychologicas com que o autor entremeia e disfarça a aridez do estudo ethnologico.

O dr. Roquette Pinto é eminentemente comprehensivo. Sabe fazer livros como os precisamos, livros que nos inculcam sciencia "malgré-nous".

Se para finalizar dissermos do elemento seductor que a sympathia pessoal deflue no estylo, teremos feito o elogio completo da sua excellente Rondonia. E restará apenas estranhar o criterio editorial do governo. Foi o governo o editor do livro, mas, ao contrario de todos os outros editores, não o pôz á venda. Publicou-o para guardal-o a sete chaves nos archivos, donde os amigos filam alguns exemplares. O resto o caruncho comerá. Em materia de publicidade é um criterio perfeitamente Gê. Criterio falso, mas, concordemos, riquissimo de côr local...

O SACY

A rotação da terra gera a noite; a noite gera o medo; o medo gera o sobrenatural: — divindades e demonios têm a origem commum da tréva.

Quando o sol raia desdemonisa-se a natureza. Cessa o sabbat. Satan afunda para o Averno seguido da alcateia inteira dos diabos menores.

A bruxa reveste a fórma humana. O lobis-homem perde a natureza dupla. Os fantasmas diluem-se em nevoa. Evaporam-se os duendes. Os gnomos subterraneos mergulham no escuro das tocas. A capora deixa em paz o viajante. As mulas sem cabeça reincabeçam-se e vão pastar mansamente. As almas penadas trancam-se nas tumbas. Os sacys param de assobiar e, cansados duma noite inteira de molecagens, escondem-se nos socavões das grotas, no fundo dos póços, em qualquer lura onde não penetre a luz, sua mortal inimiga. Filhos da sombra, ella os arrasta comsigo mal o Sol annuncia, pela bocca da Aurora, o grande espectaculo em que a Luz e sua filha a Côr esplendem numa fulgurante apotheose.

A tréva, batida de todos os lados, refoge para

os antros onde moram a coruja e o morcego. E nessas nesgas de escuro apinha-se a fauna inteira dos pesadelos, tal qual as rans e peixinhos aprisionados nas pôças sem esgotto quando após ás grandes enchentes a agua se escôa. E como nas poças verdinhentas a tralira permanece immovel, e a ran muda, assim a legião dos diabos se apaga de tal fórma que inutilmente tentarieis surprehender um sequer.

O Sacy, por exemplo.

Abundante á noite como o morcego, nunca se deixou pilhar de dia. Mettido nas tócas de tatú, ou nos ôcos das arvores velhas, ou alapado a beira-rio em solapões de pedra limosa com trança de samambaias á entrada, o moleque de carapuça vermelha sabe como ninguem o segredo de invisibilisar-se. Não colhesse elle, todos os annos, pela noite de S. João, a mysteriosa flôr da samambaia!...

Mal, porém, o sol afrouxa no horizonte, e a morcegada faminta principia a riscar de vôos estrouvinhados o ar cada vez mais escuro da noite, a "saparia" pula dos esconderijos, assobia o silvo de guerra — sacy-pêrêrê — e cae a fundo nas molecagens costumeiras.

A primeira victima é o cavallo. O Sacy corre aos pastos, laça com um cipó o animal escolhido — e nunca errou laçada! — trança-lhe a crina para armar com ella um estribo, e dum salto eil-o montado á sua moda. O cavallo toma-se de panico,

e deita a corcovear pelo campo afóra enquanto o pernetta lhe finca o dente numa veia do pescoço e chupa gostosamente o sangue. Pela manhã o pobre animal apparece varado, murcho dos vazios, cabeça pendida, e suádo como se o afrouxasse uma caminheira de dez leguas beijaes.

O sertanejo premune-o contra esses maleficios pendurando-lhe ao pescoço um rosario de capim ou um bentinho. E' agua na fervura.

Farto, ou impossibilitado daquelle equitação vampirica, o Sacy procura o homem para atenzal-o.

Se encontra na estrada algum viajante tresnoitado, ai delle! Desfere-lhe de improviso um assovio no ouvido, escarrancha-se-lha á garupa — e é uma tragedia inteira o resto da jornada. Não raro o misero perde os sentidos e cáe á beira do barranco até dia alto.

Outras vezes diverte-se o Sacy a pregar-lhe peças menores: desafivela um lóro, desmancha o freio, escorrega o pellego, derruba-lhe o chapéu e faz mil outras picuinhas de brejeiro.

O Sacy tem horror á agua. A proposito narra um depoente, no inquerito do "Estadinho" este caso typico. Havia um caboclo morador numa illha fluvial onde nunca entrára Sacy. As aguas circumvolventes defendiam a feliz mansão. Certa vez, porém, o caboclo foi ao "continente", de canôa, como de habito, e lá se demorou até á noite. De volta notou que a canôa vinha pesadissima e

foi com enormes dificuldades que conseguiu alcançar o abicadouro da margem opposta. Estava a imaginar no estranho do caso — um travessio que fôra canja de dia e virára osso de noite — quando, ao firmar o varejão em terra firme, viu saltar da embarcação um Sacy ás gargalhadas. O malvado aproveitára o incidente do travessio a deshoras para localisar-se na ilha immune, onde, desde então, nunca mais houve socego entre os animaes nem paz entre os homens.

Nos casebres da roça ha sempre uma pequena cruz pendurada ás portas. E' o meio de livrar a vivenda do hospede não convidado. Mesmo assim elle ronda a moradia e arma peças a quem se aventura a sahir para o terreiro, espalha a farinha dos monjolos, remexe o ninho das poedeiras, góra os ovos, e judia das aves.

Se a casa não é defendida, é dentro que opera. Esconde objectos, estraga a massa do pão posta a crescer, esparrama a cinza dos fogões apagados em cata de algum pinhão ou batata esquecida. Se encontra brasas, malabarisa com ellas e ri-se perdidamente quando acontece atravessar uma pelo furo das mãos. Porque, além do mais, tem mãos furadas, o raio do moleque...

As porteiras, como as casas, são vaccinadas contra o Sacy. Rara é a que não traz uma cruz escavado no macarrão. Sêm isto o Sacy divertirse-ia em fazel-a ringir toda a noite ou em abril-a inopinadamente diante do transeunte que a defron-

ta, com grande escandalo e pavor deste, que adivinha logo o autor da amabilidade e a repelle com esconjuros.

Os cães apavoram-se quando percebem um Sacy no terreiro e uivam retransidos.

Refere um depoente o caso da Dona Evarista. Morava esta senhora numa casinha de barro, já velha e buraquenta, em logar infestado. Certa noite ouviu a cachorrada proromper em uivos lamentosos. Assustada, pulou da cama, enfiou a saia e, tonta de somno, foi á cozinha, cuja porta abria para o quintal. Alli estarreceu de assombro: um Sacy arreganhado erguia-se de pé na soleira da porta, dizendo-lhe com diabolica pacholice: Bôa noite, Dona Evarista. A velha perdeu a fala e desabou na terra-batída, só voltando a si pela manhan. Desde então nunca mais lhe saiu das ventas um certo cheiro a enxofre...

Se fossem somente aparições... Mas o Sacy inventa mil coisas para azoinar a humanidade. Furta o piruá de pipoca deixado na peneira, entorna vasilhas d'agua, enreda a linha dos romanos, desfaz os crochês, esconde os roletes de fumo.

Quando um objecto desaparece, dedal ou tesourinha, é inutil campeal-o pela casa inteira que nunca o encontrareis. Basta para isso, entretanto, que se dêem tres nós numa palha colhida num rodaminho, e que a ponham sob o pé da mesa. O Sacy, amarrado e imprensado, visibilizará incontinenti o objecto em questão para que o libertem do supplicio.

Rodamoinho... A sciencia explica este phenomeno mechanicamente pelo choque de ventos contrarios e não sei mais que. Lérias! E' o Sacy quem os arma. Dá-lhe em dias ventosos a veneta de turbilhonar sobre si proprio como um pião. Brincadeira pura. A deslocação do ar, produzida pelo gyroscopio de uma perna só, é que faz o remoinho, onde a poeira, as folhas seccas, as palhinhas dansam em torno d'elle um corropio infrene. Ha mais coisas no céu e na terra do que sonha a tua sciencia, Ganot!

Nessas occasiões é facil apanhal-o. Um rosario de capim bem manejado laça-o infallivelmente. Tambem ha o processo da peneira: é lançal-a emborcada, sobre o nucleo central do redomoinho, Exige-se, porém, que a peneira tenha cruzeta.

A figuração do Sacy soffre muitas variantes. Cada qual o vê a seu modo. Existem, todavia, traços communs sobre os quaes as opiniões são unanimes: uma perna só, olhos de fogo, carapuça vermelha, ar brejeiro, andar pinoteante, cheiro a enxofre, aspecto de meninote. Uns tem-no visto de camisola de baêta, outros de calção curto; a maioria o vê nú.

Quanto ao caracter ha concordancia em lhe attribuir um espirito mais inclinado á brejeirice do que á malvadez. Vem dahi o mixto de medo e sympathia que os meninos peraltas consagram ao Sacy. E' um delles—mais forte, mais travesso, mais diabolico; mas é sempre um delles o mole-

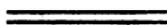
que endemoninhado, capaz de diabruras como as sonha a “saparia”.

A curiosidade despertada pelo inquerito do “Estadinho” denota como está generalizada entre nós a credence. Raro é o brasileiro que não traz na memoria a recordação da quadra saudosa em que “via sacys” e os tinha sempre presentes na imaginação exaltada. Convidados agora a falar do duendezinho, todos impregnam seus depoimentos da nota pessoal das coisas vividas na infancia. Referem-se a elle como a um conhecido velho que a vida, a idade e o discernimento fizeram perder de vista, mas não esquecer...

E—dubitativos uns, scepticos outros, affirmativos muitos,—a conclusão do inquerito é esta: o Sacy existe!...

Como o Putois de Anatole France?

Que importa? Existe. Deus e o Diabo ensinaram-lhe essa maneira subjectiva de existir...



EPILOGO AO INQUERITO SOBRE O SACY

O estudo das credices populares revela o povo em sua intima textura psychica. Revelar é conhecer. O conhecimento do povo, e só elle, ensina os meios, os canaes, a arte de educal-o.

Procedemos nós, os cultos, assim? Não. Em occasião nenhuma, ao crear um instituto politico, literario ou educador de qualquer natureza ou gráu, pomo-nos em face do material humano como o temos.

A mais simples reforma eleitoral, por exemplo. Em vez de legiferante arrumar diante de si, enfileiradas, as creaturas vivas que vão executar o acto do voto, e dar-lhes leis consoantes ao seu feitio mental, ageitadas ás suas taras, conformadas pelas suas bossas, attendidas todas as idiosyncrasias que as individualisam, elle — oh pandego de sobrecasaca! — ergue diante dos olhos o homem ideal dos philosophos utopistas, um boneco de pernas de pau e figados de palha, entidade zoologica inexistente, absurda, grotesca, puro

mundo da lua; e talha o fato para esta fantasmagoria anthropologica.

Prompta a veste, da primeira vez que vae a uso, o eleitor, ao envergal-a, vê que não serve — está curta a calça, o paletó abotôa atrás, os bolsos ás avessas.

Mas é preciso vestil-a. Veste-a á força, e rompem-se as costuras, saltam os botões, estala o cós, enterra-se o chapéu até á orelha. Consequencia: em vez do eleitor arcadico preluzido na mioleira do legiferante sae-lhe Little Bittch a serio.

Já o 15 de Novembro foi assim, em grande.

Uns ideologos, tão sabios em sciencia alheia quanto inscientes no *nosce te ipsum*, metteram-se a alfaiates de toda a nação. O velho mas comodo e bem assentado jaleco imperial que Pedro II conservava escovadinho e serzido com apuro, resolveram elles substituir por um terno á americana. Mas nem sequer o coseram sob medida. Importaram-n'ó dum *Bon Diable* de Boston, já promptinho, e zás, metteram dentro a nação aparvalhada. Consequencia: surgiu no tablado dos povos uma coisa inedita—Little Bittch em ponto paiz.

Variou apenas a coifa; o barrete pé de meia zarcão dos jacobinos do 89 francez substituiu o classico *tuyau* do amigo Bittch. Era até alli o Brasil um indio de tanga, como o figuravam os caricaturistas d'antanho. Após a *macquillage* do 24 de Fevereiro é o mesmo indio em cuecas, de monoculo e cartola.

Nas letras a mesma coisa. Sempre o transplante e o plagio. Quando nas metropoles estava em moda o epico, a tuba sonora, o apotheosamento de illustres piratas que saquearam a India e exterminaram na America o Inca e o Azteca, os poetas de cá rimavam á camoneana, com borbulhas de Grecia mythica entreverando Caramurús e mais boa gente inoffensiva.

Surge Byron na Inglaterra, como um Sacy apollineo? Nós, em massa, byronisamos, fazendo do Tamanduatehy Hellesponto e das crioulinhas ladys Hamiltons e condessas Guicciollis. Veiu Heredia? Veiu Lecomte? Nos herediamos incontinenti, e lecomtiamos com um tal sério...

Nas artes plasticas, *pastiche*.

Milheiros de casas se erguem todo o anno sem o vislumbre duma nota da terra, inventada, creada, nota viva como o mais barbaro thibetano a põe na sua moradia.

No mobiliario sae da sordida canella *ciré* para cair na imbuia dando á linda madeira unicamente formas que Vienna e Estados Unidos inventaram.

Sempre a copia. Copiará o Senegal quando o Senegal crear algo de seu. Temos a phobia da invenção. Chama-se talento á habilidade do costureiro que talha por figurinos.

Todas as terras se vestem ao seu sabor. Nós não. Não temos a bella coragem de metter na cabeça uma porunga lacada a urucú e irmos assim, inponentes, a uma recepção diplomatica.

— Olha o dispausterio! O Sacy ensandeceu este sujeito. Uma porunga na cabeça, que extravagancia!

Este interruptor, entretanto, acha nobre ir-se á festa com um canudo de chaminé na synagoga e no corpo um surtum preto com cauda bipartida. Veste-se de fogão e ao mirar-se ao espelho acha-se elegantissimo!

— Amigo Xarope, a idéa da porunga vale a idéa do inglez aproveitando velhos stocks de luzidios canudos de fogão para, com um palmo delles, uma tampa em cima e abinhas em baixo, arrostar todas as idéas classicas em materia de chapeu—e impor-se ao mundo. A chaminé na cabeça do inglez e o surtum preto de caudinhas adoptado pelo francez, em virtude de razões quiza respeitabilissimas, são creações delles, esplendidas affirmações de individualidade. São coisas nobres que tangenciam o heroico. Já em ti berram de grotescas. Isso de não casares, de não enterares os parentes, de não comeres um banquete, de não ouvires musica de luxo sem *tuyau* no côco e rabo de panno no coccyx, confesa, Xarope, é gorilha até á medulla!

A razão do inglez é solida: apraz-me nesta Londres toda chaminés honrar a industria do canudo usando um palmo delle aprumado sobre a parte mais nobre do meu corpo; apraz-me, e acabou-se.

A do francez é solidissima: apraz-me adquirir em duplo um appendice vulgarissimo entrs

os animaes; provo-me, assim, que sou rei, usando duas caudas entre subditos que só usam uma; apraz-me, e acabou-se.

Mas a tua razão, Xarope, é de cabo de esquadra: trago cartola e casaca nos momentos solemnes porque... inglezes e francezes as trazem!

Este raciocinio simiesco é o mesmo que te leva a dar ao exercito um fardamento por anno sem nunca criar uma farda; e a fundar institutos literarios sem nunca chegar á cultura. Copias tudo, Academias de Letras e kepis; adoptas tudo, immortalidades vitalicias e capacetes. Não foste até ao heroismo invertido de metter cascos alle-mães na cabeça dos nossos soldados da guarda, que os usam ora cahidos para trás, ora de banda, ora enterrados até ás orelhas, de modo a provocar sorrisos de compaixão em toda a gente? E agora, para fardar tiros e escoteiros, não sorveste literalmente os figurinos inglezes? O pausinho da policia, não lh'o deste torneado e cabeçudo tal e qual o dos *policemen* londrinos?

—E esta! Que queria V. que elles tivessem nas mãos?

—Um galho de pau brasil, amigo! Seria pittoresco e heroico. E' força ser heroico — e o heroismo maximo é esse arrostar o ridiculo criando a personalidade. A primeira cartola ingleza sahida á rua foi recebida a pedradas; como era, porém, mais heroico do que Trafalgar, venceu.

INDICE

PAGINA

A caricatura no Brasil	9
A criação do estylo	37
A questão do estylo	47
Esthetica official	55
Ainda o estylo	67
A paisagem brasileira	75
Paranoia ou mystificação?	81
Pedro Americo	89
Almeida Junior	101
A poesia de Ricardo Gonçalves	115
A Hostephagia	123
Como se formam lendas	135
A estatua do patriarcha	146
Sára, a eterna	155
Curioso caso de materialisação	161
Amor immortal	171
Rondonia	183
O Sacy	201
Epilogo ao Inquerito sobre o Sacy	209



Revista do Brasil

Esta publicação é indispensavel em casa de todos os brasileiros cultos. Ser assignante della é dar um alto attestado do seu nivel mental. É, no genero, a que alcançou maior tiragem até hoje, penetrando no Brasil inteiro, de norte a sul.

Cada fasciuculo compõe-se de cerca de 150 paginas, em optimo papel, formando um verdadeiro livro.

DIRECTORES: MONTEIRO LOBATO e LOURENÇO FILHO.

SECRETARIO: ALARICO FRANCO CAIUBY.

Assignatura: 15\$000 por ANNO

Rua Boa Vista, 52 - sobr.
Caixa, 2-B - S. PAULO

Edições da "Revista do Brasil,,

URUPÊS, contos, por MONTEIRO LOBATO ;

CIDADES MORTAS, contos, por MONTEIRO LOBATO ;

IDÉAS DE GÉCA TATÚ, critica, por MONTEIRO LOBATO ;

O PROFESSOR JEREMIAS, romance, por LÉO VAZ ;

ANNAES DE EUGENIA, organisados pelo dr. RENATO KEHL ;

VIDA E MORTE DE GONZAGA DE SA', romance, de LIMA BARRETO ;

RINDO, de MARTIM FRANCISCO (esgotado) ,

SACY-PÊRÊRÊ, (esgotado) ;

PROBLEMA VITAL, de MONTEIRO LOBATO (esgotado) ;

Encontram-se em todas as livrarias e no escriptorio da "Revista do Brasil,,. Aos revendedores, desconto de 20 %.

PAT. JAN 21, 1908

Stanford University Libraries



3 6105 010 436 736

STANFORD UNIVERSITY LIBRARIES
STANFORD AUXILIARY LIBRARY
STANFORD, CALIFORNIA 94305-6004
(415) 723-9201

All books may be recalled after 7 days

DATE DUE

JUN 9 0 1999

MAR 23 1999

OCT 29 2001
OCT 20 2001

